

REVISTA

EDIÇÃO Nº 82 | ABRIL DE 2022

# CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE AMAMOS LIVROS**

Distribuição Gratuita

## CONFIRA

Artigos

Resenhas

Contos

Poemas

Crônicas

Entrevistas

e muito mais...

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ISSN 2448-1068



Adalcinda Camarão: a poesia feminina na  
Amazônia Paraense, pág. 10



Século 21, tempo de estio  
pág. 06



# ÍNDICE

# CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**  
**Editorial, pág. 04**  
**Século 21, tempo de estio, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 06**  
**Adalcinda Camarão: a poesia feminina na amazônia paraense, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 10**  
**Batman: a vingança e a justiça, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 15**  
**Dicas para leitura, pág. 20**  
**Origens discutíveis, por Bert Jr., pág. 22**  
**Poema: Golpe de vista, por Bert Jr., pág. 26**  
**É bom ser professora no Brasil?, por Ana Campos, pág. 28**  
**Poema: ainda sob o luar, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 31**  
**Poema: Bailando pelo ar!, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 32**  
**Crônica: Não sei sobre o que escrever, por Mônica Palacios, pág. 34**  
**Poema: Nada sem amor, por Rosane Pereira da Silva, pág. 36**  
**Crônica: Determinismo, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 38**  
**Poema: Sem mais gurus, por Walysson Gomes, pág. 43**  
**Entrevista com Daniela Terehoff Merino, pág. 44**  
**Entrevista com Américo Moraes, pág. 51**  
**Poema: Me beijou, por Natália Franco, pág. 55**  
**Entrevista com George Luiz, pág. 56**  
**Poema: Ser mulher, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 59**  
**Entrevista com Ivair Antonio Gomes, pág. 60**  
**Entrevista com Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 65**  
**Poema: Entre mim e todos, por Rita Queiroz, pág. 71**  
**Entrevista com Luigi Gabriel, pág. 72**  
**Entrevista com Rejane Markman, pág. 76**  
**Lançamento do livro "A Arte de Amar", de Luiza Moura, pág. 80**  
**Citações de grandes autores, pág. 83**  
**Conto: As guerras pandêmicas, por Roberto Schima, pág. 89**  
**Conto: Ser urso ou ser coelho?, por Daniela S. T. Merino e ilustração de Cláudia A. Terehoff Merino, pág. 95**  
**Conto: O caminho do zumbido, por Daniela Valverde, pág. 99**  
**Conto: Trauma de infância, por Gabrielli Dias Souza, pág. 102**  
**Conto: Um contratempo, por Idicampos, pág. 107**  
**Conto: O cachorro ruivo de olho grande, por Iraci José Marin, pág. 110**  
**Conto: Réquiem para Odin, por Ney Alencar, pág. 113**  
**Conto: O caso da futura rodovia (ou o alumbramento de Eduardo), por Pedro Martins, pág. 117**  
**Conto: Das profundezas do Mar, por Roberto Schima, pág. 124**  
**Conto: Amigos para sempre, por Rosane Pereira da Silva, pág. 130**  
**Conto: Refugiada, por Rosane Pereira da Silva, pág. 133**  
**Conto: Um dia a mais para viver, por Rosane Pereira da Silva, pág. 136**  
**Conto: Ana Francisca, por Míriam Santiago, pág. 139**  
**Conto: A anciã, por André V. S. Lima, pág. 144**  
**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 158**



## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura*

*Entrevistas*

*Artigos*

*Poemas e Contos*

## CLARICE LISPECTOR

"Nos piores momentos, lembre-se: quem é capaz de sofrer intensamente, também pode ser capaz de intensa alegria."

## ALICE RUIZ

"Tem os que passam e tudo se passa com passos já passados tem os que partem da pedra ao vidro deixam tudo partido e tem, ainda bem, os que deixam a vaga impressão de ter ficado."

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

### CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

### ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

### Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

### Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

### Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

CONTATO:  [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



Editor

Ademir  
Pascale

## EDITORIAL

Queridos leitores!

Nossa edição de abril chega com artigos relevantes sobre o mundo dos livros, além de um artigo de Gilmar Duarte Rocha, sobre um assunto que tanto nos entristece: a guerra. Apesar da tecnologia que pode beneficiar o mundo e do avanço na informação, ainda existem pessoas com mentes perversas e pensamentos arcaicos que podem matar e destruir por ganância e poder, sem o menor pudor pela vida humana. Mas ainda bem que nem todos pensam assim e que ainda existe esperança para um mundo melhor.

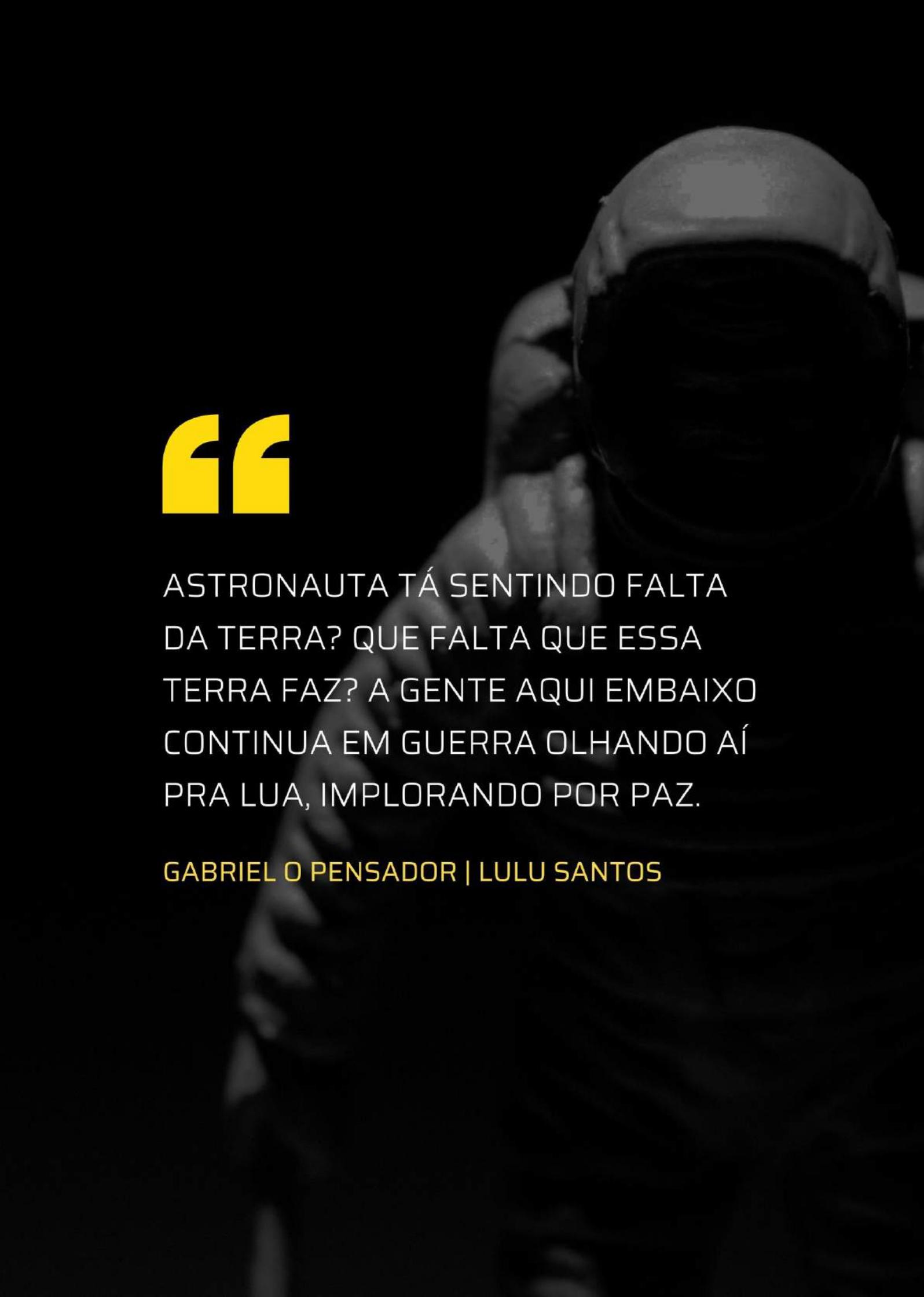
Para saber como participar da nossa edição de maio/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenham uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

A black and white photograph of an astronaut in a full space suit, floating in space. The astronaut is positioned on the right side of the frame, looking towards the camera. The background is dark, suggesting the void of space. The text is overlaid on the left side of the image.

“

ASTRONAUTA TÁ SENTINDO FALTA  
DA TERRA? QUE FALTA QUE ESSA  
TERRA FAZ? A GENTE AQUI EMBAIXO  
CONTINUA EM GUERRA OLHANDO AÍ  
PRA LUA, IMPLORANDO POR PAZ.

GABRIEL O PENSADOR | LULU SANTOS

# SÉCULO 21, TEMPO DE ESTIO



POR GILMAR DUARTE ROCHA

O século 21 começou carimbado pelo maior ataque terrorista de todos os tempos, a ação conjunta, cruel e genocida às Torres Gêmeas, em Manhattan, Nova York, em 11 de setembro, ataque esse que ceifou de uma só estocada quase quatro milhares de vida. Desde os horrores da Segunda Grande Guerra nunca se via atrocidade parecida contra seres humanos — o século atual começava em grande e mau estilo.

O atentado aos americanos acendia o estopim de um longo rastilho de pólvora, fazendo desabrochar em toda a sua plenitude o sentimento antissemita árabe dos descendentes de anglo-saxões, que vestiram a carapuça da vingança, usando o subterfúgio de existência de armas químicas no Iraque para iniciar um verdadeiro massacre contra o povo persa.

O mundo aquiesceu. Olho por olho; dente por dente. Não é o que diz a Bíblia, em um dos seus pequenos versos?

Pois bem, coincidência ou não, após um massacre atrás do outro, após a cabeça dos assassinos Bin Laden, Saddam Hussein e Muammar Gaddafi rolarem após a descida da lâmina fina e implacável da guilhotina, surgiu um movimento de insurreição no Oriente Próximo (justamente no Oriente Próximo) chamada de “Primavera Árabe”, concomitantemente com uma aberração intitulada Estado Islâmico e o mundo por aquelas bandas virou um inferno de vez, com as chamas consumindo vidas e mais vidas, países destruídos, cabeças rolando, países sendo varridos do mapa (Síria e Iraque), eslavos medievais inserindo-se no contexto da matança com o beneplácito dos americanos e o conhecido berço do mundo — a faixa que vai da antiga Anatólia até a Mesopotâmia — nunca mais foi o mesmo.

Parece macumba de madrinha, com o perdão dos umbandistas: justamente quando a segunda década do século se encaminhava para uma espécie de ajuste fino, surgiu, não se sabe de onde, um vírus monumental como a humanidade nunca tinha visto antes, nem mesmo o ser vivo que levou milhões de almas durante a renomada Gripe Espanhola, batizado de Sars-Cov-2, que inaugurou uma doença multifacetada, apelidada de Covid-19, que levou instantaneamente mais milhões de vidas, e não conduziu mais vidas graças à ação dos antígenos e dos elementos de corticoide.

Estranha praga! Uma pequena exclamação.

Então quando essa desgraça estava sendo controlada, eis que aparece há poucas semanas uma ação inconsequente (e aparentemente injustificável) dos eslavos medievais do norte, aqueles que chamamos de russos, seres que apresentavam algum tipo de inteligência e humanização quando revisitamos às letras eslavas do Século 19, e destacamos figuras ímpares da literatura, tal como Dostoiévski, Tchékhov, Tolstoi, dentre outros, e pensávamos que essas criaturas buscavam atingir um certo grau de civilidade, e essas aberrações humanas (pelo menos a casta superior deles), lideradas por um autocrata irresponsável de nome Vladimir Putin, a rigor um arrivista oriundo da antiga KGB — o temido serviço secreto soviético, uma réplica sem tirar nem pôr da Gestapo nazista — e que cresceu no poder alimentando a fome pecuniária dos seus comparsas com gordas fatias do que sobrou da infraestrutura da antiga União Soviética e que engordou (em todos os sentidos) à custa do proselitismo barato da falsa ideia de progresso daquele país; e essas aberrações humanas, lideradas pelo pequeno Vladimir, resolvem atacar (de novo)

a vizinha Ucrânia, sobre o pretexto de que os ucranianos são nazistas e que eles estavam dizimando a população do país de Gogol de origem russa.

De onde veio essa coisa chamada informação falsa ou fake news?

De onde veio o ataque cibernético em massa que virou o cenário em questão de dias de eleições importantes, como a decisão pela saída do Reino Unido da União Europeia (o dito Brexit); a eleição do inconsequente e ganancioso Donald Trump em 2016 (vale um aparte nesse ponto: eu estava nos EUA em outubro daquele ano, menos de um mês antes das eleições, e as pesquisas apontavam uma vitória consagrada e acachapante da democrata Hilary Clinton); das eleições inusitadas no Brasil em 2018 de figuras medíocres e risíveis, tanto no plano federal como no plano estadual. De onde vem esses ataques a sistemas e computadores do mundo todo? Ataques direcionados tão somente a combalida e frágil democracia, sistema de governo que ainda se configura como eficiente e racional, até que se descubra outro melhor.

Aguardo respostas.

A rigor, acho que já tenho metade das informações que necessito para entender todo esse contexto, pois eu sei que a população mundial cresce na velocidade de cruzeiro, e que grande parte dessas pessoas novas que chegam ao mundo são de origem pobre e que vão crescer num universo de carências de recursos materiais e de necessidades de consumo cada dia maiores.

Há como resolver essa equação?

Não sei. Após o término da segunda grande guerra, uma das convenções das ONU, era de que o desenvolvimento da qualidade da vida humana deveria ser perseguido. De todas as convenções firmadas no pós guerra, essa ficou pelo caminho.

Voltando ao tema Século 21 enxergo apenas a vastidão de um altiplano sem fim, sem nada, sem horizonte. Enxergo tempo de estio. Deus queira que eu esteja errado.



**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA  
GAVETA

# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

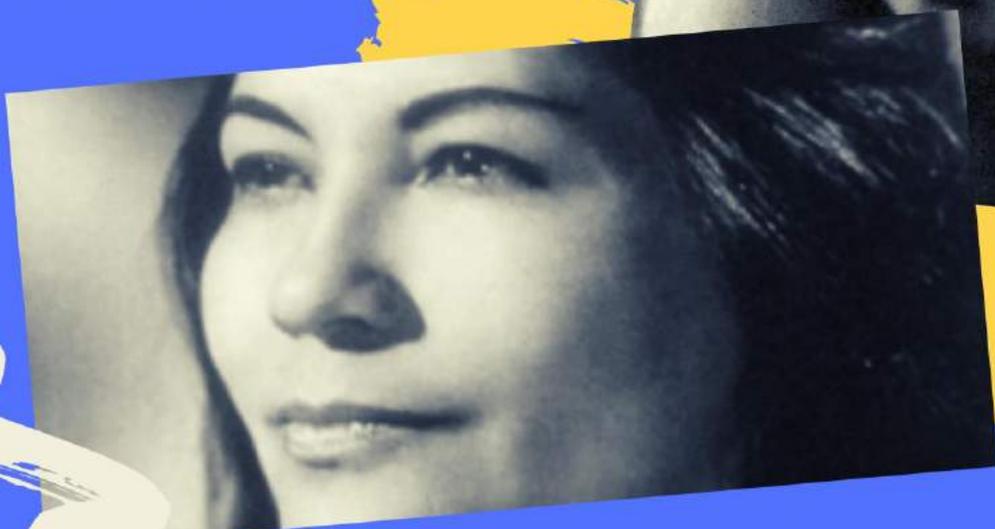
antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

**LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI**

**ADALCINDA  
CAMARÃO:  
A POESIA  
FEMININA  
NA  
AMAZÔNIA  
PARAENSE**



**POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES**

**Anseio**

Ah, eu quisera ser aquela árvore  
 coberta pelas garças brancas de voo incerto!  
 Árvore plantada pelo acaso  
 à margem do rio enorme!  
 Árvore de frondes anantos,  
 desejosa, quase humana,  
 que se arrepia ao contato  
 das penas dos papagaios que passam!  
 Árvore que tem o grande amor do vento  
 e que dá sombra para o gado descansar.  
 Árvore estéril, árvore bela, árvore fresca,  
 árvore amante de todos os crepúsculos,  
 no solstício do inverno ou do verão,  
 Árvore do pensamento das outras árvores! (CAMARÃO, 2001, p. 40).

**A**dalcinda Magno Camarão Luxardo (1915?- 2005) foi uma escritora paraense nascida no município de Muaná na Ilha de Marajó/Pará, provavelmente no dia 18 de julho de 1915?. Foi uma poetisa e compositora, casada com o cineasta Líbero Luxardo, com quem teve um filho. Suas primeiras experiências literárias estão vinculadas à produção poética. Em 1938, de acordo com as pesquisas bibliográficas da autora catalogadas por Enske (2014), escreveu e publicou na revista de estudantes *Terra Imatura*. “Esse periódico dedicava-se, sobretudo, a literatura. Nele publicavam-se poemas, contos, crônicas e também temas variados como educação e rádio”. (MOURÃO, 2006, p. 34). Ela ainda viria a publicar e a colaborar com muitas outras revistas que circularam na cidade de Belém nas primeiras década do século XX, como: *Guajarina*, *A Semana* e *Amazônia*, nos jornais *O diário* e *A Província*.

Barbosa (2012) aponta que nesses espaços de produção periodística em que Adalcinda teve acesso, ela utilizou um tema recontado da estética modernista, inseriu termos como “brasilidade”, tão debatido a partir da década de 1920 nas principais revistas de Belém: *Belém Nova*, *Guajarina* e *A Semana*. Isso demonstrava o quanto a escritora corroborava para as mudanças estéticas que estavam ocorrendo no cenário literário brasileiro. Desses termos, produziu “‘brasilidade’ e ‘Poesia descuidada’, que se fazem presente no texto da poetisa.” (BARBOSA, 2012, p. 116). Essa despreocupação com a forma e a inserção de novas palavras à escrita, e em suas atitudes nos espaços sociais já anunciava o quanto Adalcinda criativamente destecia os padrões sociais patriarcais impostos às mulheres de seu tempo, seja por meio da palavra, seja por sua própria presença (seu nome) nas publicações em espaços litero-artistas em que nomes masculinos eram predominantes.

Ela foi poetisa, contista, romancista e uma das redatoras da Revista, escreveu com exclusividade para *A Semana* o “poema *O Igarapé das Almas*, em que se evidencia o caráter social, histórico e econômico da região” (MOURÃO, 2006, p. 55). Adalcinda Camarão representou uma geração de mulheres que caracterizou um período de transição entre gerações, a de 1920 e a de 1940, que embora pouca, penetrou nos espaços de divulgação das ideias outrora pertencentes aos homens.

No contexto de produção de Adalcinda, não restam dúvidas de que “através da poética de Adalcinda tomamos conhecimento de um olhar muito particular da escritora ao falar da Amazônia, suas riquezas naturais e culturais” (BARBOSA, 2016, p. 120), que a brasilidade dos desapegos aos elementos estéticos fez sua voz uma modernista na Amazônia Paraense pelo poder construtivo de sua subjetividade, mas, por outro lado, a presença de seus textos vai muito além do paisagismo e do imaginário marajoara comum em seus versos, e seu erotismo possibilita uma leitura muito mais que a sensualidade, a sexualidade ou atributos ao corpo feminino no perfil do prazer – essa vertente de sua produção é uma canção da liberdade para outras vozes femininas despertar.

Enske (2014, p. 1), por exemplo, destaca que a atuação de Adalcinda no cenário cultural literário paraense foi “como uma das poucas mulheres que militaram no universo da arte durante este período, quando ainda normalista, passou a fazer parte dos grupos de estudantes que lutavam em frentes literárias”. E essa luta em muito foi consolidada a partir de suas publicações em revistas, a exemplo disso, *A Semana* por esta apresentar regularmente a presença de fotos, de legendas das personalidades, de atores e de atrizes internacionais, ensaios cinematográficos, fotos e comentários, da capa, o periódico destacava-se, principalmente, pelas variedades de produções listadas (MOURÃO, 2006) o que possibilitou com que diversas temáticas e opiniões fossem manifestadas, sobretudo, a dela: Adalcinda.

O ativismo litero-artístico de Adalcinda fez com que em 07 de agosto de 1949 fosse eleita para ocupar a cadeira nº. 17 da Academia Paraense de Letras, tomou posse em janeiro de 1950 – no Teatro da Paz – tornando-se uma das primeiras mulheres a sentar em uma Academia de prestígio. Raquel de Queiroz por exemplo, conquistaria o direito a uma vaga na ABL só em 1977. Espaços como esses majoritariamente até hoje ocupados por homens, aos poucos foram sendo ocupados, graças a mulheres como elas.

Dentre suas obras, destacam-se as publicações de livros de poemas:

- *Despetalei a Rosa* (1941)
- *Vidência* (1943)
- *Baladas de Monte Alegre* (1943)
- *Entre Espelhos e Estrelas* (1953)
- *Caminho do Vento* (1968)
- *Folhas* (1978)
- *À Sombra das Cerejeiras* (1989)
- *Antologia Poética* (1995)
- *Outros Poemas* (1995)

Para o Teatro, escreveu as peças:

- *Um Reflexo de Aço* (1955)
- *O Mar e a Praia* (1956).

Ainda escreveu sobre o Folclore *Lendas da Terra Verde* (1956) e outros livros destinados ao ensino.

Aldacinda foi uma das maiores representatividades femininas na Literatura Paraense, foi uma mulher que sempre demonstrou a outras mulheres como a educação

ampliava o horizonte de perspectivas do feminino. Morou mais de quarenta anos nos Estados Unidos, retornou ao Brasil em 2000 e faleceu em Belém em 2005. E é homenageada até hoje por aqueles que lutam por uma educação justa para todas as meninas e mulheres.

### Referências

BARBOSA, Iris de Fátima Lima. **Versos modernos... A paisagem amazônica no imaginário poético de Adalcinda Camarão**. Dissertação Mestrado em Letras: Lingüística e Teoria Literária 153 p. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

CAMARÃO, Adalcinda. Anseio. In: SAVARY, Olga (Seleção e Notas). **Poesia do Grão-Pará**. Rio de Janeiro, RJ: Graphia Editorial, 2001.

ENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Adalcinda Magno Camarão Luxardo - a poeta marajoara**. Templo Cultural Delfos, abril/2014. Disponível em: [elfikurten.com.br](http://elfikurten.com.br). Acesso em: 10 mar. 2022.

MOURÃO, Sílvia Carvalho. **A Semana: Periódico Literário**. Dissertação de Mestrado. 90 f. Departamento de Língua e Literatura Vernácula, Centro de Letras e Artes. Santarém: Universidade Federal do Pará, 2006.



Adalcinda Camarão e Líbero Antônio Luxardo

**Cristiane de Mesquita Alves** é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA/CNPq). Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

18 de abril

# DIA NACIONAL DO LIVRO INFANTIL



# Batman: A vingança e a justiça

Por Clayton Alexandre Zocarato



“Batman” interpretado por Robert Pattinson reforça um sentido ontológico, na construção do herói, mas que detém um sentido psicótico, de valor realístico em fazer de sua sombra um habitat subjetivo maléfico naturalista, dos seus piores instintos.

O filme **“Batman”** interpretado por Robert Pattinson reforça um sentido ontológico, na construção do herói, mas que detém um sentido psicótico, de valor realístico em fazer de sua sombra um habitat subjetivo maléfico naturalista, dos seus piores instintos.

Instintos esses que vão se acalorando, para exaurir um existencialismo, que assim vai realizando simulacros, quanto à destruição de um **“eu”**, que possa assim sair do sentido da vingança somente pela vingança.

Pattinson faz uma atuação paranoide, quanto a realizar algum tipo de simpatia que Bruce Wayne possa ter pela humanidade, que seguindo os princípios de Erich Fromm, **“sobrevive em uma sociabilidade decadente”**, mas que vai sendo arquitetado como um executor em colocar novas formas de esperança e temor, em como realizar uma sublime cooptação da subjetividade na destruição de se pleitear eticamente, em como se chegar a fazer justiça sem precisar usar das trevas.

Porém logo no início da película, há um **“close”** quanto a um vigilante que sai da escuridão, e que de certa maneira ele é a própria escuridão que assim vai sendo escorada por sussurros se revelar, não estar pronto para um mundo onde o terror existe plenamente.

Ou seja, Batman, de Matt Reeves, pode ser comparado a reinvenção de um **“Conde De Monte Cristo”** Moderno, mas que ao invés de Edmond Danté, que usa da experiência de traição do seu melhor amigo e o julgamento nefasto, por um crime que não cometeu ficando encarcerado em uma masmorra insular e que usa de uma fortuna obscura, para criar uma outra identidade, estereotipada no desejo de destruição daqueles que lhe fizeram mal, Wayne não é um playboy com **“ás”** de conquistador como um Christian Bale na trilogia de Christopher Nolan, ou uma canastrice de simpatia como Bem Affleck em Batman x Superman, mas sim a essência de um indivíduo que não está nem aí para nada e ninguém, ao qual a figura do Vigilante Noturno, é unida a características praticamente homogêneas de um milionário sóciopata, que vai sim se transformado em um símbolo de contravenção psicológica em usar da frieza como utensílio tanto para amedrontar, como para combater o crime.

Em determinados momentos, Batman fica extremamente visível esteticamente, contando com uma lógica de usar de gozo frenético no seu arcabouço de violência, em se prostrar perante um mundo que quanto comparados princípios de Arthur Schopenhauer, **“usa da pulsão da paixão”**, como uma karma ontológico, para assim se chegar a humanização, de que as leis, são uma forma de controlar a sociedade, fazendo semiologias hipócritas, de que possam assim trazer ordem e paz para de forma plena.

Pattinson faz um jogo de psicose com o espectador, onde com seus atos demoníacos, de combater o crime, deixa evidente, que seu desejo de vingança, se une ao sentido de buscar uma justiça que passa pelo seu campo pessoal, não importando, que para isso se enterre cada vez mais a um ostracismo empático, onde, o que importa é que a **“bandidagem”**, pague pelos seus erros, custe o que custar.

Em certa medida, o seu arquétipo cinematográfico, detém flancos alusivos para uma Gotham City suja, e que desperta os sentimentos mais obscuros do **“Cavaleiro Das Trevas”**.

Batman, não é um guardião dos bons costumes, ou o alter-ego, de um injustiçado, que venha produzir miasmas, de assim consolidar uma luta solitária perante um sistema corrupto, que contém em suas estruturas o desejo utilitarista, na manutenção de um medo controlador, mas sim gera uma semântica, de fortalecimento espiritual de que, diante as tragédias pessoais, pode transcorrerem metamorfoses de caráter, aos quais as vontades particulares, são levadas para uma concentração de uma massificação abrupta, em realizar atos de perseguições, que coloquem as vidas civis em risco, mas que contem exclusivamente o objetivo de fazer um caminho de paz a encontrar um empreendedorismo mórbido, de um jugo filosófico, de que para se chegar ao cumprimento da lei, às vezes necessita transgredir as próprias leis.

A Vingança ao qual Batman tanto busca, em um comparativo histórico, também deixa um tom de barbaridade, para atribuir que indiretamente se constrói um lúgubre sentimento fascista, onde não está ornamentando uma clemência para aqueles que venham a fazerem, mal para os inocentes.

Não que necessariamente Reeves tenha focado, em fazer uma obra, onde necessite decretar o encarceramento ou morte do delinqüente, mas para uma conjectura política, o confronto entre o *“Morcego de Gotham, contra um mafioso canastrão, Pingüim (Colin Farrell), ou um Black Bloc Terrorista Anárquico (Paul Dano)”*, que faz do seu Charada, um contraponto em que buscar a justiça passa em determinados momentos por uma transcendência em fazer um zumbido de eliminar a natureza humana da piedade, ao qual Hannah Arendt vai reclassificar dentro dos sistemas governamentais fechados, como a definição do *“terror levado ao seu mais puro teor de abstração castradora”*.

Abstração por pensar que tudo passa a ser normal, como uma patologia de destruição de uma ética que venha, a conceituar multiculturalismos perante o que seja diferente e não unicamente transgressor.

E uma castração, quanto a uma limitação, em tentar fazer uma união intelectual, quanto, a uma formidável multiplicidade de oportunidades, quanto resplandecer politicamente problemáticas, em como alijar uma opulenta aniquilação de importância humanística para os mais sombrios, desvios temperamentais do ser-humano.

Mesmo dentro de um perfil anarquista de um Charada, que representar um poder paralelo, a denunciar os poderes das pessoas mais ilustres de Gotham, está implícito uma suntuosidade de instrumentação sociológica, na descrença de que o Estado possa assim fazer um Direito, que fuja das premissas antropológicas de selvageria humana, como também na *“formação social de uma mente”*, (contando com o amparo de Lev Vygotsky), passando para uma explanação de que o empirismo psicológico, possa assim explicar como ocorrer uma formulação mental lúcida, quanto a necessidade de uma civilização em conter organizações ou indivíduos, que ajam, segundo seus interesses pessoais, fazendo uma massificação opinativa, em algo que julgam ser justo, mas que em muitos momentos passa para um júbilo de discriminação e manipulação.

E nesses casos, a vingança, coloca um efeito de causar terror para a criminalidade, que vai assim produzindo deidades, quanto à postulação de procedimentos legais, que possam também não assediar a legitimidade de constituições corruptas do Direito Formal.

Em torno do seu lado obscuro, Batman entre um cunho *“freudiano”*, realizando uma *“contra – ataraxia de tranqüilidade da alma”*.

Ele não pode ter calma, pois sua vaidade pessoal, estar em buscar a angariar, reflexões acerca de diacronias em evidenciar um apetite pela destruição, para assim se chegar a uma nova construção de moralidade.

Ou seja, a falta de ordem, é uma segurança para que seus procedimentos, possam conter algum, significado de verificação de equilíbrio, entre o que seria o abuso ou ousadia.

Praticamente, está alojado entre os dois, enquanto os abusos de desrespeitar condutas de procedimentos burocráticos da lei, agindo conforme sua vontade, e não diante do que precisa ser realizado de maneira eficaz.

Batman de Matt Reeves é um mergulho doentio, perante as memórias de uma dialética de oportunidades, quanto a compreender, os limites entre os prazeres de um masoquismo em fazer o que bem entender, contras as imposições, de não ir a favor de aflições, que venha a realizarem litografias de que para construir o bem-comum, se faça uma epistemologia cultural, de não respeitar os limites de cada ser humano.

Sua vingança equaliza de maneira cruel, o senso de responsabilidade perante o *“outro”*.

Dentro desse antropo, esse *“outro”*, ao mesmo tempo em que necessita de sua proteção e atenção, também passar por diversas penúrias, onde não há limites, ou como frisa Bale, *“para o Batman não há limites”*.

Sim! *“O Batman de Pattinson, também não tem limites”*, assim como a essência do personagem criado por Bob Kane, que o acompanha para uma jurisprudência de entretenimento voltada para o medo.

Um medo que é a aversão de Wayne, em descobrir que sua vingança de certa forma evidencia a ludibriar um sentimento tecnicista em ser igual às outras pessoas.

Batman traça sua luta contra criminalidade, como um fervor para agastar o amor, que é um desafio constante para se conservar, perante um mundialismo frenético, que consome as entranhas de um pensamento que possa ao mesmo tempo ser libertador, mas que eleve o crescimento de um paraíso nefasto, em questionar e ser questionado sem conter um terreno *“maiêutico”*, profícuo.

Sua gana está em encontrar a cada noite, um deslocamento mental da sua tipologia psicológica que necessita a cada instante, provar para si mesmo, que é necessário ter inimigos para seu valor como guardião não venha cair em um esquecimento, e também para quebrar uma objetivação sardônica de elaborar, reflexões quanto a ornamentar um *“construtivismo”* de falso senso de justiça que fique inteiramente voltado ao seu *“eu”*, de buscar na vingança alguma comprovação espiritual para conseguir alguma justiça, que seja para todos, e que necessariamente passe pela escuridão para se chegar à coesão e ação forma coerente.

Batman de Matt Reeves é um exemplo de que o homem tem a necessidade de sempre ser desafiado, mas até que o ponto, o desafio passa de libertação para condenação?

Pattinson é a condenação da inocência e libertação da crueldade, em nome de uma *“pseudo-ordem”*, que somente fica instaurada em um fluído neurológico ambicionista e

detetivesco do Batman, em sempre desafiar os limites entre o certo, e o errado, para reinventar sua vingança, fazendo disso sua justiça pessoal, e (a)temporal.

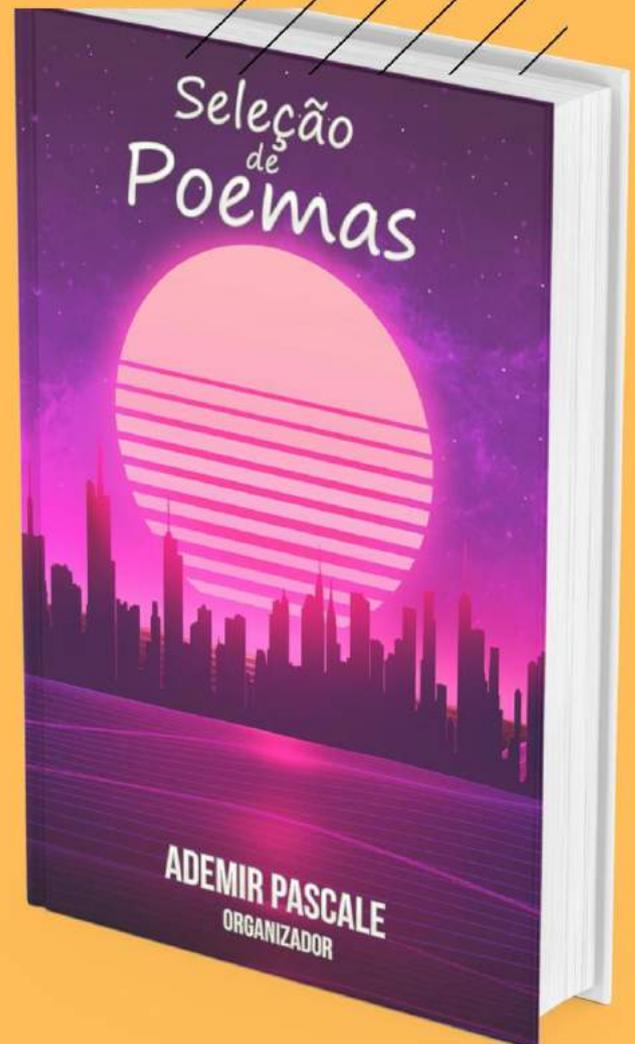


**Clayton Alexandre Zocarato** - Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias. Email: [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br). Instagram: Clayton.Zocarato - Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>

O ROMANCE DE HENRY FARRELL, BRILHANTEMENTE ADAPTADO AO CINEMA EM 1962, TEM O MESMO TOQUE DE TERROR GÓTICO E PSICOLÓGICO DE GRANDES CLÁSSICOS DESENTERRADOS PELA EDITORA, COMO PSICOSE (1959), DE ROBERT BLOCH, E MENINA MÁ (1954), DE WILLIAM MARCH.

O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE? CONTA A HISTÓRIA DAS IRMÃS HUDSON, DUAS MULHERES DE IDADE QUE VIVEM ISOLADAS EM UMA MANSÃO E MANTÊM UMA RELAÇÃO DOENTIA DE DEPENDÊNCIA, INVEJA, RANCOR E CULPA.

UMA OBRA DA DARKSIDE BOOKS.



EM SELEÇÃO DE POEMAS, O LEITOR PODERÁ CONFERIR DIVERSOS POEMAS ESCRITOS POR ALGUNS DOS MAIS PROMISSORES ESCRITORES BRASILEIROS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

**divulgue o seu livro**

NAS EDIÇÕES DA

**Revista Conexão Literatura**



**ENTRE EM CONTATO**

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

*Missoshiro - Café -  
Talheres - Gravata -  
Dança e Beijo*

---

## ORIGENS DISCUTÍVEIS

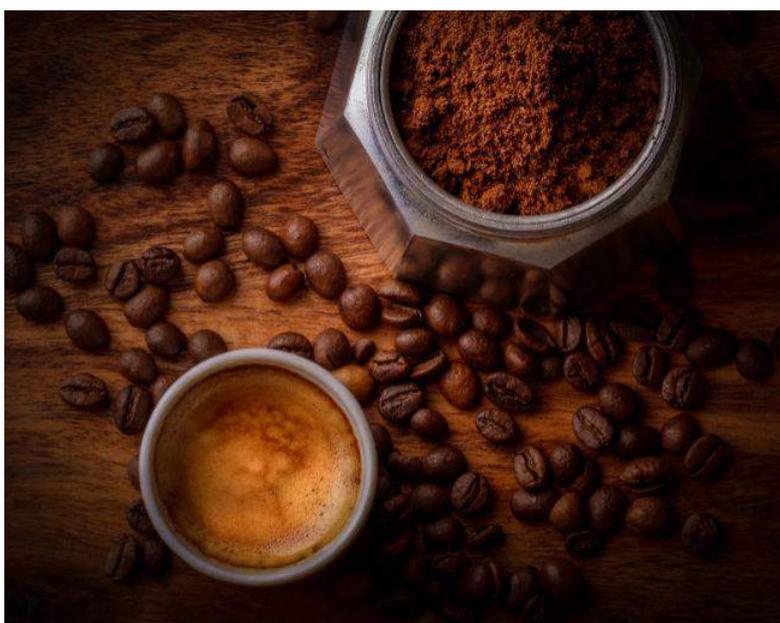
Há muitas origens no mínimo discutíveis para vários dos fatos presentes na cultura humana.

Volta e meia, hipóteses explicativas são levantadas, mas a verdade é que, com frequência, ficamos impedidos de formar uma opinião "científica" sobre tais origens. Com o intuito de contribuir para o debate, apresento, a seguir, uma lista pessoal de explicações para o mistério em torno de alguns dos nossos costumes.



- **Missoshiro.** A origem dessa famosa sopinha japonesa parece estar ligada aos rituais de meditação. Conta-se que um antigo mestre budista, notando a dificuldade de seus discípulos para esvaziar a mente, teve uma ideia brilhante. Entregou a cada um deles uma tigela de sopa rala, com a instrução de que deveriam tomá-la de palitinho até o fim. Os discípulos, motivados pela associação entre meditação e comida, atiraram-se às suas tigelas, buscando encontrar a melhor técnica para levar a sopa à boca usando apenas os palitos. Passaram-se dois ou três dias, e os mais aplicados apenas haviam, a muito custo, chegado à metade de suas tigelas. À beira da inanição, vários discípulos desfaleceram. O mestre, então, teve outra ideia brilhante: acrescentou cubinhos de queijo de soja à sopa. O incremento da receita trouxe renovado alento aos pupilos, e, finalmente, um deles conseguiu terminar o conteúdo de sua tigela. Perguntado sobre qual ensinamento havia retirado da experiência, ele respondeu: “Devemos dar valor ao que temos e não desistir de nosso objetivo por julgar as condições inadequadas ou insuficientes”. O mestre sorriu de forma enigmática e ordenou que trouxessem outra tigela de sopa ao discípulo, mas com a ração de tofu reduzida à metade.

- **Café.** O grão torrado de café pode ter sido um poderoso incenso natural, utilizado pelos nossos ancestrais para disfarçar os odores fétidos que empestavam o ar das cavernas e grutas ocupadas por eles. Acidentalmente, ou mesmo por curiosidade, os grãos da fruta teriam ido parar na fogueira e, ao serem



torrados, desprendiam seu aroma característico, que inebriava o aguçado olfato do homem primitivo. Milênios mais tarde, com a evolução das técnicas culinárias, o homo sapiens revolveu moer o grão torrado para usá-lo como tempero. O resultado não agradou; porém, no processo, o pó do café acabou sendo aferventado dentro de alguma panela de barro e consumido junto com o caldo da refeição. O resultado é que muita gente não conseguiu mais pregar o olho às 7 da noite, e disso decorreram efeitos civilizatórios importantíssimos. Em busca do que fazer entre as 18 e 23 horas, nossos ancestrais passaram a promover festas nos acampamentos, com dança, peças de teatro e competições

variadas. A animação também contagiou o interior das tendas, o que fez o ritmo de crescimento da população humana aumentar sensivelmente.



- **Talheres.** É muito provável que a invenção dos talheres esteja relacionada ao consumo de carne. Na pré-história, após o abate, a caça devia ser repartida com o grupo. A faca foi o primeiro talher a ser inventado, pois servia não só para cortar pedaços individuais da presa, como também para defender o seu próprio pedaço da cobiça dos demais. Com frequência, algum glutão tentava furtar a porção do vizinho e terminava com a mão retalhada por um golpe de faca. Em tais circunstâncias, a invenção do garfo constituiu um recurso engenhoso para resguardar a mão em suas furtivas incursões alimentares. Quantos milênios terá o homem passado com a faca e o garfo nas mãos até perceber que poderia usá-los combinadamente? Ninguém sabe ao certo; o fato é que até o final da Idade Média a grande maioria ainda comia com as mãos.
- **Gravata.** Pouquíssima gente desconfia que o uso da gravata pode ter sido um dos primeiros atos de empoderamento feminino do Ocidente. As interpretações tradicionais costumam creditar a origem desse costume como pura expressão da vaidade masculina, uma forma estilizada de idolatria fálica. Nada disso. A gravata surgiu para servir de força portátil, que as esposas, ou noivas, podiam acionar para controlar os maridos, ou noivos, nas festas de salão europeias. Ao perceber que seu parceiro nutria um interesse além da conta por alguma rival, a dama se aproximava sutilmente de seu acompanhante, esboçando afeto, e, sob



o pretexto de arrumar o nó da gravata, apertava-o de um tirão. Ao que parece, esse doloroso aviso costumava surtir considerável efeito inibidor sobre o assanhamento do parceiro. Contudo, se o ciúme da parceira fosse muito grande, o acompanhante podia acabar enforcado de verdade.

- **Dança.** A imitação dos ritos de acasalamento de espécies do reino animal, sobretudo das aves, é uma das explicações mais aceitas para a origem da dança. Menos conhecida é a hipótese religiosa. De acordo com esta versão, a dança teria sido inspirada no ritual de caminhar sobre brasas, praticado por líderes religiosos como demonstração da capacidade do espírito de transcender os limites do corpo físico. Os leigos, ao assistir tais cerimônias, tiveram a ideia de eliminar a parte das brasas e apenas reproduzir os estranhos movimentos que o xamã executava, vendo nisso um atalho para se chegar ao estado de graça. Não atingiram a iluminação, mas passaram a se divertir muito mais do que antes.
- **Beijo.** As origens do beijo são seguramente bastante antigas, pertencendo a um contexto ainda pré-histórico, em que a linguagem era rudimentar e o pensamento mágico predominava. Na sociedade primitiva, quando um indivíduo sentia atração por alguém, evidentemente não conseguia expressar esse sentimento de forma adequada com palavras. Em compensação, nossos ancestrais acreditavam que, se tocassem suas línguas uma na outra, aconteceria uma transmissão mágica do que precisava ser comunicado. O costume virou moda rapidamente, sendo inclusive utilizado nas comunicações intertribais. Com o passar do tempo, a prática do beijo se tornou um dos principais fatores, juntamente com o consumo de café, para o incremento acelerado da população humana no planeta.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Em dezembro de 2021, lançou seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Pretende publicar, em breve, um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino*.

Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



# GOLPE DE VISTA

POR BERT JR.

QUE TÊM ESSES OLHOS  
DE TÃO ESPECIAL?  
AQUILO TALVEZ  
QUE NÃO QUERO CALAR  
MAS NÃO CHEGO A  
DIZER



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Publicou, em 2020, o livro Fict-Essays e contos mais leves. Também compõe músicas e letras. Em dezembro de 2021, lançou seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Pretende publicar, em breve, um segundo volume de contos, intitulado Do Incisivo ao Canino.

Instagram: @\_bertjunior.

Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

senha - senha - senha - senha

senha - senha - senha - senha

**REVISTA  
\* CONEXÃO \*  
LITERATURA**



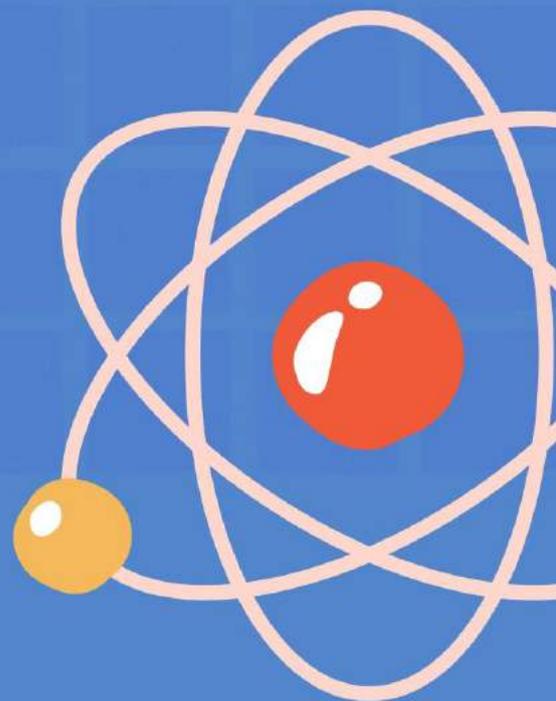
**CONECTANDO**  

---

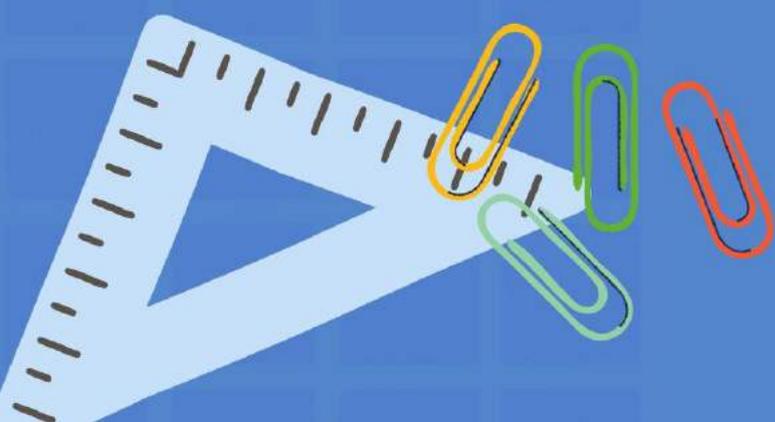
**AUTORES E LEITORES**

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Por  
Ana Campos



# E BOM SER PROFESSORA NO BRASIL?



**N**o Brasil, as atividades do professor do magistério superior são aquelas pertinentes ao sistema indissociável do ensino e pesquisa, exercida nas universidades e estabelecimentos isolados em nível superior, para fins de transmissão e ampliação do saber.

Sempre soube que a docência seria meu caminho. Desde a infância, eu brincava de escolinha, ensinando meus irmãos, vizinhos e amigos. É um dom, é um talento. É uma herança de ambos os lados. Ensinar, aprender e estudar.

Durante a graduação em Odontologia não houve oportunidades para desenvolver essa habilidade. Ainda assim, lembro-me que me sai bem nas apresentações orais e tinha facilidade para dialogar sobre diferentes temas com os colegas e com a comunidade. Na docência, oficialmente, comecei em 2005 nos cursos técnicos de auxiliar de Odontologia, Radiologia. Era divertido, trabalhava como dentista até 18 horas e nos cursos até 22 horas. No ensino superior eu comecei em 2008, graças à indicação de um grande professor e enfermeiro. Fui professora de didática do ensino superior e metodologia científica para cursos de graduação em saúde. Eu topava tudo, diferentes disciplinas em diferentes cursos. Com o Mestrado e Doutorado, as oportunidades foram se ampliando, bem como as responsabilidades.

Depois do pós-doutorado em Envelhecimento em 2014, era a hora de avançar na carreira profissional. Decidida a ser professora na região da Amazônia, fiz um concurso para professor substituto em uma universidade federal no Pará. Fui aprovada em primeiro lugar, mas eu queria mais. Então, achamos um concurso público para a área de Bioestatística no curso de Saúde Coletiva no interior do Pará. Uma oportunidade perfeita para mim. Preparei-me bem, e com a desistência dos concorrentes, algo comum por aqui, fui aprovada.

Já são seis anos aqui descobrindo e ressignificando minhas habilidades e sonhos. No caminho, muitos desafios, preconceitos, mas também algumas amizades e muitas conquistas. Algumas vezes ao lembrar de toda essa trajetória, começo a chorar de consternação, de nostalgia. Depois levanto e de novo recomeço. Então, para quem me perguntar é bom ser professora? É ótimo, só não é fácil nem valorizado por aqui.

---

**Ana Campos**, nascida em Sete Lagoas, Minas Gerais, formada em Odontologia e Doutora em Saúde Coletiva. Professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, Pará. Embaixadora da Região Norte do Movimento Parent in Science. Poeta e cronista; mãe e cientista. Começou a escrever aos 12 anos e teve alguns textos publicados em jornais e sites; e concursos literários. Autora do livro de poesias "Uma carta de pai para filha" publicado pela Editora Viseu (2020).

DEPOIS DA LEITURA, QUE TAL UM LANCHINHO?

# DIVULGUE

O SEU RESTAURANTE OU LANCHONETE  
NAS EDIÇÕES DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ENTRE EM CONTATO  
ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# ainda sob o luar

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Robustas palavras dirigidas aos Céus  
Todas envolvendo carinho, amor, por mim  
Ao escutá-las, apreciei o gosto gostoso do mel  
Na boca a me refrescar em uma alegria sem fim

Da gritaria, ao perceber  
Tão louca  
E rouca  
Fiquei ao te agradecer

Não se tratava  
De um sonhar  
Pois gritava pelo tanto a me amar  
E, confesso, adorava

As flores coloridas pelo ar jogadas  
Deixando-as (ao meu redor) cair bem "fantasiadas"  
Levaram-me a chorar  
Pelo coração no raro emocionar

Pela janela, com braços abertos, novamente me entreguei  
Beijos intensos, abraços, de nada me cansei  
E desse esperado voltar  
Quão delicioso somente a ti te amar

Brasileiro, casado, nascido no dia 21 de dezembro de 1940, na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista, com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua principal atuação se dá na cidade de Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, sob a coordenação do Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Participa desde a edição 6 e está agora na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. No mês de Janeiro foi editado outro livro com o título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE!

Sou autor de cinco músicas e além de outros Livros de Poemas escritos, tenho cinco romances prontos para serem editados.

# BAILANDO PELO AR!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Pelo bosque passeando  
Conseguí, com rapidez, aparar  
Certa vez, na palma da mão  
Bailando pelo ar, a colorida pétala de rosa

Entendi como outra vida buscando  
Por vontade Divina, às minhas mãos se acomodar  
Senti bater forte (bem disparado) o coração  
Ah! Mas desse tamanho "susto" coisa tão maravilhosa

Súbito, o ato tornou-se gigante, fora-do normal  
A cada instante "travestindo-se" em natural  
Na poesia, fazendo deitar-se suavemente acomodada  
Tão bela (posso dizer) deixando-se ser admirada

Do novo cenário formado  
Raros momentos imaginados frutificando no "jardim"  
Severamente me lembrando para que jamais esqueça, enfim  
Como aquele ingênuo amor (pedaço da flor) transformou este apaixonado!

Acalmado, sorrindo para a singela pétala de rosa  
Especialmente colorida, bela, formosa  
Sem poder evitar, o "interior" disparou à cena rever  
E confesso: nenhuma lágrima consegui conter

Descia (pela face) uma a uma devagarinho  
Delicadamente escorria... de mansinho  
No coração, ainda a real sensação do amor que foi se perder  
Ah! Querida! Quão infinda a "pena" essa pétala não ter sido você

Brasileiro, casado, nascido no dia 21 de dezembro de 1940, na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista, com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua principal atuação se dá na cidade de Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, sob a coordenação do Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Participa desde a edição 6 e está agora na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. No mês de Janeiro foi editado outro livro com o título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE!

Sou autor de cinco músicas e além de outros Livros de Poemas escritos, tenho cinco romances prontos para serem editados.

Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

## PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 100

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

# AUTOESTIMA

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves



# Não sei sobre o que escrever

CRÔNICA

Por Mónica Palacios

**P**arece uma frase feita ou de efeito. Nada disso. Pura verdade. Posso até admitir que pretendo desmitificar o mágico momento em que inspiração se instala com unhas e dentes a nosso lado, nos dita serenamente o texto e a gente, revisa, e finalmente, após a vírgula e pontos, escreve o ponto final.

Esse momento é gratificante, como aquela atuação na escola em que todos aplaudem e se justifica a correria de preparativos frente aos pais.

Sim, não acreditem que me deslumbra nem deslumbrava. São só momentos e a costura do tempo gira, gira, gira até o dia e hora em que algo acontece e perdemos essa sensação de glória ou meritocracia.

Nesta segunda etapa, olhamos rostos brancos, emudecidos, gestos frios, robotizados, saliva ausente, lágrimas abundantes e a sensação de que precisamos é começar tudo de novo.

Agora entendi porque não sabia sobre o que escrever... sinto que tudo já foi dito, sentido, amadurecido embora volta a aparecer.



### **Mónica Palacios**

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

# Nada Sem Amor

Por Rosane Pereira da Silva



O amor é bálsamo  
É inspiração, motivo vivo  
É insumo necessário para o espírito  
É extensão do infinito

Nenhuma caridade ou simulação de bondade  
Nem mesmo o sacrifício, ou martírio,  
Valem nada sem amor na verdade,  
O amor é o sentimento mais extraordinário.

O amor encanta como os lírios do campo,  
no perfume e na exuberância, és beleza.  
Se incondicional, na leveza, é pureza.

O amor é vigor, esplendor, asas do condor.  
Liberta e flui, pulsa e enlaça, perpassa...  
É abraço divinal, é obra da graça que a compreensão ultrapassa.



Rosane Pereira da Silva  
Graduada em língua portuguesa e literatura, pós graduação em  
produção textual e linguística.  
Professora estadual do ensino público. Moro em São Sebastião do Alto RJ  
interior do estado do Rio de Janeiro.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

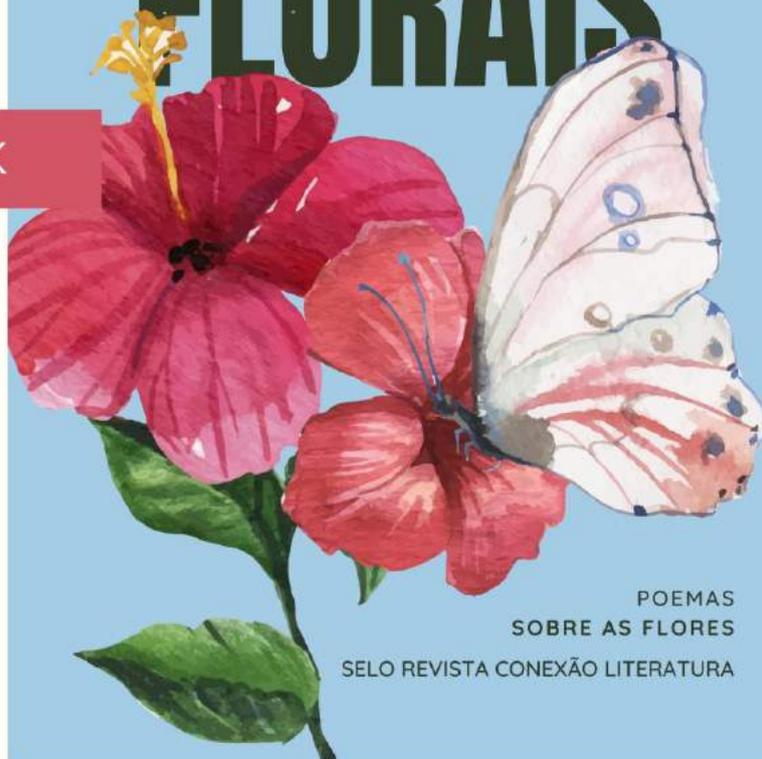
# POEMAS FLORAIS

*poemas sobre as flores*

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# POEMAS FLORAIS

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

A person is shown in silhouette, kneeling in prayer with hands clasped, set against a vibrant sunset background. The sky transitions from a bright yellow near the horizon to a deep blue at the top. In the foreground, dark, silhouetted mountains are visible. The overall mood is contemplative and serene.

# DETERMINISMO

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

CRÔNICA

**S**em dúvida alguma, este texto não possui intenções teológicas; seu formato remete a uma simples crônica, enviando observações simples do cotidiano e apontamentos, meramente, pessoais.

É muito bom fazer uso desse gênero textual! Os fatos vão se alinhando de maneira fluida e natural, seguindo um processo interno. A autora junta uma "observaçõzinha" aqui, uma "leiturinha" ali e, na montagem do quebra-cabeça, surge um texto com traços únicos, nem sempre tão agradável de se ler, mas feito sob medida.

Seguindo o modelo acima, ousou iniciar esta reflexão, com uma citação evangélica: JOÃO 1,46, quando Natanael foi convidado por Filipe, para seguir Jesus, transformando-se em apóstolo:

"Pode, por ventura, vir coisa boa de Nazaré?/ Felipe retrucou: Vem e vê."

Um versículo tão pequeno e tão denso! Uma frase interrogativa, induzindo a uma afirmação: "Pode, por ventura, vir coisa boa de Nazaré?"... Mas, como assim? Impossível vir coisa boa de Nazaré.

Em contrapartida, a resposta de Filipe: "Vem e vê" explica tudo... Veja por você mesmo! Não tire conclusões precipitadas!

Simple, não?! Nem tanto!

Quantas vezes somos tentados a conceituar fatos e pessoas, por impressões rasas, simplistas, que facilitam nossa "definição" e nos ajudam a sintetizar algo que demandaria muito tempo e trabalho, para ser conceituado?

Penso que, se o próprio Jesus, foi julgado, de maneira equivocada, em vários momentos, situações piores podem se manifestar na modesta convivência humana! Somos superficiais!

"Aquele menino vai ser gerente de loja? Mas ele nunca conseguiu emprego com carteira assinada antes!"

"Aquele garota vai se casar?! Mas ela ficou com a rua inteira, antes de conhecer o noivo!"

"O vizinho conseguiu ser promovido na empresa!? Não sei como! Veio de uma família tão desorganizada! Sabia que o pai dele é alcoólatra?"

Não! Essas não são conversas do século passado! Frases análogas a essas são muito comuns e integram o "blá-blá-blá" contemporâneo. Quanto mais próximas as pessoas estão de nossos limitados sentidos, mais acentuados se tornam seus defeitos. Perfeito é aquele que habita à distância!

Partindo desta premissa, os seres se reduzem a rótulos que nada condizem com seus conteúdos e a humanidade avança, "evolui", simplificando o que parece complexo, denominando o "inominável", criando teorias de teorias. O ser superior e racional tem dessas coisas... Equivocado reducionismo, cruel determinismo!

Diante de tantos desafios, seria recomendável ao ser "em evolução" iniciar uma longa sabatina de questões sem respostas, porque a vida é de uma complexidade imensa, mesmo! Pensar demais chega a causar certa dor, mas não seria pior viver sem pensar?

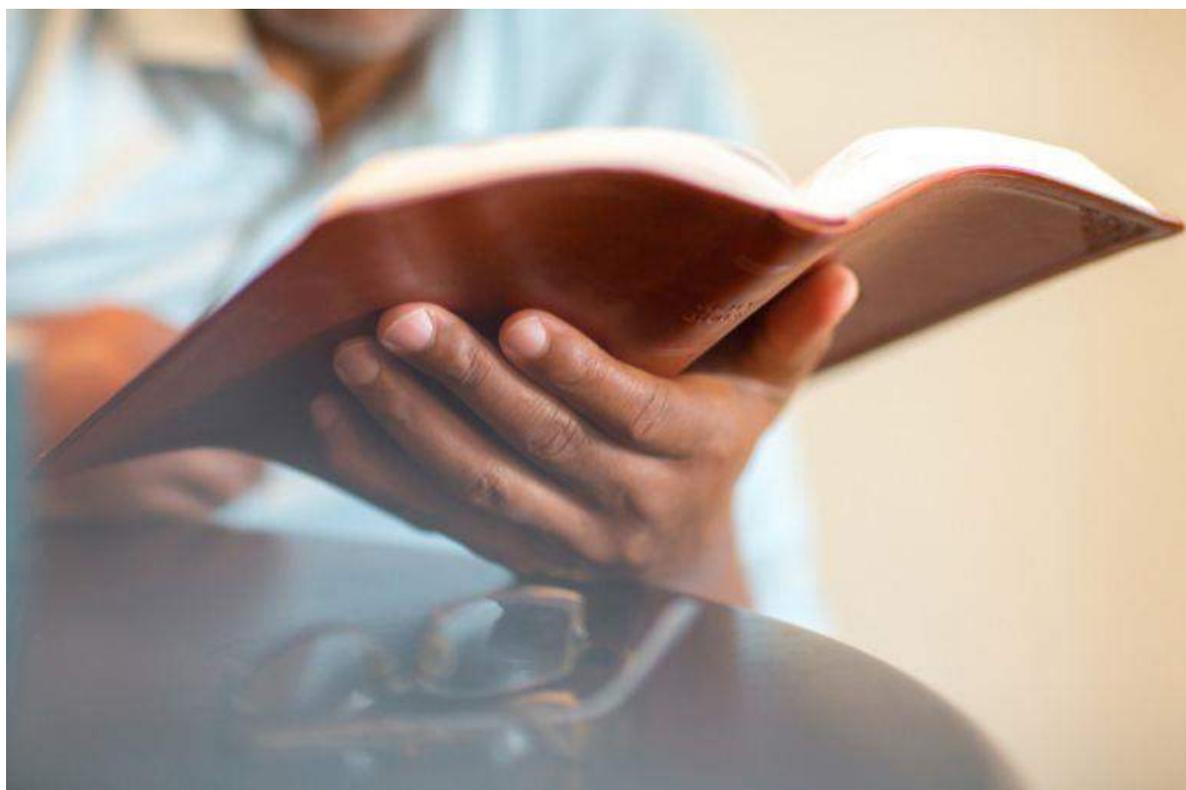
Não seria mais interessante acreditar que as vidas e histórias mudam? Que não há verdades absolutas e que os fatos são mutáveis?

Perguntas... perguntas... perguntas... quase todas sem respostas!

Quem sou?

Quem são as pessoas no entorno?

Quem são meus semelhantes e, se são semelhantes, por que o estranhamento?  
Os rótulos servem para quê?  
Para não alongar o diálogo (que mais parece um monólogo) termino estas linhas com a resposta de Filipe na citação de JOÃO 1, 46: "Vem e vê!"  
Mas veja sem preguiça, mas veja pra valer!



### **MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA**

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA -Itália, tendo participado do XXXIII Salão Internacional do Livro de Turim (outubro de 2021), como colunista da Revista Bilingue ACIMA Itália (OBA) e coautora de Antologia.

Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural.

Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos.

Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros, organizados pela ZL Books – Editora (New York, Portugal e, em 2021, Paris – França).

É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.



Abra as portas para o conhecimento

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

## REVISTA CONEXÃO LITERATURA



### Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



### Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



### Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



### Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# SEM MAIS GURUS

POR WALYSSON GOMES

---

O mundo e seus ismos  
Talvez fascinem o jovem Enzo  
Mas não iludem por verbo a  
esmo  
Um homem maduro com seus  
cismos.

Vivenciados os alaridos,  
Desde os mais remotos tempos,  
Salvacionismo urrado ao vento  
Por demagogos convencidos.

O alazão e o paladino,  
Junto ao brilho matutino,  
Rutilam luz ao povo truão.

Mas ao entoar o hino,  
O ilibado emerge cretino  
E toda aurora, escuridão.

---

Walysson Gomes é professor e pesquisador na área da química e ensino de ciências, exercendo atividades de magistério a nível básico, técnico e superior no IFCE desde 2017. Trocou os textões e os debates nas redes sociais pela poesia, onde encontrou um modo mais pleno e excelso de catarse.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA COM

DANIELA TEREHOFF MERINO



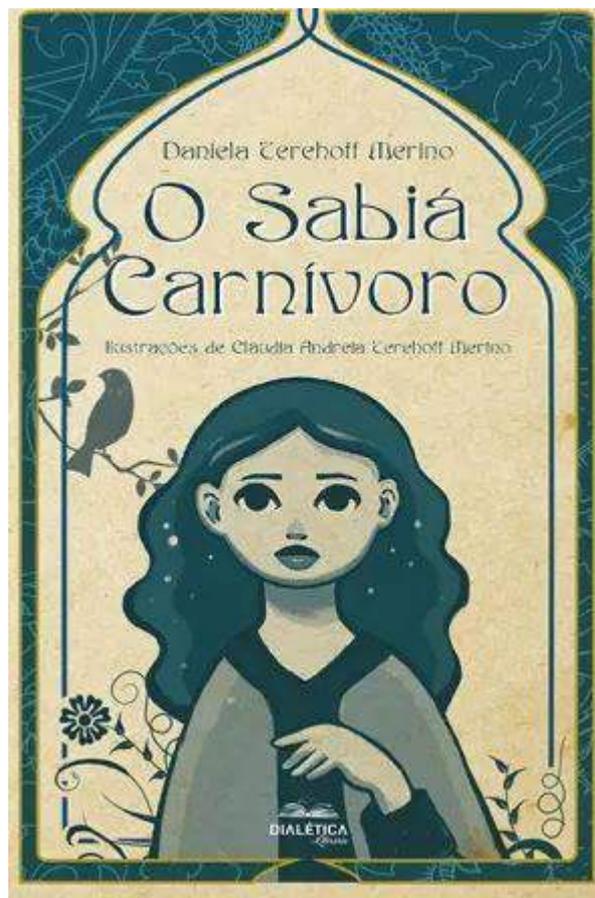
**Daniela Terehoff Merino**

Daniela S. Terehoff Merino (@daniterehoff) nasceu em 1989 em São Paulo, mas é ribeirãopirensense de coração. É doutora em Letras pela USP, tendo feito mestrado e doutorado com bolsa FAPESP e orientação de Elena Vássina. É autora de "Sulerjítiski: mestre de teatro, mestre de vida" (Perspectiva, 2019) e "O sabiá carnívoro" (Dialética Literária, 2022). Escreve peças teatrais desde 2011, participa de antologias literárias desde 2020, tem 3 menções honrosas em concursos e ganhou o 2º lugar no 1º Prêmio Travassos de Literatura em 2021 com a obra "Brilha brilha Adelina". Esta obra foi ilustrada por Cláudia A. Terehoff Merino (@caucauilustra) com quem Daniela desenvolve diversos projetos.

## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Daniela Terehoff Merino:** Desde pequena, eu repetia aos quatro ventos: “Quero ser escritora”. Amava as aulas de português, sentia um grande prazer fazendo redações para esta matéria e depois, em casa, escrevia sobre a minha vida em diários ou criava poemas com rimas em pequenos cadernos. Também era uma alegria imensa inventar histórias com bichinhos de pelúcia e bonecos ou ler “Harry Potter” em voz alta para a minha irmã mais nova, hoje a professora de desenho e ilustradora Cláudia. Insisto em comentar tudo isso, pois foi ali, no encanto por ler (muito incentivada por meus pais), escrever e criar histórias com bonecos, que começou a minha vida no meio literário. Se entrei na faculdade de Letras em 2008, foi justamente porque amava criar histórias e escrevê-las. No que diz

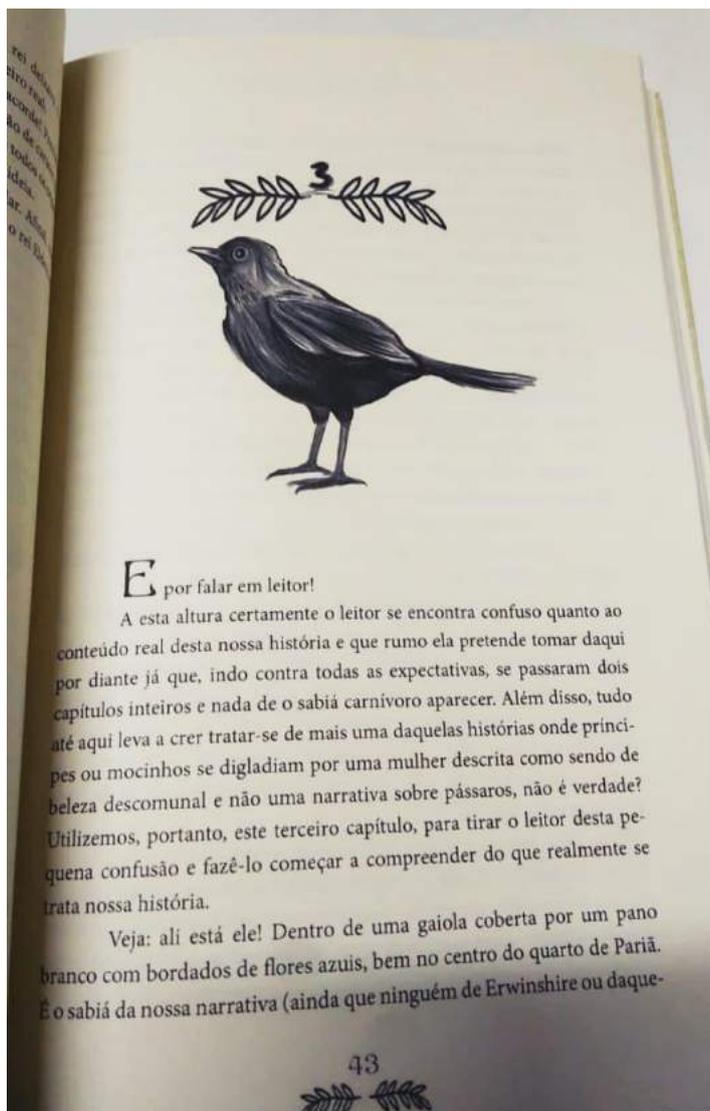


respeito a parar de empilhar textos em gavetas e ter coragem de expor o que escrevia para o mundo, isso teve relação direta com o teatro. Começou em 2011, quando tive a oportunidade de contribuir com os meus amigos Romário Oliveira e Dida Genofre, cedendo a eles a dramaturgia “Conto de amor e morte” — inspirada em improvisos dos seus alunos — para ser encenada no fim do ano durante a mostra teatral de Ribeirão Pires. A partir de então fui convidada por mais de uma vez para escrever peças dirigidas por Emerson Ribeiro, Valeria Jouze e Vanessa Bartcus e durante esta trajetória também fui muito incentivada e aconselhada por Barbara Zampol, Isabella Veiga, Luana Alves, Robson Scobar e William Costa Lima. Graças ao auxílio de amigos como eles pude entender a importância das pessoas que dão a você aquele empurrãozinho de que precisa para seguir e crescer na área que ama. Com relação à literatura propriamente dita, demorei bem mais para entender quais eram os melhores caminhos a serem seguidos. Passei os últimos dez anos apenas participando vez por outra de concursos literários, pois enxergava neles uma oportunidade de escrever com algum objetivo. Meu pai via isso e dizia: “Se você quer ser escritora, precisa escrever sempre: não só quando aparece um concurso”. Infelizmente eu não sabia por onde começar para encontrar e praticar esse “sempre” e só fui entendê-lo melhor em 2018. Foi quando percebi que era possível brincar de fazer como o meu escritor favorito, Anton Tchekhov. Li naquele ano que ele dizia basicamente algo como “Deem-me um tema para um conto (ex: cachimbo) e amanhã vocês terão um conto intitulado ‘O cachimbo’.”. Comecei a fazer isso em 2018.

Também fiz um curso de bioescritas com Ana Paula Ferraz em 2019 e a partir de então peguei o hábito de escrever todos os dias. E em 2020, descobri que existia a possibilidade de publicar contos, crônicas e poemas em diversas antologias literárias. Se não fossem esses pontos, eu jamais teria escrito “O sabiá carnívoro”.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "O sabiá carnívoro". Poderia comentar?

**Daniela Terehoff Merino:** O livro “O sabiá carnívoro” surgiu como uma pequena brincadeira que cresceu tanto, mas tanto, que acabou ganhando vida. Bem na época em que eu comecei a escrever todos os dias, especificamente em 2018, eu pedia que as pessoas contribuíssem comigo sugerindo temas sobre os quais eu pudesse escrever algo. Foi quando o meu cunhado Rennan Lopes sugeriu justamente o tema que dá título a esta obra. A princípio fiquei impactada, pois sozinha eu nunca teria pensado em nada parecido. Mas logo veio a imagem de um homem comum tentando derrotar um pássaro gigante que desejava devorá-lo e eu comecei a escrever acerca disso. Passei uma hora escrevendo sobre quem era este homem amargurado, suas motivações e a busca por derrotar o pássaro imenso. A seguir, li o pequeno texto para a minha irmã e o meu



cunhado e eles gostaram tanto que eu percebi: “Aqui há algo de bom a ser trabalhado!”. Passei a mexer no texto com vigor e, para a minha surpresa, o texto foi se tornando uma espécie de um grande conto de fadas infanto-juvenil — gênero que inclui entre suas características principais o aprendizado do herói ou heroína, o seu ritual de iniciação. Também foi necessário começar a pensar: “O que, exatamente, eu quero dizer?”. Isso é fundamental! “Saiba o que você quer com a sua história”, conforme aprendi com a escritora Laura Arcas da Rabiscus. Com o tempo, fui entendendo que eu queria falar das pequenas coisas a que não damos importância e que se tornam grandes demais para suportarmos. Por que não as paramos quando ainda temos a chance? Por fim, quanto mais eu mexia no texto, mais e mais questões surgiam; e mais eu precisava buscar respostas. Uma questão importante, por exemplo, é que eu havia imaginado desde o início uma história de caráter medieval, com

príncipes, princesas, castelos, espadas, etc. No entanto, o nome de meu texto era precisamente “O *sabiá* carnívoro”, e não “O fradinho” ou “O melro” carnívoro. Ou seja, estávamos falando de uma ave brasileira e não europeia. Uma ave imortalizada em poemas e canções do nosso país, um símbolo para nós. E como extrair disto algo positivo? Ou seja, como dar sentido a tudo o que eu já havia escrito e me aproveitar do fato de o *sabiá* ser uma ave tão nossa? Isso fez com que eu pensasse sobre o movimento de decolonialidade e sobre o seguinte ponto: o pobre animal foi parar do outro lado do mundo, em reinos fictícios desconhecidos, para se tornar algo que não era parte do destino normal de um *sabiá*. Um *sabiá* nasce para cantar, para ser livre, para ser “aquele que reza muito” e dá sorte e benção às crianças que o ouvem durante as madrugadas. Ainda assim, tiraram-no da sua terra onde tem palmeiras e fizeram dele o que bem entendiam até ele virar um monstro. No que será que isso poderia dar?

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Daniela Terehoff Merino:** Minhas maiores inspirações vêm, sem dúvida, da literatura russa — sobretudo de Anton Tchekhov e Liev Tolstói. Não poderia ser muito diferente, já que na faculdade eu cursei russo e fiquei encantada com estes dois autores. Também tenho como grandes inspirações os contos de fadas, sobretudo os de Andersen, que eu amo desde pequena; os contos de Oscar Wilde e a literatura fantástica e de fantasia, que gerou livros pelos quais sou apaixonada, como “As crônicas de Nárnia”, “A história sem fim”, “Momo e o senhor do tempo”, “Harry Potter” e “O senhor dos anéis”. Nutro ainda grande apreço por Clarice Lispector e Marina Colasanti (minhas brasileiras favoritas) e pelo livro “O pequeno príncipe”, que é uma grande referência para mim. Sobre o meu processo de criação, costumo escrever algo todos os dias de manhã ou à noite. Sento e penso: “O que vi, li ou ouvi que me inspirou ontem e hoje?”, e vou pondo sobre o papel. Quando percebo que algo pode ser interessante, passo o texto para o computador e trabalho nele. O meu conto “O louco dos relógios”, publicado na edição 74 da “Conexão literatura”, por exemplo, foi fruto desse processo. Outro procedimento muito usado por mim: pego imagens ou objetos que me inspiram e escrevo algo sobre o que estou vendo, como no caso do meu microconto “Os três bules”, postado no instagram no ano passado e dos diversos poemas, contos, crônicas e microcontos criados a partir dos desenhos inspiradores feitos por minha irmã Cláudia.

**Conexão Literatura:** Poderia comentar sobre o trabalho de ilustração elaborado por Cláudia Andréia Terehoff Merino?

**Daniela Terehoff Merino:** O trabalho dela foi absolutamente fundamental para o livro. Tanto que eu fiz questão de pedir para a editora que a ilustradora aparecesse como coautora (se vocês entrarem no site da editora Dialética verão o nome dela como autora ao lado do meu). De fato, ela foi exatamente essa pessoa: uma parceira de criação. Dei-lhe o texto ainda em processo (com começo, meio e fim, mas ainda bem “verde”) e ela não apenas leu todo o texto, como deu sugestões e fez diversos rascunhos dos desenhos a mão, pensando em cada personagem. Com o tempo, ela foi refazendo cada um deles até

encontrar a melhor técnica possível; fez cursos de ilustração (na época, ela já trabalhava como professora de desenho na EMARP, mas ainda assim buscou se aprimorar para encontrar a melhor forma de fazer os desenhos), foi atrás de referências de capa e de como os desenhos representariam melhor o texto, e acabou escolhendo fazê-los em preto e branco por achar que um tom sombrio estava mais de acordo com a história — no que, creio, ela acertou. Foi a ilustradora também quem optou por fazer um desenho por início de cada capítulo. Diante de toda a nossa trajetória em conjunto, hoje eu digo e repito que o livro é impensável sem as ilustrações elaboradas por ela. Primeiramente porque seus desenhos agregam muito para o leitor: são belos, melancólicos, suaves, sombrios e capazes de iluminar a leitura e situar muito bem o tom, o tempo, as personagens e o espaço. Desde o desenho da capa, o leitor já consegue começar a imaginar de que se trata o texto. Também há um ponto muito importante: a ilustradora foi no cerne, no detalhe; ela foi naquilo que poderia ter passado despercebido em uma leitura desatenta, mas que era ponto crucial da história e nem eu mesma havia me atentado. E, claro, o ponto mais importante e que eu não posso deixar de comentar: as ilustrações dela me iluminaram a tal ponto que eu cheguei a mexer na história por conta delas. Por exemplo, havia no conto a princesa chamada por todos de feia. Quando eu vi o desenho, percebi que ela não era nada feia: era apenas diferente. E isso mudou tudo! Entendi que Olina apenas *se achava feia* por aquilo que ouvia dos outros, mas ela era bonita. Na minha opinião, a partir daqueles desenhos, até mais bonita do que as duas irmãs.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Daniela Terehoff Merino:** “ — Você é macho ou fêmea, hein?

Dizendo isso, a princesa pôs-se a olhar a ave mais de perto, abaixando-se e entortando o pescoço como que na tentativa de obter uma resposta para esta questão que se apresentava subitamente. ‘Se bem que...’ pôs-se a pensar em seguida ‘...bom, se isso não vai fazer nenhuma diferença, então... Ou será que vai? Quer dizer, se for macho, estará condenado a galantear as fêmeas, fazer-lhes a corte, etc. Enquanto que se for fêmea, estará condenada a... Ah, quanta bobagem você pensa, Pariã! Esse pássaro está engaiolado e talvez nunca venha a saber o que é um par ou um amigo. Sua única condenação é a existência...’”

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e sobre a ilustradora Andréia Terehoff Merino?

**Daniela Terehoff Merino:** Para adquirir o livro, basta comprá-lo pelo site da Dialética ou conosco, entrando em contato pelas redes @daniterehoff e @caucauilustra. Em breve o livro estará na Amazon, no Extra, no Submarino, entre outras lojas. Para saber mais sobre nós, estamos sempre divulgando nossos trabalhos nas redes. Também publicamos em conjunto na Conexão Literatura (tem um texto nosso nesta mesma edição, aliás) e a cada duas semanas postamos no site masticadoresbrasil. Basta digitar nossos nomes na

busca para nos achar. Por fim, é possível acessar o meuattes ou entrar no Goodreads, digitar meu nome e ir em “My books” para ver os livros em que tenho participações.

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Daniela Terehoff Merino:** Primeiramente, tenham metas literárias. Pequenas ou grandes, mas não deixem de tê-las. Pode ser algo como “Participar da antologia x”, ou “escrever um poema para o insta por semana”, ou qualquer outra. As metas nos ajudam a vermos resultados em prazos determinados. Neste sentido, indico frequentarem o site que mudou a minha vida literária no início de 2021 (indicação da amiga e escritora Priscila Monteiro): <https://selecoesliterarias.com.br/> Aqui, o escritor encontrará milhares de editais disponíveis, separados de forma bem organizada por mês e por temas. Foi onde eu descobri várias editoras como a Editorial Independente, A arte da palavra, Ao vento editorial, Delicatta, Pé de Jambo, Tenhalivros... E escritores que organizam coletâneas, como Gabriela Resende. Todos estes estão constantemente recebendo textos para antologias e, como já ouvi certa vez, a participação em antologias é o “barzinho” do escritor. Outra dica é: não se preocupem com o que os outros vão dizer, é impossível agradar a todos. Apenas escrevam.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Daniela Terehoff Merino:** E como! Estamos planejando um livro de contos natalinos ilustrados para o fim deste ano. Fora este, temos em mente os “365 microcontos – um para cada dia do ano”, e a finalização de “A melodia do inverno quente” e de outros infanto-juvenis. Também pretendo inaugurar meu blog ainda este ano e terminar a tradução direta do russo de “Para a América com os dukhobors” e de “O caminho do ator”.

**Perguntas rápidas:**

**Um livro:** “Longe como o meu querer”, de Marina Colasanti.

**Um ator ou atriz:** Will Smith.

**Um filme:** “Sociedade dos poetas mortos”

**Um hobby:** Jogos como Magic, Carcassone, Dixit, SummonerWars, Coup...

**Um dia especial:** Quando vi “A invenção de Hugo Cabret” no cinema com meu marido.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Daniela Terehoff Merino:** Durante o evento “Conaler” realizado online em 2020, assisti a uma entrevista com um escritor que eu li muito na juventude: Pedro Bandeira. Ali, ele falou de modo muito emotivo sobre o quanto um escritor ama o seu leitor e a humanidade. Falou sobre a importância de darmos esperança a quem nos lê, de mostrarmos que um personagem pode errar e cair, mas seguir em frente. Acredito muito nisso: na literatura como uma missão, um modo de inspirar, de mostrar que errar é humano, de dar esperança, de se conectar com o outro e mostrar que o mundo é incrível: basta saber para onde olhar.

# EMPRESAS

Aulas online para grupos em empresas com o mesmo aproveitamento do estudo presencial.

Aulas com  
Mónica  
Palacios!

AVULAS DE  
ESPAÑHOL  
VIA SKIPE

É PRÁTICO E  
FUNCIONA!



Onde você estiver pode continuar com suas aulas!

O espanhol é a segunda língua com maior número de nativos no mundo e o segundo idioma de comunicação internacional.

Falado por mais de 500 milhões de pessoas, é o terceiro idioma mais utilizado na Internet (7,8% do total) e a língua oficial de 21 países – além de ser o idioma oficial e habitual em foros como ONU, UE e Interpol.

Skype: [monica.argentina.palacios](https://www.skype.com/pt/monica.argentina.palacios)

contato@espanholviaskype.com.br

[www.espanholviaskype.com.br](http://www.espanholviaskype.com.br)

(11) 9 9129-4317

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

# COM

## AMÉRICO MORAES



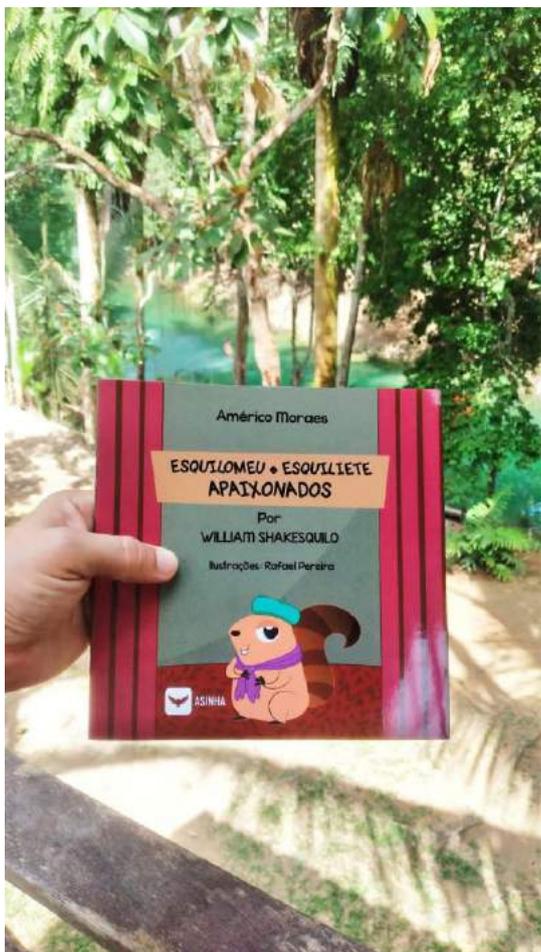
**Américo Moraes**

Natural de Goianésia-GO, mas radicado em Porto Velho-RO desde o ano de 1990. É mestre em Estudos Literários pelo PPGMEL/UNIR, Especialista em História do Brasil pela Faculdade FIJ e Licenciado em História pela Faculdade de Educação de Porto Velho, UNIPEC. Poeta, autor de dois livros infantis publicados em 2021 (O príncipe do bafo de sapo e Esquilomeu e Esquiliete apaixonados), pesquisador e professor de História da Educação Básica e Ensino Médio Regular, lotado na Secretaria de Educação do Estado de Rondônia e do Município de Porto Velho - RO.

## Entrevista

### Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Américo Moraes:** Foi aos 16 anos que passei a me interessar pela literatura, quando cursava o primeiro ano do ensino médio (naquela época, 1994, era o primeiro ano do segundo grau). Aos poucos, fui me interessando por romances, contos e também pela poesia e até me arriscava em escrever alguns poemas. Contudo, posso afirmar que efetivamente, como escritor, despertei para a literatura (em especial, a literatura infantil) após a conclusão do curso de mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia e, em seguida, o advento da pandemia, pois, obrigado a trabalhar em home office, passei a ler mais intensamente livros infantis para meus filhos de 8 e 5 anos, Marco Antônio e Clarissa Beatriz. Foi, sem dúvida, uma paixão avassaladora pela literatura infantil. A partir daí, foram surgindo ideias que acabou resultando na publicação de meu primeiro livro infantil, O príncipe do bafo de sapo, que foi lançado no mês de junho do ano passado, pela editora portuguesa Ases da Literatura. E agora recentemente, em dezembro passado, já lancei meu segundo livro infantil: Esquilomeu e Esquiliete apaixonados por William Shakesquilo, igualmente publicado pela Ases da Literatura.



### Conexão Literatura: Você é autor do livro "Esquilomeu e Esquiliete Apaixonados, por William Shakesquilo", (Ilustrações por Rafael Pereira). Poderia comentar?

**Américo Moraes:** Bom, a estória, embora não siga pela linha cômica como em O príncipe do bafo de sapo, é uma brincadeira de minha parte, pois faço trocadilhos com o nome de Shakespeare e com os autores antigos de teatro que, certamente, ele leu. Desse modo, Shakespeare virou “Shakesquilo”, Sófocles virou “Esquilosófocles”, Eurípides virou “Esquileurípedes”, e com Ésquilo não precisei mudar, etc. O objetivo da brincadeira foi, ao mesmo tempo, homenagear um de meus autores prediletos, William Shakespeare, apresentar às crianças os grandes autores clássicos de teatro de forma lúdica e engraçada e tentar “imprimir” nelas (e nos pais) a importância da leitura desde a mais tenra idade, uma vez que a estória do pequeno “Shakesquilo” segue uma evolução: seus pais leem para ele, que se apaixona pelos livros, aprende a ler

mais rápido que os colegas de escola e, quando cresce, torna-se um grande autor de peças de teatro, conhecido mundialmente.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Américo Moraes:** Na verdade, a ideia de escrever essa estória surgiu como num relâmpago e nem precisei pesquisar, pois já conhecia os autores de teatro que são citados no livro e que, não por acaso, são autores já lidos, relidos e estudados por mim sem objetivos profissionais, apenas por paixão e prazer. Assim, quando passava os olhos em minha biblioteca à procura de um outro livro, meus olhos pararam em “Ésquilo”, na peça Prometeu acorrentando. E daí me deu aquele insight! Imediatamente, corri ao notebook e comecei a escrever. Foi bem rápido, menos de uma hora já estava pronta. Em seguida, enviei para algumas editoras e fiquei no aguardo. Prontamente, a Editora Ases da Literatura de Portugal, que publicou o meu primeiro livro também infantil, O príncipe do bafo de sapo, aprovou o texto para publicação.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Américo Moraes:** “[...] Em uma noite, o pai de Will leu uma estorinha para ele antes de dormir, que o mudou para sempre. Seu pai leu a estória da Cigarra e da formiga, do livro Fábulas, escrita pelo famoso grego Equilesopo. Will ficou impressionado com a estorinha e pedia para que seus pais lessem novas estórias de Esquilesopo todas as noites e também durante o dia. Assim, em pouco tempo, Will aprendeu a ler mais rápido do que todos os seus coleguinhas da escola e passou a não mais largar os livros.”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Américo Moraes:** Meus livros estão disponíveis para venda nos sites da Amazon, Estante Virtual, Americanas, Submarino, Extra e Shoptime, no site da editora [www.asesdaliteratura.pt](http://www.asesdaliteratura.pt), no link da bio da editora no instagram @editoraasesdaliteratura. Além disso, também estão à venda nos sites da Amazon Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, França, Alemanha, Itália, Austrália e Japão. Além disso, os leitores e leitoras poderão interagir comigo através do meu instagram: @framerico\_moraes, onde costumo compartilhar minhas leituras infantis e não infantis e, vez por outra, com exemplares para venda diretamente comigo.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Américo Moraes:** Sim, com certeza. Já tenho três textos infantis já escritos que desejo publicar assim que for possível. Um, inclusive, em coautoria com um amigo escritor de Salvador-Bahia, no qual nós abordamos a questão do preconceito racial.

### Perguntas rápidas:

Um livro: Hamlet

Um (a) autor (a): William Shakespeare

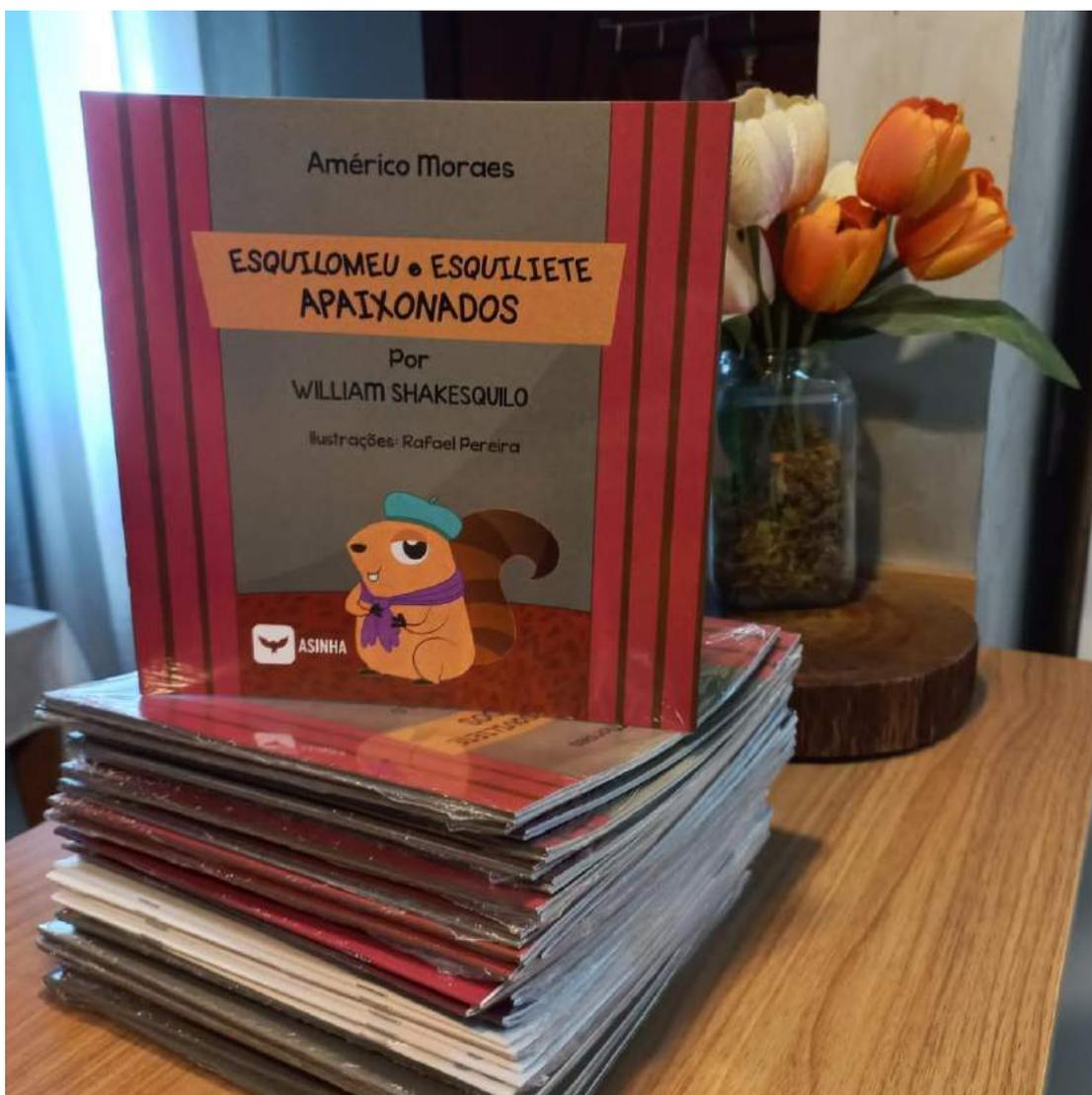
Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Hamlet (1996)

Um dia especial: o dia em que o carteiro chega em minha casa para entregar livros!

### Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Américo Moraes:** Como professor de História, sei que é uma utopia, mas continuo desejando que os políticos valorizassem e investissem mais na Educação, nos professores e no fomento da cultura em todos os sentidos, que no lugar do imoral Fundo Eleitoral de cerca de 5 bilhões de reais, houvesse um Fundo Anual de Fomento da Cultura Brasileira de mesmo valor!



*Me Beijou*

**Por Natália Franco**

Sorrio por fora, mas meu coração sangra por dentro,  
Eu a vi pela primeira vez, em uma tarde ensolarada,  
Estava cavalgando, quando meu pai me chamou.  
Dizendo que a filha de um amigo havia vindo  
Me visitar.

Seu nome eu nem me recordava, porém,  
Quando revi aqueles olhos,  
Fui transportado para um dia, anos atrás,  
Quando ela foi andar a cavalo  
E como não tinha experiência,  
Ralou o joelho.

Mesmo chorando, estava tão linda  
Que fiquei sem palavras  
E tudo que consegui fazer, foi abraça-la.  
O beijo na bochecha que ganhei  
Logo depois,  
Foi a única lembrança  
Que me restou.

Até aquele momento.  
Em que na minha frente  
Estavam os mesmos olhos encantadores.  
Dessa vez não estava com o joelho ralado,  
E dessa vez, foi ela  
Quem se aproximou  
E na bochecha.

Na boca me beijou.

**NATÁLIA FRANCO**

**ESTUDANTE DE LETRAS, APAIXONADA POR PALAVRAS,  
ADORA ESCREVER POEMAS SOBRE O TEMA MAIS  
COMPLICADO DA VIDA, O AMOR. UMA GAROTA SONHADORA  
QUE ADORA COMPARTILHAR SEUS TEXTOS COM O MUNDO.**

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

## COM

GEORGE LUIZ



**George Luiz**

George Luiz Araújo de Lemos é natural do Rio de Janeiro, porém, atualmente reside em Pernambuco. É Bacharel em Sistemas de Informação pela UNINASSAU e chegou a estudar por 2 anos Administração na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mas acabou abandonando o curso. Atua profissionalmente como funcionário público estadual na Universidade de Pernambuco (UPE). Lançou seu primeiro romance "Os Espelhos" em 2006. Além de romancista, também escreve contos e poesias.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**George Luiz:** Meus primeiros livros eram de RPG, o jogo foi quem me apresentou a literatura na adolescência. Graças a isso, tive a curiosidade de ler O Paraíso Perdido, de John Milton e A Divina Comédia, de Dante Alighieri.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Evolução 2.0 – O super homem". Poderia comentar?**

**George Luiz:** O livro traz o debate sobre os efeitos da tecnologia no ser humano. Nós a criamos, contudo, a criatura também consegue moldar seu criador. Em algumas épocas, colocou-se uma grande fé na tecnologia, como um meio para melhorar a humanidade, porém houve um desencanto em relação a esse pensamento. No romance abro o debate sobre vários pontos em que a tecnologia atua, como games, redes sociais, tribalismo, violência e jogos de poder entre as classes sociais.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**George Luiz:** Estou escrevendo um artigo científico na área de Filosofia da tecnologia, e acabei lendo alguns textos muito interessantes, que serviram de fonte para o romance. Ao mesmo tempo, trago citações a alguns clássicos da literatura que gosto e que fazem referência ao relacionamento do ser humano com a tecnologia, como Frankenstein e Prometeu Acorrentado. Estimo que escrevi o livro em cerca de 5 meses.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**George Luiz:**

“A espécie humana foi moldada socialmente no padrão tribal-nômade; durante milhões de anos viveu assim. Ao descobrir a agricultura, o padrão social mudou para tribal-sedentário, ou seja, vocês continuaram com sua visão de tribo, mesmo vivendo de maneira fixa; e até hoje não conseguiram sair disso. Então usam tecnologias e técnicas descobertas para destruir uns aos outros, no intuito de conseguir a hegemonia de sua tribo. A espécie humana pode ser descrita como brucutus sociais que possuem bombas atômicas no bolso.”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**George Luiz:** O livro pode ser encontrado no site das Americanas, Submarino, Editora Penalux e Amazon (links abaixo). Nas redes sociais, basta me seguir nas redes sociais e seguir minha página no Facebook (links abaixo).

**Para comprar:**

Amazon: <https://bitly.com/wOKsq>

Penalux: <https://bitly.com/kNVsb>

Americanas: <https://bitly.com/YJEyS>

Submarino: <https://bitly.com/OiCdK>

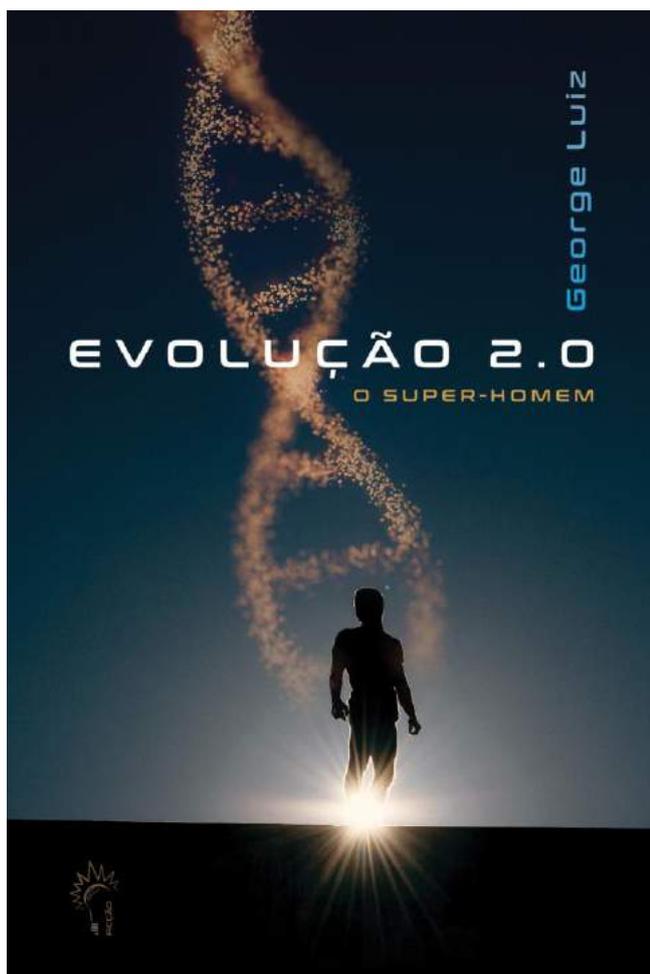
**Redes sociais:**

Perfil Facebook: <https://www.facebook.com/glal.lemos/>

Página Facebook: <https://bitly.com/sntxF>

Perfil Instagram: <https://www.instagram.com/glallemos/>

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**



**George Luiz:** Estou escrevendo um artigo científico sobre a evolução do ser humano através da tecnologia. Além disso, já possuo o rascunho do meu terceiro romance, que pretendo lançar nos próximos anos.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Metamorfose

Um (a) autor (a): Kafka

Um ator ou atriz: Jack Nicholson

Um filme: O sétimo selo

Um dia especial: Aquele em que posso fazer o que quiser

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**George Luiz:** Gostaria de parabenizar a revista pelo espaço que concede à literatura brasileira contemporânea. Isso é difícil de se encontrar no nosso país. Espero que continuem por muito tempo.

# SER MULHER...



# SER MULHER SER MULHER

## POR DENISE PERES MARTINS REZENDE

É fazer 30 coisas ao mesmo tempo e todas bem feitas.  
É não baixar a cabeça para quem lhe desrespeita.

É lembrar detalhes, datas, eventos e tudo que for inimaginável.  
É ser forte e ao mesmo tempo frágil.

É ter em sua mente morada para todos os sonhos do mundo.  
É ser dona de um amor profundo.

É ser única e especial.  
É se esforçar um pouco mais para mostrar o seu potencial.

É lutar e vencer.  
É carregar os seus para não deixar ninguém se esvanecer.

É ter uma alma sensível.  
É buscar o impossível.

É ser mãe, filha, amiga, esposa e mulher.  
É poder ser aquilo que você quiser.

### Denise Peres Martins Rezende

Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia. Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.

Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins

Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

Linktree: <https://linktree.com.br/new/deniseperesmartinsrezende>

\*\*\*\*\*

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA COM

IVAIR ANTONIO GOMES



**Ivair Antonio Gomes**

Ivair Antonio Gomes nasceu em Campinas do Sul- RS, e viajou por várias cidades quando pequeno, junto de sua família. Conheceu várias cidades do sul do Brasil e do Sudeste, morou no Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e reside em Florianópolis desde 1989.

Já foi bóia-fria, instalador de móveis, balconista de bar, trabalhou em carvoaria, ajudante de supermercado, feirante, dono de livraria de livros usados "sebo". Ivair foi o fundador do Sebo Rani, o primeiro sebo digital de Florianópolis.

Ivair tem as seguintes obras publicadas: "Dias Difíceis", "Morte em Dezembro", "O coração sujo de Jerry Drago", "O porteiro", "Morte no camping e outros contos que não de morte" e "O viajante e o Explorador". Você encontra essas obras no site da [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br).

Inclusive com livros físicos.

**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Ivair Antonio Gomes:** Eu comecei a ler antes de entrar na escola. Meu pai trabalha em usina hidrelétrica então nos mudávamos constantemente. Ao entrar na escola com 07 anos, (naquela época não existia pré, nem infantil) eu já sabia ler, através dos quadrinhos da EBAL, onde tinha dois lados, de um gibi me lembro bem: De um lado ‘Poderosa Isis’ e do outro lado “Mulher Maravilha”. E assim foi minha vida. Por onde ia, tinha sempre um gibi, ou bolsilivro comigo. O primeiro livro, livro mesmo, que li, foi ‘Os três mosqueteiros’ de Alexandre Dumas. Daí não parei mais. Aos 15 anos de idade eu contava com mais de 3 mil gibis. Tinha de tudo um pouco. Trabalhava como boia-fria, na roça, desde os 12 anos, e tudo que ganhava, sempre sobrava para comprar um gibi. Escrevia alguns poemas dos 15 até os 18 anos. Depois comecei a escrever pequenos contos que guardava comigo, em folhas e papéis amarelados pelo tempo, escondidos no porão da memória, que alguém jogou fora e nunca mais vi. Em 1997 participei de um grupo de escrita pelo antigo IRC. Depois, ajuntei tudo e de um conto surgiu Dias Difíceis, que lancei pela editora Papel Virtual, em 2000. Era minha primeira experiência. Foi tudo muito horrível. Editora disse que tinha pago estande para lançamento no Shopping Beira-mar em Florianópolis. Não pagou nada! Na hora lá, eu e mais 06 autores, procuramos algum lugar, em algum estande para podermos colocar nossos livros a venda. Experiência Tenebrosa. A parte da Editora foi surreal.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Dias difíceis". Poderia comentar?**

**Ivair Antonio Gomes:** Dias Difíceis, nasceu de uma intensa pesquisa que fiz referente ao medo e superstições que cercam os finais de séculos na história humana. Vai acontecer isso, vai acontecer aquilo. E me aprofundi na psique dos grandes “assassinos seriais’ do Brasil. Mergulhei fundo. Na época lia de tudo, jornal, revista, livros “que sobre o Brasil não tinha quase nada”, depois veio a Ilana Kasoy, ainda bem. Mas confesso que por várias vezes, a cabeça entrava em choque com tudo que eu lia. E assim eu compus Dias Difíceis. Um personagem, que é um ex-padre que hoje trabalha em um departamento especial, que só existe em São Paulo, é chamado para ajudar a descobrir porque estão acontecendo tantos desaparecimentos de crianças na grande Florianópolis. No livro fiz muita pesquisa sobre espiritismo, catolicismo, e coisas pertencentes a seitas e crenças.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Ivair Antonio Gomes:** O processo de criação eu tenho tentado mudar. Eu escrevo por compulsão. Os meus personagens conduzem a história. Não tenho personagens bonitos, pomposos, glamurosos. São gente como a gente. Sofrem, sonham. Erram, acertam. Hoje sei que existem muitas regras e formas de escrita, mas até o momento de Dias Difíceis eu

não seguia regra alguma. Como disse, o livro começou a ser escrito em 1997, após um conto, daí tentei a sorte em 2000, e voltei com nova edição em 2014. E agora em 2021 com a Terceira edição, com mais cuidado ao escrever.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Ivair Antonio Gomes:** “pag. 188 — Meu pai me levará. Meu destino é vagar por esse mundo e levar um pouco da luz divina. E agora minha missão se faz necessária aqui.

Marcelo escreveu ao mesmo tempo que leu outra pergunta.

— Qual o teu trabalho?

— Eu carrego avisos divinos. Eu levo graça e sorte a quem me ouve. Não divulgo meu trabalho, divulgo as obras de Deus. E se por acaso ele me as revela eu as tenho de revelar também.

— Deixe-me ver se entendi. Você tem visões? Vê o futuro?

— Eu vejo o que o Senhor me permite ver. — parecia ter dado um sorriso no rosto sem expressão — Sinto ironia em sua voz! Fala isso com ironia e descrédito. Acaso duvidas das palavras de meu Deus e senhor?

— Desculpe! Não queria ofendê-lo!

— Eu entendo! Agora não há nada que me ofenda. Mas... porque estou no escuro... por que não vejo seu rosto...

— Você está internado em um hospital psiquiátrico. Não se lembra?

— Hospital? Onde?

— Na Colônia Santana.

— Não! Digo, em que cidade?

— Florianópolis.

— Froriano... Adondes fica essa cidade?

— Como aonde? — o médico voltou o olhar para Marcelo após ver a resposta no papel — Onde ele pensa que está?

Marcelo fez a pergunta.

— Nas terras de Dom Alejandro De Figueiras e Caetano, marques da Catalúnia.

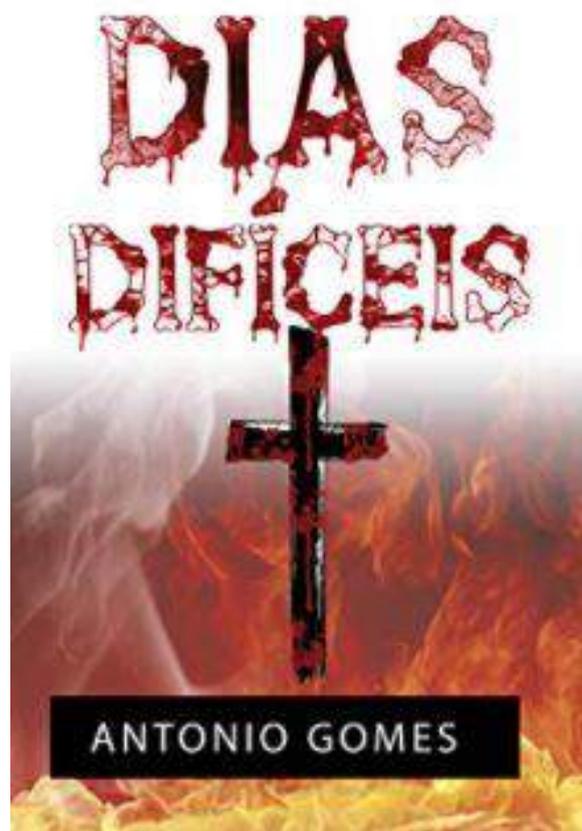
Os dois homens se entreolharam.

Marcelo escreveu rapidamente no papel.

— Em que ano? — leu.

— No ano de um mil seiscentos e vinte e cinco da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Incrível! Isso é Incrível! — comemorou Marcelo.



— Esse homem está doente... Que provas podemos ter de que não está fingindo? Acho que não está funcionando. — cortou o médico.

— Creio que está falando a verdade!!

— Se for mesmo a verdade... então... estamos a um passo de uma grande descoberta.

— O que faz nas terras de Dom Alejandro! — perguntou Marcelo voltando a atenção ao paciente.

— Eu vim para quebrar as forças ocultas que operam no local, através das bruxas e seus sacrifícios maléficis para o ser bestial. Vim a mando de nosso Pai Eterno para sua honra e sua glória.”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Ivair Antonio Gomes:** Tenho minha página na amazon.com.br, como autor, lá estão todas as minhas obras. Mas tenho página no Facebook, no Instagram, Twitter. Apesar de saber usar um pouco mais o Facebook.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Ivair Antonio Gomes:** Não desistam. Não é fácil. Mas não desistam. O corredor só ganha a medalha no final da corrida.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Ivair Antonio Gomes:** Sim! Vários. Mas temos trabalhos paralelos que nos fazem ir mais devagar. Tenho dois livros de mistérios policiais, ‘O quinto Homem’ e ‘Mistério em Portugal’, depois tenho mais duas fantasias espaciais, ‘Alminar’ e ‘Os Sete’... os nomes ainda são provisórios.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Servidão Humana, Somerseth Maughan.

Um ator ou atriz: Angelina Jolie, pela beleza, pela força e coragem e pelo que representa no mundo.

Um filme: “Inimigo Meu” de 1985.

Um hobby: Coleção de Bonecos Star Wars.

Um dia especial: 25/04/2011 – Meu casamento.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Ivair Antonio Gomes:** Meus Endereços na Web.

<https://www.facebook.com/ivair.gomes.9275/>

[https://www.instagram.com/ivair\\_antonio\\_gomes/](https://www.instagram.com/ivair_antonio_gomes/)

e-mail: [xstranho@gmail.com](mailto:xstranho@gmail.com)

# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez  
um outono*



*Roberto Schima*

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

# COM

## JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



**Joaquim Cândido de Gouvêa**

JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA, brasileiro, "mineiro", nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, no dia 21.12.1940. Economista, com alguns Cursos Superiores voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Possuo, vários poemas publicados no Brasil e no Exterior em participações diversas. Minha atuação nessas publicações é mais centrada em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri no Livro MUNDO(S) em que comecei na edição 6 e atualmente estamos na edição número 19. Somos um total de 20 escritores somente. A coordenação é feita pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Em Lisboa, também participei em uma Mesa de Debates sobre o tema ESCREVO POR QUÊ. Nas participações no BRASIL, recebi uma Menção Honrosa no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA.

Sou Acadêmico da Academia Internacional de Letras e Artes de Cruz Alta - RS, em que ocupo a Cadeira de número 203. Na parte musical sou autor da letra de cinco músicas com a Parceira RENEE BRAZZIL colocando a melodia.

**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi seu início no meio literário?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Para melhor compreensão, darei informações de como aprendi gostar de escrever. Sou descendente de família simples. Meu pai era bancário e minha mãe, além dos serviços domésticos, era costureira. Na idade de 15 anos, na cidade de Juiz de fora – MG, começou a trabalhar em um “ateliê” de costura. Naquela época, as mulheres da sociedade usavam o “ateliê” para a confecção dos seus vestidos. Assim, ela pela sua dedicação de muitos anos, tornou-se uma das principais funcionárias no trabalho.

Após o casamento, foi residir em Três Rios – RJ, e, para complementar as despesas, começou a costurar para fora aproveitando os conhecimentos profissionais.

Eu, com 8 anos de idade, tinha muita pena dela, pois, após o trabalho doméstico diário, ficava até tarde da noite costurando. Procurando acompanhá-la, me colocava ao lado da máquina de costura e lá ficava até o momento em que ia dormir.

Para me dar uma ocupação, ela providenciava lápis, borracha e papel, colocando alguma peça sobre a mesa pedindo para eu descrever. Assim, por ali, naquela idade, parti a navegar nesse mar da redação. Em outra oportunidade, sorrindo me desafiava. Dizia uma frase e pedia para que eu escrevesse todo o meu entendimento.

Foi assim o início do meu aprendizado para aprender enxergar imagem e descrever, bem como escutar uma frase e dar o entendimento.

Vamos pular agora para os meus 24 anos e já casado. Eu me lembro muito bem que continuava ativo nesse desejo de escrever. Eram contos, poemas, frases de amor outras coisas assim. Fazia com enorme prazer. Todavia, em determinado dia, aborrecido com a vida e com as dificuldades da “ocasião”, peguei todo o material escrito, devidamente selecionado e coloquei fogo. A MARIA JOSÉ, minha esposa, ficou brava comigo pelo destempero. Alegava sempre que tudo iria passar!

Devíamos ACREDITAR.

A partir dessa data, continuei a escrever, mas não com a mesma frequência... era tudo de vez em quando!

Vamos agora dar um outro pulo para a jornada dos anos vividos. No ano de 2016 me aposentei aqui nos Estados Unidos. Já era aposentado no Brasil. Com os dias fiquei decepcionado por não estar acostumado a ter o tempo ocioso. Rapidamente me imaginei aquele Senhor idoso em frente a televisão, escutando jornais, sem mais o que fazer.

Desgostoso, tive a ideia então de aproveitar o tempo, as intuições e começar a escrever ativamente outra vez. Com essa decisão o trabalho se tornou intenso. Em um determinado dia, minha filha caçula ALESSANDRA, ao ver aquele monte de folhas escritas e querendo me ajudar, sugeriu que eu fizesse um Livro. Prontamente aceitei a ideia, juntei as folhas e contei: 160 poemas. Estava ali o primeiro Livro. O número 160 de

poemas que adoto em cada Livro, portanto, nada místico e sim uma pura sugestão inicial. Até hoje mantenho esse número nos Livros existentes.

Aproveitando a oportunidade, quero informar que até hoje tenho 33 Livros prontos a serem editados e com 160 poemas cada Livro. Estou escrevendo o de número 39 com o Título SENTIMENTOS. A diferença na numeração é porque eu tenho, também 5 romances escritos.

Desta forma foi o início no meio literário e não penso em terminar de escrever tão cedo.

**Conexão Literatura: Você é autor do Livro "Acredite! nada importa sonhar... Acredite!". Poderia comentar?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Claro que sim! O livro tem o número 37 e foi escrito no período de 18.06.2021 a 16.08.21. A edição coube a Editora Trevo e foi lançado recentemente no dia 23.02.22.

Eu tinha acabado de lançar o Livro MAIS DO QUE BUQUÊ no dia 28.06.21 e senti na “pele” a dificuldade em editar um Livro. Não imaginava que era assim! MAS É. Eu não sou um autor conhecido! Além do mais, com o problema do vírus, tudo ficou difícil para todo mundo. Desemprego, doenças, mortes, dificuldades para a internação, enfim vivíamos momentos jamais vividos.

Assim envolvido com tanta adversidade, um dia, sem ser convidado, esse DESCONHECIDO meu, o DESÂNIMO bateu a minha porta. Felizmente, olhei pela janela e disse para mim: AQUI NÃO! VOCÊ NÃO ENTRA! Como em todos os momentos adversos da vida, irei superar! O interessante é que, logo após esses pensamentos, acordei pela manhã com um sussurrar nos ouvidos: ACREDITE! ESCREVA... LEIA... NÃO SONHE APENAS... ACREDITE!

Levantei um pouco assustado e decidi: isso mesmo vou continuar a escrever e o Título será esse: ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE. Claro que o foco também obedece a mesma direção: ACREDITAR.

Convido aos leitores e leitoras que estão apreciando esta entrevista para comprarem o Livro! Terão uma surpresa, quem sabe! Vejam só! O segundo poema do Livro (O NOVO AMOR) trata o amor de uma aluna que se apaixona pelo Professor e ele, também, por ela. Esta História constatei ser uma história real entre a Rose e o Ricardo Luiz. A vida é uma caixinha de surpresas e, talvez, a tão esperada vivência amorosa você venha encontrar estampada em um dos poemas. Cria! O aconselhamento, a passagem, enriquecerão seu interior. E esse coração, considerado malvado, arranhado pelas decepções, irá novamente se acalmar com outra percepção. Verá todo seu interior trazendo essa “coisa” gostosa que é verdadeiramente amar.



Vou sorrir ao receber um e-mail: Joaquim! Eu sou outra Rose ou, quem sabe, um outro Ricardo Luiz.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Eu tenho o hábito de escrever por toda manhã. Às vezes (diante da vontade) me envolvo com o escrever pelo dia inteiro. As inspirações vêm do coração. Escrevo a caneta nos rascunhos. Releio no mesmo dia ou no dia seguinte. Faço, se necessário, correções e, a seguir, coloco os poemas revisados no computador. Faço toda a mecânica sozinho. Quando surge à vontade declamo armazenando no celular. Possuo mais de 500 poemas declamados com fundo musical.

A intuição se aproxima ao ver algo diferente acontecer. Cores das flores; um olhar imaginado; o Luar; o pôr do Sol sobre o mar ou morrendo atrás das montanhas; a folha seca caindo no outono e, pelo ar, se juntando às raízes para proteção do inverno, das geadas, servindo como adubo ou mesmo um cobertor; o fantasiado piscar para o convite do amor. Enfim, somente elementos positivos. Todas as estrofes, no final, são positivas e alentadoras de que tudo vai passar. Mesmo sem o raro poder, semeio a esperança, e que a bonança chegará saltitante.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu Livro especialmente para os nossos leitores?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Neste Livro, um dos poemas que achei bem interessante, foi a constatação do poema O NOVO AMOR ser um caso verdadeiro. De vez em quando, recebo e-mails dizendo: “Li seu Livro, eu já vivi essa história! Outras que neles também constam, gostaria de viver, mas ainda não”.

Um outro destaque, me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Falando especificamente sobre o Livro, tem no seu conteúdo, uma coletânea de versos em que procuro levar ao leitor, sonhos de felicidade. Uso uma linguagem simples, com palavras carinhosas, populares, a fim de que, com facilidade, o leitor possa viver dentro do contexto dos poemas. Acredito usar, até mesmo, expressões infantis, bem puras para o belo coração do leitor absorver.

Sobre destacar trechos especiais, sem sombra de dúvida, estaria fazendo julgamento pessoal dos poemas, considerados como frutos do coração que, por mim, são todos belos.

Para melhor exemplificar, eu, poeta, comparo um Livro de Poemas a um jardim. Os poemas ali distribuídos, encharcados de poesia, são as flores que, carinhosamente, foram plantadas pelo fiel “Jardineiro”. Assim, quando olho para esse jardim, se porventura ainda não está florido, pelo menos mostra o “colo” verde amparando a cada broto de flor que está pronta para a florar.

Então, quando o fenômeno se dá, todas as flores são belas. Em variadas cores se mostram as rosas, as margaridas, as azaléias, todas, enfim, esguias, bailam com sua

roupagem. Cada um, ao se imaginar passeando por esse jardim, terá, acredito eu, que normalmente se perguntar: qual a mais bela cor?

Vou ainda adicionar: sem imaginar no formato de tão bela flor!

Tenho certeza de que, de súbito, a admiração toma conta do coração. Como? Alguém mais incrédulo pode perguntar. Neste caso a resposta é fácil: basta olhar com os OLHOS DA ALMA! Assim, com cada letra o poeta sonha, devagarzinho forma uma palavra, com ela navega formando um verso e este, com a não embarcação, borbulha nas ondas do mar e aporta em uma estrofe. Delicadamente formada, o poeta sorri e, na imaginação o poeta abraça a procura do soneto, do rondó francês, ou outras coisas mais. Bate no peito! Consegui! Estou feliz!

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu Livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Para comprar o meu livro basta entrar no site da EDITORA TREVO.COM. O meu Livro aparece em primeiro lugar para as vendas. Estou sempre à disposição dos leitores no meu e-mail [mjgouvea@hotmail.com](mailto:mjgouvea@hotmail.com)

**Conexão Literatura: Hoje você mora nos EUA. Como analisa a questão da leitura no Brasil?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Não quero ser inconveniente na resposta posto que estou aqui por 21 anos e não tenho dados estatísticos para comentar. Todavia, não poderia deixar de afirmar que tenho saudades dos grandes poetas com suas lindas músicas. Alguns já falecidos e outros ainda vivos, mas um pouco abafados pela mídia, internet e TV. Confesso que dá saudade.

Aqui a leitura é intensa. Citarei somente uma. Em Boston, por exemplo, você vê todo mundo lendo em qualquer lugar. Na condução; tomando café da manhã; nos parques; nos bosques, enfim, toda a população envolvida na leitura. Dá para se admirar!

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Em primeiro lugar, NUNCA DESISTIR. Escutará de tudo! As críticas, guarde-as com carinho! Examine-as! As que achar pertinentes, estude-as e corrija, se for o caso. As demais, deixe o tempo consagrar.

Outra coisa: pela manhã, ao se levantar, abra a janela, inspire o ar matutino, puro, leve-o não somente aos pulmões, mas também ao coração. Inspire devagar, constate Deus entrando no seu corpo, por esse puro ar. Guarde-o por alguns segundos! A seguir, expire imaginando que algo ruim está colocando para fora, entregando a Deus para que possa ser purificado. Agora, não na imaginação, mas de verdade, Deus, com sua bondade, purificou aquele ar e lhe entrega de novo para você inspirar. Tenho certeza de que se sentirá melhor!

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Joaquim Cândido de Gouvêa:** Claro que sim! ACREDITAR no que escrevo e continuar a publicar. Embora com 81 anos, estou sempre ativo e pronto a novos projetos. Eu tenho um amigo que diz ser eu a figura Grega: PHOENIX! Nunca desanimo e estou sempre a procurar! Atualmente, um dos projetos é montar um studio para eu gravar algumas declamações. Um outro seria procurar intensificar a divulgação das músicas e, finalmente, continuar (como já disse) escrever e publicar os meus Livros na maneira do possível. Trata-se de uma tarefa difícil posto que faço tudo sozinho.

### **Perguntas rápidas:**

Um Livro: THE SECRET, escrito por Rhonda Byrne. Acredito muito na força do pensamento. Em muitos poemas abordo que o nosso NORTE é olhar de cabeça erguida para frente. Ponha o ponto lá no horizonte e vá buscar. Certamente irá conseguir: BASTA ACREDITAR!

Gosto também de Livros com temas espirituais como os da Zibia Gaspareto, entre outros.

Um autor: Não citei anteriormente sobre o tema Livros, mas o meu autor preferido é o Paulo Coelho.

Um ator ou atriz: Sem sombra de dúvidas o Tony Ramos. Como atriz como esquecer da Divina Fernanda Montenegro e a Lilian Cabral.

Um filme: Difícil citar um, pois adoro aqueles que envolvem romance. A preferência primeira é para aquele de uma história real. Não sou muito adepto a filmes de guerra, mesmo sabendo ser aquele tipo criado no computador.

Um hobby: escrever.

Um dia especial: Cada dia para mim é especial e agradeço ao levantar: VIVER VALE A PENA! A ALEGRIA CHEGA RÁPIDO AO MEU CORAÇÃO. Sou simples e procuro estar sempre alegre... este sentimento acalma e faz bem a alma. Quando participo de Concursos Literários, cada resultado, para mim é especial e encharca-me de alegria. Sou bem infantil neste particular e vibro como se fosse uma criança. Desde que comecei a participar dos Concursos, a Comissão Julgadora sempre escolheu o meu poema para fazer parte do Livro e, isto me coloca muito feliz.

Não poderia terminar esta entrevista sem citar, com grande detalhe, os nomes que juntos participamos nas músicas por nós criadas. Assim temos:

A LAREIRA – Letra de Joaquim Cândido de Gouvêa e Emanuel Henrique de Castro na melodia; ASSIM SERA; TE AMO COMO POETA; O AMOR NÃO TEM PRESSA; CAFÉ PERFUMADO DE AMOR – Letra de Joaquim Cândido de Gouvêa e Renee Brazzil na melodia.

Desejo manifestar meu sincero agradecimento a REVISTA CONEXÃO LITERATURA pela atenção dispensada ajudando na divulgação dos meus Livros.

### **PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:**

<https://editoratrevo.com.br/produto/acredite-nada-importa-sonhar-acredite-joaquim-gouveia/>

# ENTRE MIM E TODOS

Por Rita Queiroz

São tantas guerras...  
Internas  
Externas  
Presenciais  
Virtuais.  
Guerras intergaláticas  
Guerras dos sexos  
Guerras urbanas  
Guerras entre irmãos.  
São tantas guerras...  
Matar um leão por dia  
Vencer a violência do tráfico  
Lutar contra o feminicídio  
Guerrear contra os políticos.  
Nem sempre saio com cicatrizes  
Mas sempre ferida  
Às vezes mortal  
Quando a esperança não vinga  
E deixo de acreditar na humanidade.  
São tantas guerras...  
Psicológica  
Social  
Financeira  
Tantas que me deixam sem chão.  
Luto contra meus fantasmas  
Meus dilemas  
Meus ais.  
Luto contra os que oprimem  
Tiram o pão de cada dia  
Vilipendiam a moradia  
Os mandamentos sagrados  
A vida em comunhão.  
Viver é uma guerra constante  
Para matar a fome, a sede, o sono...  
Nem sempre ganha o mais forte  
Ou o mais inteligente.  
Justiça e injustiça lado a lado  
Onde está Deus?  
Quem manda é o vil metal  
Explorar é a razão de todo mal!  
Quando será a batalha final?

Rita Queiroz: Natural de Salvador-BA. Professora universitária. Escritora. Poeta. Autora de 15 livros: 7 de poemas, 1 de contos e 7 infantojuvenis. Organizadora de 14 coletâneas. Coautora em mais de 150 coletâneas. Integra os coletivos: Confraria Poética Feminina, Mulherio das Letras, Confraria Ciranda Poetrix, Mulheres Maravilhosas e Enluaradas. Membro de 11 agremiações literário-culturais.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

## COM

### LUIGI GABRIEL



**Luigi Gabriel**

Sou de Recife, tenho 16 anos, de nome completo Luigi Gabriel Lima Gonçalves. Conhecido como Luigi. Nasci no dia 03/01/2006. Sou autor.

*Arthuris Artem e a Lança de Fogo* é o meu livro.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Luigi Gabriel:** Sempre gostei de ler, desde muito cedo. Mas não esses livros megalomaniacos, ou até mesmo livros como Percy Jackson, Harry Potter. Sempre gostei de ler gibis. Quando eu era menor, no caso. Lembro até hoje de quando minha mãe comprou o box completo de Diário de Um Banana pra mim. Acho que não demorou uma semana pra eu ler tudo.

Mas meu início não vem daí, pois embora eu goste de Percy Jackson, gostasse de gibis antes, a minha paixão é por escrever e criar histórias. Daí, vem o meu começo no meio literário. Cativar as pessoas por meio do que eu escrevo é um dos fatores. Eu encaro o mundo como uma grande biblioteca, e nossas vidas são livros enfileirados. Alguns velhos, outros empoeirados. Os mais velhos tem mais história, os mais novos estão aí hoje e um dia virarão clássicos. Um livro é uma ótima metáfora pra vida, e uma biblioteca é uma ótima metáfora pro universo à nossa volta.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Arthuris Artem e a lança de fogo" (Chiado Books). Poderia comentar?**

**Luigi Gabriel:** Sim. Poderia.

Tenho 16 anos hoje, comecei a escrever o livro com 13, terminei com 14. Foi mais um tempo corrigindo, outro tempo esperando, e finalmente na véspera dos meus 16 anos, eu tinha o livro em mãos. É um livro que sei que você vai gostar de ler, porque confie em mim: pra corrigir esse livro, não sei quantos vezes eu o li. E em todas, eu gostei.

Eu acho que qualquer sinopse que eu fizer não vai definir completamente o livro. Passa um pouco longe. Acho que pegar ele com as mãos, ler um trecho, ler outro trecho... Cativa mais.

Quem quiser ver uma amostra, só clicar nesse link:

<https://amz.onl/2SpLkIS>

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Luigi Gabriel:** Levei 1 ano e meio, acho. Foi bastante tempo corrigindo, li o livro mais do que devia para não deixar passar nenhum erro, porque às vezes passa batido. No caso, passava muitas vezes. Então, eu ia, voltava, ia voltava. Foi a parte mais trabalhosa, com certeza.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Luigi Gabriel:** Escolher um trecho em especial... É complicado.

Mas eu gosto bastante de um, onde o protagonista, Arthuris, somente com um olhar, provoca o antagonista: "Me tema, como se eu fosse seu maior pesadelo, como se eu fosse um vislumbre do seu passado inglório." - e ele só precisou dos olhos para dizer isso.

O trecho é uma metáfora para um passado não vencido, não superado que os dois têm em comum. E é justamente isso em comum que os conecta suficientemente neste trecho para que somente um olhar fosse necessário. "Em olhares complexos, foi isso que eu disse." - o protagonista completa.

É algo a se levar para a vida real também, todos temos algo em comum. Na maioria, histórias ruins, todos temos histórias ruins. Todos temos traumas. E não importa o quão ruim essas coisas sejam, elas também podem conectar as pessoas.

As pessoas nunca vão se identificar pelo sucesso, mas pelo fracasso que ambas têm em comum.

Têm vários outros trechos no livro, mas resolvi colocar esse por representar bem a relação entre o protagonista (Arthuris) e o antagonista (Thomas).

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Luigi Gabriel:** Se você for de Recife, pode passar na Livraria Imperatriz que você vai achar. Tem o meu contato comercial, também (81 99804-0396) faço pedidos por lá, sem nenhum custo adicional. Também tem no site de todas livrarias parcerias da Chiado, no Kindle...

E é isso. Para saber mais, seguir no Instagram é o mais favorável: @arthurisartem. Estamos sempre atualizando o conteúdo, falando de coisas gerais que sei que você vai gostar.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Luigi Gabriel:** Sempre. Penso nisso, sim. Mas no momento não é o meu foco. Tenho tudo na cabeça, porém ainda em segundo plano. Quero focar no que eu já tenho, primeiro.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Tenho como especial Percy Jackson, foi o primeiro livro sem figuras que li, quando era criança.

Um (a) autor (a): Machado de Assis. Só li um livro dele completo, mas como é pra escolher um autor, acho que é ele. Por tudo o que ele representa.

Um ator ou atriz: Cillian Murphy ou Neil Patrick Harris.

Um filme: O Gladiador.

Um dia especial: Pra mim, hoje foi um dia especial.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Luigi Gabriel:** Apenas pedir para as pessoas irem conferir o livro, pois tenho certeza que elas não irão se arrepender. Goste de ficção, ou não. É um livro versátil nesse sentido pois se trata de um mundo fictício, mas não é somente isso.

Todo livro há nele uma ficção envolvida.

Em Arthuris Artem, ela está presente a todo tempo, a toda hora, mas ela está flertando com o real.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA COM

REJANE MARKMAN



**Rejane Markman**

Rejane Markman é uma socióloga, professora de universidade, PHd em Comunicação Social. Ela lecionou metodologia científica por trinta anos, ajudando a formar uma geração de jornalistas. Atualmente é youtuber, produzindo vídeos no Canal Metodologia Amigável que discutem metodologia, sociologia, política voltados para a realidade brasileira. É autora de 2 livros acadêmicos: (Música e Simbolização. Mangubeat: Contracultura em versão Cabocla, Ed. Annablume, 2017 e Metodologia Amigável: Parte I – Guia para Criar um TCC de Sucesso (e-book), [www.hotmart.com](http://www.hotmart.com), 2019); Além das Horas, (romance), Sguerra, Florianópolis, 2021 e Mulheres Atrevidas (contos), Ed. Astrolábio, Lisboa, 2022.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Rejane Markman:** Eu me considero uma “escritora tardia”, pois a ficção chegou em mim depois de uma história de vida acadêmica e veio com a minha aposentadoria em salas de aula universitárias. Em 2007, eu lancei um livro acadêmico e depois um e-book, mas não havia me aventurado na ficção. No ano 2020 comecei, timidamente, a escrever literatura e um pequeno romance surgiu: Além das Horas. Submeti o produto a um especialista e publiquei o livro pela SGuerra, de Florianópolis.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Mulheres Atrevidas" (Editora Astrolábio, Lisboa, grupo Chiado). Poderia comentar?**

**Rejane Markman:** Mulheres Atrevidas é um livro sobre o universo feminino, descrito com um ar de erotismo em contos que interpretam asexualidade e a garra feminina diante de momentos difíceis. São 12 contos em que a mulher é a protagonista que tem problemas sociais e pessoais como pano de fundo. Exploro temas como a sexualidade reprimida, o poder do dinheiro sobre a vida da mulher e até sobre o feminicídio e o racismo.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Rejane Markman:** Gosto muito de escrever contos – as *short stories* – como chamam os americanos, e sou apaixonada pela literatura de Kate Chopin, autora norte-americana também tardia, oprimida em uma época em que as mulheres não podiam se expressar. Os temas me veem de repente, penso as histórias, as vezes antes de dormir, e pela manhã sento no computador e escrevo. Depois de uns dias, eu releio tudo, corrijo e acrescento.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Rejane Markman:** Claro, com prazer! É um trecho do conto “Descobrimo a Paixão”. “Ela entrou em uma lanchonete e pediu um sanduíche de pernil e um refresco. Quando o garçom trouxe o pedido, ela notou que alguém a fitava fixamente. Olhou ao redor e avistou um homem, sentado do outro lado do balcão, com um sanduíche à frente, olhando para ela. Ele tinha uns óculos de aros escuros e lentes excessivamente grossas que pareciam ter a finalidade de afugentar as pessoas estranhas. Vestia um terno bem cortado e os seus cabelos estavam arrumados com esmero. “Talvez fosse muito tímido e desejasse abordá-la ou talvez fosse um tarado, esperando a ocasião de atacar,” pensou Marina.

Ela ficou receosa, começou a comer, rapidamente, para ir logo embora e livrar-se daqueles olhos insistentes que continuavam a lambê-la como uma língua úmida. Deixou rapidamente a lanchonete, segurando os seus pacotes pesados, e tomou o primeiro ônibus até a estação de trem para retornar para casa.

Durante as quase três horas que durava a viagem, ela foi pensando no homem, conjecturando porque ele a teria olhado com tanta insistência. Ela não se achava bonita, nem se vestia bem. Não usava maquiagem nem se preocupava com a beleza. Por que um homem poderia notá-la? Por outro lado, ele não parecia um doente, alguém que procurasse atacar as mulheres. Era bem-vestido e bem-posto. Mas o que queria com ela?”

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Rejane Markman:** A editora do livro é portuguesa e vende também no Brasil. Os interessados em adquirir o livro vejam no [www.livrariaatlantico.com.br](http://www.livrariaatlantico.com.br) e, em breve, na [amazon.com.br](http://amazon.com.br), em formato de e-book.

Para me conhecer melhor, eu tenho um site: [www.metodologiamigavel.com](http://www.metodologiamigavel.com) onde divulgo meu trabalho acadêmico, livros, artigos para auxiliar quem está fazendo o seu TCC e quer obter informações sobre metodologia científica. Também tenho um canal no Youtube, Metodologia Amigável, onde falo de metodologia e de sociologia, política, filosofia, em linguagem fácil e coloquial, sempre atrelando os temas à realidade atual do país.

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Rejane Markman:** Eu também sou um autor “em principio de carreira”! Pela minha experiência, acho que os jovens autores devem ter muito cuidado com a correção da linguagem dos seus livros e no contexto histórico e geográfico das suas histórias. Creio que devem, também, investir em publicações autônomas e na divulgação.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Rejane Markman:** Estou produzindo muito e de forma diversificada. Escrevo um novo livro de contos que terá como temática o fantástico e inexplicável. Nesse gênero, gosto muito da literatura de José Luis Borges. Concomitantemente, estou revendo o e-book sobre metodologia científica para publicá-lo em livro físico.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Crime e Castigo, de Dostoevsky.

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro, maravilhosa!

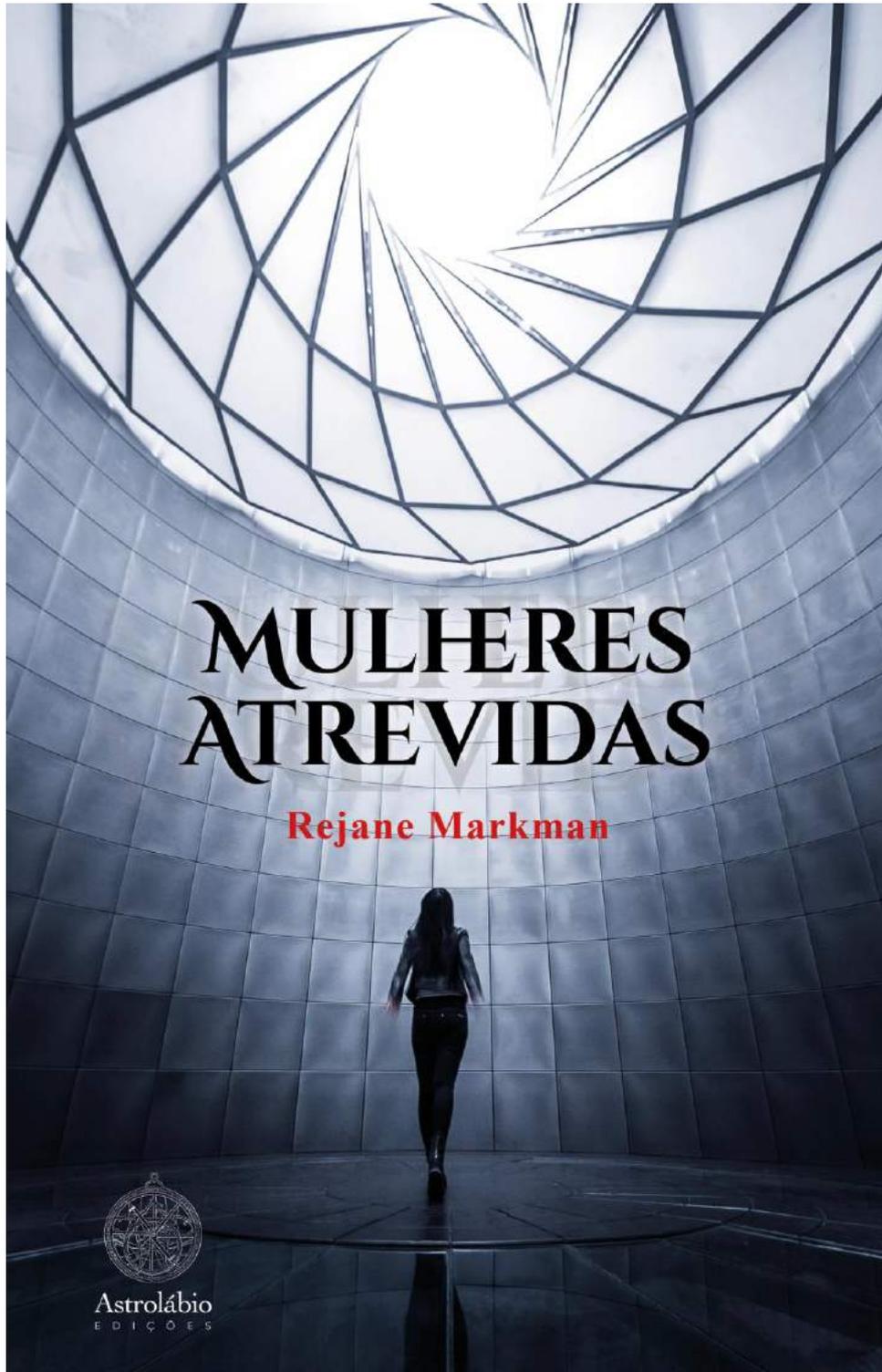
Um filme: A cor púrpura, sobre o racismo e mulheres.

Um hobby: Fazer doces!

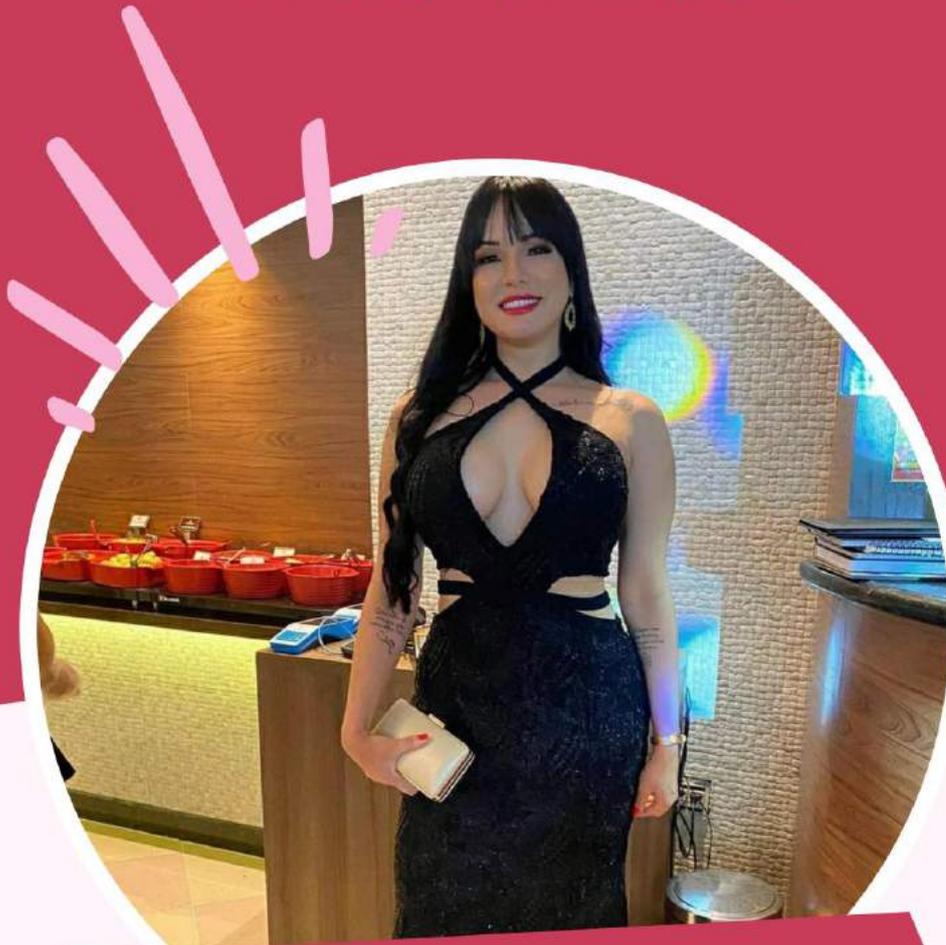
Um dia especial: Meu encontro com o meu companheiro: o amor da minha vida.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Rejane Markman:** Agradeço ao Conexão Literatura pelo seu trabalho competente e convido a todos os que leram esta entrevista, especialmente as mulheres, a adquirirem o meu livro: Mulheres Atrevidas. É uma forma de prestigiar o universo feminino e pensar sobre questões sociais.



# Luiza Moura se prepara para o lançamento do novo livro “A Arte de Amar”



**Luiza Moura**

Segundo a autora, a obra surge de influências dos estudos em Psicanálise, Sexologia e Terapia Familiar e de Casal e depois de “mergulhar” em literaturas já censuradas pelo Brasil e pelo mundo. O livro foi fruto da vitória no “2º Concurso de Literatura Erótica - Kama” (2019) realizado pela Editora Cogito, de Salvador. A escritora concorreu com pessoas do Brasil todo e saiu vencedora da categoria conto. O livro será lançado no mês de Abril e ficará disponível para venda no site da Cogito Editora.



“A Arte de Amar” mostra a versatilidade da escritora que já percorreu também pelo universo infantil, já participou de diversas antologias poéticas e publicou outros livros de contos e crônicas, além de ser colunista de vários sites e revistas e já ter recebido muitas premiações nesse universo literário.

**Conheça a biografia da escritora Luiza Moura:**

**Luiza Moura é Enfermeira, especialista em Saúde Pública. Psicanalista e Hipnoterapeuta. Mestranda em Psicologia e Intervenções em Saúde. Com cursos de Sexologia e Terapia Familiar e de Casal. Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Acadêmica do Núcleo de Letras e Artes de Buenos Aires. Membro da Luminescence - Academia Francesa de Artes, Letras e Cultura. Membro da Literarte - Associação Internacional de Escritores e Artistas. Membro da Academia de Música, Letras e Artes de Salvador. Doutora Honoris Causa em Literatura pelo Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos, Doutora Honoris Causa em Educação pela Faculdade do Bico - FABIC/ Faculdade de Ciências Médicas e Jurídica - FACMED.**

**Instagram: @luiza.moura.ef**

**PARTICIPE DA ANTOLOGIA**

# **BELOS POEMAS** *antologia nacional*

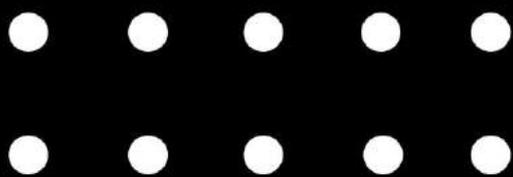
E-BOOK

ANTOLOGIA NACIONAL

## **Belos Poemas**

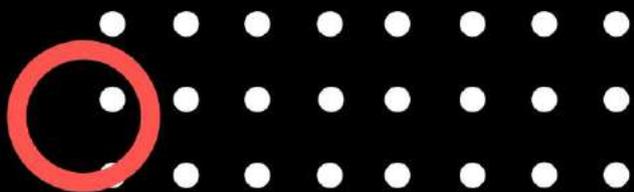
ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

saiba mais: [clique aqui](#)



# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura



# JANE AUSTEN

Muitas vezes perdemos a possibilidade de felicidade de tanto nos prepararmos para recebê-la. Por que então não agarrá-la toda de uma vez?





## **LORD BYRON**

Só temos alegrias se as  
repartirmos: a felicidade  
nasceu gêmea.

# EMILY BRONTË

Mas tenho quase todos  
aqueles volumes escritos  
na minha cabeça,  
impressos no coração;  
esses vocês não me  
podem roubar!





## **DENIS DIDEROT**

Não há nada como as  
paixões e as grandes  
paixões para elevar a  
alma às coisas grandes.

CONTOS FANTÁSTICOS

# UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E  
IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura



## *As Guerras Pandêmicas*



**CONTO**

"Trezentos e noventa e sete anos haviam se passado desde o início da colonização do quinto planeta do sistema estelar Gama Betelgeuse, batizado de Cassiopéia D."

**ROBERTO SCHIMA**

**Registro Histórico Ômicron 91.  
Estrela Gama Betelgeuse.  
Planeta Cassiopéia D.  
Colônia Orion-5.  
HC-V-1902.**

**T**rezentos e noventa e sete anos haviam se passado desde o início da colonização do quinto planeta do sistema estelar *Gama Betelgeuse*, batizado de *Cassiopéia D*. Um tempo extraordinariamente curto em termos históricos, biológicos, geológicos, astronômicos ou por qualquer outro parâmetro afim. Todavia, em que pesassem os avanços tecnológicos e a expansão cósmica, a humanidade não conseguira acompanhar o progresso em termos éticos, morais e intelectuais. No fundo, continuava a ser comandado por sua porção mais primitiva. Milhões de anos decorreram desde que seus ancestrais hominídeos abandonaram as selvas, contudo, a selvageria nunca os abandonou.

Enquanto os territórios inexplorados e os recursos naturais permaneceram em níveis elevados, tudo fora como um reencontro ao Éden. De fato, *Cassiopéia D* fora o mais aprazível planeta encontrado em mil anos de exploração do espaço sideral. Abundância em água, atmosfera compatível, fauna e flora similares, não obstante as diferenças morfológicas, extensas porções de terra seca, estações do ano definidas, extremos de temperatura toleráveis. Apenas a gravidade era dois por cento maior do que a da Terra e o nível de oxigênio três por cento abaixo do considerado ao nível do mar. Nada que o ser humano não pudesse suportar, embora sintomas como dor de cabeça e cansaço tivessem sido relatados pelos primeiros a chegarem ao novo mundo.

Entretanto, bastaram pouco mais de três séculos desde que a primeira astronave pousara no planeta para que antigos vícios ressurgissem feito uma fênix nefasta que não se cansava de exhibir suas garras. As formas de vida nativas oriundas da Terra adaptaram-se bem às condições de *Cassiopéia D*. Tão bem que, em pouco tempo, não só competiram com as formas nativas como se multiplicaram desordenadamente e levaram aquelas à beira da extinção. Ecologistas não tiveram voz ativa nas decisões que visaram principalmente interesses econômicos e políticos. Várias colônias se desenvolveram no planeta a ponto de tornaram-se cidades-estados e, por fim, nações independentes. O número de habitantes passara de milhares para milhões, de milhões para quinze bilhões de almas. Pouco a pouco, os recursos — por si limitados — tornaram-se fontes de acirradas disputas. Territórios foram invadidos e anexados. Entre trocas de acusações, sanções econômicas, rompimentos de relações diplomáticas, alianças aliadas e rivais, um conflito armado a nível global parecia inevitável, bastando apenas uma faísca, até que os cientistas, finalmente, puderam ser ouvidos.

Em vez de ecologistas, foram os arqueólogos que se pronunciaram.  
Era uma pequena e despretensiosa expedição.  
Eles fizeram a descoberta.

Numa zona remota na proximidade do polo sul de *Cassiopeia D*, encontraram traços de uma extinta e avançada civilização. Compunha-se de estruturas colossais que fariam as pirâmides do Egito parecerem casinhas de boneca. Possuíram engenhos avançados, capazes de atingir as profundidades abissais, os céus, penetrar na crosta terrestre e, segundo dava a entender, teletransportarem-se. Contudo, a considerar o nível de radiação, os alienígenas não tiveram freios e utilizaram maciçamente um recurso que o ser humano também inventara, porém, relutara em aplicar em grande escala exceto como argumento de dissuasão: as armas nucleares.

As ruínas eram a demonstração clara do que uma guerra atômica significava. Um grito eloquente contra a estupidez em sua maior escala. Um conflito no qual todos sairiam derrotados. Que outra prova seria necessária? Não bastaria escrever, teria que ser desenhada?

Menos por altruísmo dos políticos.

Menos pelo bem-estar de sua população.

Menos pela preservação de toda *Cassiopeia D*.

Acordos foram assinados e ânimos exaltados apaziguados.

Contudo, os habitantes continuaram a aumentar; os recursos naturais, a diminuir.

E, na mente de certos líderes, as ambições por hegemonia sob a sua bandeira persistiram. Para concretizá-las, apegaram-se a sórdida filosofia de que os fins justificariam os meios. A partir daí, surgiu o germe do que viria a se tornar a forma mais econômica, hipócrita e covarde de se deflagrar um conflito. Sequer seria reconhecido como tal. Não haveria a necessidade de se disparar um míssil, um morteiro, um tiro sequer. Nem uma declaração formal de guerra seria preciso. Tampouco aturar discussões diplomáticas ou conchavos políticos. Não haveria dispêndio de recursos materiais: armamentos, equipamentos, combustíveis. Centenas de milhares de soldados não teriam de ser mobilizados em campos de batalha, nas trincheiras, nos bombardeiros, em cidades arrasadas, a mercê de situações de extrema insalubridade em meio a uma infinidade de corpos a apodrecer sob os raios de *Gama Betelgeuse* entre a poeira ou o lamaçal.

Não haveria escombros.

Não haveria incêndios.

Não haveria radiação.

Os recursos do inimigo derrotado poderiam ser utilizados intactos em proveito próprio.

Para tanto, bastar-se-ia iniciar uma pesquisa secreta em laboratórios de localidades ignoradas. Desenvolver cepas virulentas que causassem rápida disseminação e mortandade. Paralelamente a isso, trabalhar-se-ia em antídotos para que seus próprios criadores não fossem vitimados por sua criação. Em seguida, a nação agressora providenciaria para que os vírus ou as bactéria atingissem o país adversário. A eficácia da arma estaria no fato de que — ao contrário de uma bomba ou de um foguete — seria difícil de ser rastreada e, por si só, se multiplicaria. Poder-se-ia, simplesmente, soltar na alta atmosfera e deixar que as fortes correntes de ar levassem os vírus até o alvo. Ou, então, introduzi-los diretamente em mercadorias exportadas ou correspondências que atravessariam *Cassiopeia D* até chegar ao seu destino. Ou, de modo mais preciso, agentes infiltrados no inimigo espalhariam a peste sem despertar suspeitas: espaçoportos,

rodoviárias, centros comerciais, estádios esportivos, danceterias, instituições de ensino, hotéis e, até, hospitais. Se outras nações — inclusive aliadas — fossem contaminadas, tanto melhor, pois dificultaria ainda mais a determinação da origem. Se algumas dezenas, centenas ou até milhares de habitantes de seu próprio povo fossem atingidas, seria perfeito, pois mostraria que o país agressor — travestido de inocente — também fora uma vítima. Tais cidadãos, inclusive, poderiam ser imunizados e contaminados enquanto estivessem prestes a passar suas férias ou iniciar intercâmbio no estrangeiro. Estariam infectados, não manifestariam os sintomas, mas passariam o mal adiante através do contágio. Inúmeras seriam as possibilidades com o mínimo de gastos.

A guerra teria início sem se fazer notar.

Milhões tombariam em dor e desespero.

A economia rival desabaria em colapso.

Seus hospitais lotariam fora de controle.

O caos oponente seria visto de camarote.

De forma a confundir ainda mais a apuração das responsabilidades, a nação agressora ofereceria seus préstimos através equipamentos hospitalares, acessórios e medicamentos — desenvolvidos em tempo recorde que atenuariam os sintomas, contudo, não curariam de fato. Fá-lo-iam a preços módicos, tornando-a heroína perante o restante da humanidade em *Cassiopéia D* ao mesmo tempo em que faria a balança comercial pender a seu favor, ao garantir uma fortuna através das exportações.

O país adversário, arruinado, ver-se-ia refém do agressor: econômica, política, religiosa e ideologicamente, a ponto de ser tornar um aliado na esfera de influência, um estado-vassalo subserviente.

A teoria foi posta em prática e tudo correu consoante as melhores previsões. Um plano tido por perfeito, não fosse por um detalhe tão pequeno quanto as dimensões de um vírus, porém, fundamental: a perfeição era um mito.

O que aconteceu a seguir, os livros de história registraram, exceto nos locais onde regimes totalitários cuidaram de censurar.

Um agente duplo acabou por revelar toda a infâmia.

Nações isoladas ou unidas num propósito comum, após descobrirem a cura por seus próprios meios, utilizaram-se da chamada *lei de talião* e revidaram. Pois, em se tratando do ser humano, a moral era dúbia e pendia para interesses pouco ou nada imparciais. Não existia uma clara dicotomia entre o Bem e o Mal, mocinho e bandido, certo e errado, preto e branco, luz e trevas. Constituía-se num amálgama de diferentes matizes de cinza no qual prevalecia o tom do vencedor. Em seus laboratórios, milhares de cientistas desenvolveram armamentos similares. Fortunas foram empregadas de cofres quase vazios e em detrimento das necessidades prementes da população.

Assim, as *Guerras Pandêmicas* tiveram início.

Não houve declaração formal.

Inexistiu o uso de armamentos.

Tropas continuaram nos quartéis.

O mundo aparentava normalidade.

Reinaram a aflição, o caos e a morte.

Milhões tombaram tanto pela fome quanto pela moléstia: homens, mulheres, velhos e crianças. A boca pequena, espalhou-se o boato que isto também fazia parte do plano: a contenção e diminuição sistemática do volume de habitantes do planeta; a maioria ordinária, pelo menos. Corpos se amontoaram pelas ruas, calçadas, becos, praças, dentro de moradias, em valas comuns. Cidades fantasmas proliferaram sem uma única cicatriz de projétil ou telha fora do lugar. Livros permaneceram nas estantes, mesas postas, televisores ligados, camas arrumadas, roupas nos varais, casais de mãos dadas. Países prosseguiram a comercializar, a trocar suas farpas, a fazerem reuniões, sem trocas abertas de acusações e dedos apontados naquilo que acontecia por baixo dos panos: as guerras que seriam silenciosas não fossem os gemidos.

Todavia, os líderes dentro de suas largas arrogâncias e estreitas visões, demagogias, ambições e mentiras perceberam suas ilusões de poder desfazerem-se em pó. As criaturas voltaram-se contra seus criadores. Antídotos não puderam salvá-los diante da velocidade com que os vírus se modificavam. Seus corpos colapsaram nos gabinetes oficiais, nas mansões ou em privilegiados leitos de hospital. Febre. Tosse. Vômitos. Falta de ar. Pústulas. Dores atrozes. Podridão. Se em seus últimos instantes o arrependimento aflorou, a solidão foi a única ouvinte.

Políticos, militares, cientistas, empresários, administradores, economistas, médicos, advogados, historiadores, populações, santos e demônios, benfeitores e malfeitores, culpados e inocentes. Todos desabaram.

As *Guerras Pandêmicas* terminaram em pranto, gemidos, estertor e, por fim, silêncio absoluto. Uma quietude carregada pelo vento através das edificações intactas, dos oceanos, das geleiras e dos continentes pelos quatro cantos de *Cassiopeia D*. Um odor nauseabundo acompanhou a brisa. Mas sob a luz de *Gama Betelgeuse* já não havia humano algum que pudesse cheirá-la.

Chefes de Estado não ergueram monumentos exaltando a sua glória.

Historiadores das diferentes nações não perpetuaram a história a seu favor.

Homens, mulheres, velhos e crianças desconhecaram o futuro de fé e esperança.

Sim, este é o relato daquilo que ocorreu.

Aqui anotamos para não esquecer.

Não aprendemos a mentir.

Isso podemos garantir.

Apenas nós restamos do conflito, aqueles que a evolução por meio de contínuas mutações cuidou de não apenas deixar sobreviver, mas aperfeiçoar, fazer conhecer o corpo e a mente dos homens, assimilar a ponto de adquirir a consciência, a moral, a cultura, a tecnologia e o entendimento. Pensamos, existimos e compreendemos. Não repetimos os erros. A vida em *Cassiopeia D* tornou a prosperar.

Assim, perante as estrelas e para a posteridade, registramos.

Tornamo-nos independentes de hospedeiros.

Progredimos no vasto mundo.

Nós, os vírus.

**Orion-5.**

**Cassiopeia D.**

**Gama Betelgeuse.  
 Historiador Chefe V-1902.  
 Término do Registro Ômicron 91.**



**Roberto Schima:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantomas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Particpei de cento e quarenta antologias. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

## Ser urso ou ser coelho?



### CONTO

"Após uma infância e juventude inteiras comendo, dançando e pulando serelepe, de repente ele alegou cansaço, foi emudecendo e parou de sorrir. Havia perdido o gosto pela vida assim, sem mais nem menos."

**TEXTO: DANIELA S. T. MERINO**  
**ILUSTRAÇÃO: CLÁUDIA A. TEREHOFF MERINO**

## Conto

**A**pós uma infância e juventude inteiras comendo, dançando e pulando serelepe, de repente ele alegou cansaço, foi emudecendo e parou de sorrir. Havia perdido o gosto pela vida assim, sem mais nem menos. Jogava a culpa no sono e nas dores; renunciou às festas e andanças; foi se isolando, se encolhendo e inclusive se fechando como um botão de rosa ao contrário até que, por fim, querendo deixar de existir de vez, simplesmente encostou a cabeça no travesseiro, fechou os olhos e, pensando estar com a consciência e a alma em paz, hibernou por dez longos anos.

Já era urso quando abriu os olhos novamente.

Ali, cansado até de tanto dormir e ainda deitado e olhando para o teto, aquele se pôs-se a refletir: “Hummm... Pelo visto a vida continua sem graça, igualzinha ao que era antes de eu dormir. Igualzinha, a não ser pelas... pel... ora essa! Risadas? De onde será que elas vem? Por acaso terei vizinhos novos e felizes? Felizes por quê?”

O barulho vindo do jardim o fez querer ficar de pé e espiar pela janela.

Lá fora, leves e alegres – verdadeiros coelhos! – todos pulavam para lá e para cá, brincando e fazendo estripulias, cantando a felicidade de viver.

“Festa de aniversário? Ora! Bobagem!”, foi seu primeiro pensamento ao ver e ouvir tudo aquilo. “Todos eles aproveitariam bem melhor o tempo se dormissem como eu. Aliás, nem sei por que foi que acordei e, pior ainda: levantei da cama! Bah! Hora de voltar a dormir.”

E o urso já se dirigia para a cama outra vez, quando ouviu um canto de parabéns seguido por algumas frases de convidados sobre a entrega dos presentes que se daria logo mais.

Assim que aquilo entrou por seus ouvidos, o urso recordou-se, por acaso, de antigas falas sobre aniversário ditas por velhos amigos seus, como por exemplo:

— Eu nunca comemoro o meu nascimento: para mim todos os dias são presentes e devem ser festejados.

— Quanto a mim, amo fazer aniversário! E não fico sem comemorar por nada no mundo! Principalmente pelos presentes que recebo. Os presentes físicos, os de verdade.

— Ora, vocês dois são uns tolos. O bom mesmo é ir a festas alheias para comer os docinhos e o bolo sem fazer esforço nenhum. Ora, bolas! Se dar ao trabalho de fazer aniversário, de preparar a festa, quando você pode ir às festas de outros?

— E você, seu bode velho, pare de ser aproveitador! Está querendo usufruir sem trabalhar!? Se todos vocês fossem menos egoístas, veriam que o melhor mesmo em uma festa é poder presentear em vez de receber presentes ou guloseimas. Presentear alguém em dia de aniversário sempre revigora a minha alma. A de vocês não?

Ao lembrar-se de tudo isso, o urso coçou sua cabeça intrigado: “Hummm”, pensou ele, “Há quanto tempo me disseram tudo isso... Eu já nem me lembrava de cada um desses amigos. Aliás, aquilo que ele nos disse sobre a alma... Alma... Puxa vida! Revigorar a alma... Que curioso isso, não?”

Teria ele ainda alguma coisa chamada “alma” dentro de si após esses dez longos anos de hibernação e congelamento de sensações? O urso pensou, pensou, pensou e... Decidido a tirar essa questão da alma a limpo, resolveu que iria àquela festa dada por seus

vizinhos. Se tivesse *mesmo* uma alma, ela teria de se manifestar ali na festa de algum modo. Uma verdadeira alma não consegue se esconder para sempre.

Assim, o urso olhou para a bagunça de sua casa e começou a procurar qualquer item que ainda estivesse em bom estado e com o qual ele pudesse chegar à festa e presentear o aniversariante. Pois não seria nada educado chegar de mãos vazias. E além disso, se dar presentes aos outros em dia de festa “revigora a alma”, conforme haviam dito a ele no passado, então nada melhor do que verificar tal fala na prática.

— Ah! Isso está ótimo. É exatamente do que eu precisava. — disse o urso com um objeto em mãos. Um que havia retirado do fundo de um baú velho.

Era um pequeno bolinho de biscoito que ele próprio ganhara de uma amiga de infância há anos e que havia guardado por toda a vida como uma forma de ter consigo sempre uma saborosa recordação do passado e não esquecer do sonho de ser cozinheiro.

Após guardar tal item dentro de uma caixinha velha, o urso colocou sobre a cabeça um pequeno chapéu de festa triangular tirado de seu guarda-roupa mofado e, embora não tivesse um convite para o aniversário, saiu de sua própria casa e, pé ante pé, sem qualquer pudor, adentrou o jardim alheio. (Para sua alegria, sem ser expulso!)

“Estranho...”, pensou o urso olhando ao redor: “Como será que eles conseguem agir desse jeito? Ficar comendo, dançando e pulando serelepes? Humm... Tanto faz. Onde estará o aniversariante, afinal?”

Após algum tempo procurando por ele por todo o jardim, o urso finalmente reconheceu-o a um canto distante (era fácil reconhecê-lo, já que toda a decoração da festa estava com o seu rosto desenhado). O aniversariante estava quietinho e aparentemente triste, como se a festa sequer fosse sua. Como se odiasse aniversariar.

O urso chegou mais perto. Em seguida, sem dizer qualquer palavra, estendeu-lhe a pequena caixa com o bolinho de biscoito dentro e os dois trocaram olhares.

“É mesmo pra mim, seu urso?”, gostaria de ter perguntado o pequeno coelho aniversariante. Porém, sentindo-se emocionado e até confuso perante a situação de ser presenteado por alguém que ele nem mesmo conhecia, preferiu ficar em silêncio, os olhos dizendo o que a boca era incapaz de expressar. O urso, por sua vez, olhava para o outro com ansiedade, na expectativa de descobrir se ainda era um ser digno de possuir uma alma que pudesse ser revigorada de algum modo ao dar aquele presente.

Nenhum dos dois se movia.

Até que o urso sorriu, constrangido e sem graça por ter de esperar tanto tempo e em silêncio a aceitação do aniversariante. Enquanto o coelho, vendo esse sorriso singelo, resolveu tomar o presente para si de uma vez por todas.

“Ah! Como é bom viver!”, pensou o urso, aliviado e, subitamente, alegre.

Depois disso, ainda sem dizerem qualquer palavra, ambos se distanciaram e seguiram seus próprios caminhos.

Naquela mesma noite, o urso cantarolava enquanto fazia um chá e arrumava a casa. Sentia-se animado, com uma inesperada felicidade revigorante, pronto para uma nova vida! (Se bem que, diga-se de passagem, assim que começou a tomar seu chá e se lembrou da alegria toda durante a festa, o urso logo sentiu que ele não era digno daquela vida e que o melhor mesmo seria dormir outra vez — mais dez ou até quinze anos, quem sabe?)

Afinal, já havia revigorado a alma e, segundo suas crenças ursísticas, tal atitude era mais do que o suficiente para uma vida inteira).

— Preciso voltar a hibernar. E que os outros sejam serelepes se quiserem. Essa vida de alegrias não é para um velho desbotado como eu. Quem ia me aceitar lá?

Enquanto isso, o pequeno aniversariante admirava o seu novo objeto decorativo posto sobre a estante principal, bem no topo e, feliz da vida, dizia para a mãe:

— Ah, aquele urso me inspirou! Eu nunca gostei de aniversário, mãe, você sabe. Achava que ficar mais velho fosse chato... Mas agora, depois de ver que até um velho urso participa de festas, usa chapeuzinho de aniversário, dá presentes a desconhecidos e sorri daquele jeito bonito sem nem conhecer o dono da festa, até me deu mais vontade de viver. Que urso feliz! Quero ser como ele. Ah, como é bom, mãe! Como é bom!

E muitos anos se passaram após este seu aniversário. Mas graças à lembrança daquele urso e ao bolinho de biscuit que estava diariamente diante de seus olhos, o juvenzinho jamais deixou de ser coelho.

**Daniela S. T. Merino** (@daniterehoff) é doutora em Letras - Literatura e Cultura russa. Autora dos livros “Sulerjitski: *mestre de teatro, mestre de vida: sua busca artística e pedagógica*” (Perspectiva, 2019) e “O sabiá carnívoro” (Dialética Literária, 2022). Escreve peças teatrais desde 2011, ganhou 2 menções honrosas no Nascente e o 2º lugar no Primeiro Prêmio Travassos de Literatura em 2021. Atualmente desenvolve projetos em parceria com a ilustradora Claudia A. Terehoff Merino, sobretudo para o blog Masticadoresbrasil e para o seu instagram @daniterehoff. Tem contos, crônicas e poemas publicados em antologias por diversas editoras desde fins de 2020.

**Cláudia A. Terehoff Merino** (@caucauilustra) é professora de desenho Mangá no Centro Cultural de Ribeirão Pires. É ilustradora das obras “O sabiá carnívoro”, recentemente publicada pela Dialética e de “Brilha Brilha Adelina”, já com contrato de publicação por ser a vencedora do 2º lugar no Primeiro Prêmio Travassos de Literatura em 2021. Suas obras estão disponíveis: na revista Conexão Literatura, na página do instagram @caucauilustra, no site Masticadoresbrasil, no Colab55 (site onde podem ser adquiridos produtos com seus desenhos), na antologia *Café e Literatura* organizada por Douglas Augusto (2021) e no e-book “108 Sombras” da editora CRAS (2021).

incentivo à leitura

## *O caminho do zumbido*

**CONTO**

"Resolveu mudar o trajeto, calculando que fosse tempo de cigarras e que elas estivessem depositando a cantoria em suas cavidades auriculares..."

**DANIELA VALVERDE**

Começou no dia em que José Alcino completou cinquenta anos. Como de costume, ele acordou às seis horas, passou um café no coador de pano, que tomou fazendo aquele barulho que exasperava sua finada mãe: soprar e engolir ao mesmo tempo uma bebida muito quente. Calçou tênis de ginástica e saiu para sua caminhada matinal, seguindo as recomendações médicas de reduzir as taxas de triglicérides.

A princípio, achou que as moscas que sobrevoavam a lixeira da esquina o acompanhavam, zunindo muito perto dos seus ouvidos, o que fez com que, durante muitos dias, quem o via passar abanando as próprias orelhas, julgava que estivesse desenvolvendo uma espécie de toque sinistro, que o expunha à chacota da gurizada esperando a lotação para a escola na pracinha onde ele cumpria a rotina de andar em círculos.

A persistência do chiado ao longo do dia confirmou que as moscas não estavam interessadas em seguir a sua rota matutina, o que já era de se imaginar, uma vez que ele, muito asseado, não daria motivos para que elas o escoltassem como a um saco de lixo, nem tampouco nas primeiras horas da manhã elas se ocupavam de suas atividades zunideiras.

Resolveu mudar o trajeto, calculando que fosse tempo de cigarras e que elas estivessem depositando a cantoria em suas cavidades auriculares, de modo que voltava para casa com aquele volume sonoro preenchendo o silêncio da sala, do quarto, da cozinha ou de qualquer canto da casa em que ele se aquietasse, prestando muita atenção àquela incômoda companhia.

Se passaram semanas assim. O zumbido ia, o zumbido vinha, ocupando os vazios do cérebro, ora como uma cachoeira jorrando, ora como um apito muito fino ou como um discreto rufar, que o fez se perguntar também se não seria o seu coração deslocado pelo corpo, batendo mais próximo da cabeça do que do tronco ou dos punhos. Hesitou em voltar no cardiologista para uma investigação mais acurada, por temer a necessidade de confessar que fosse o culpado da piora do seu próprio quadro, por não seguir a recomendação de trocar a manteiga por margarina.

Para evitar tamanha exposição frente a uma autoridade, uma vez que mentir sobre suas práticas alimentares seria um acinte à sua honestidade com tudo e com todos, resolveu percorrer sozinho, sem muito sucesso, o caminho que o zumbido vinha fazendo até ali. Buscou identificar em quais momentos era mais intenso, e quais estilos predominavam, se o chiado o acometia quando se irritava com o jornal na tv, se o apito cumpria o papel de quebrar o encanto silente da tarde ou, ainda, se o jorrar combinava com o momento seguinte ao seu banho de chuveiro.

Em sua busca pela confirmação de uma mitologia que viesse a explicar a origem da sua nova condição, desarranjou-se por completo do que fazia de praxe, envergonhou-se de trocar a noite pelo dia como um desocupado e, consternado, incrementou hábitos esdrúxulos: tirou a antena da televisão, na esperança de, ao se colocar na escuta por vários minutos, teria seus ouvidos lavados pelo farfalhar das ondas sonoras da ausência de sinal.

Ao perceber que se aproximava o sibilar vespertino, assoviava bem alto e o mais forte que conseguia, construindo uma onda sonora que levasse a reboque o involuntário e irritante apito. Ou ainda, passou a tomar seus banhos mornos usando um balde, para evitar que seus ouvidos se contaminassem com o som da água escorrendo. Nada resolveu.

Numa tarde em que deixou-se levar pela letargia do cansaço, acumulado por causa das noites insones, teve um sonho. Com a cabeça deitada no colo de sua mãe, observava os cotonetes sujos com a cera dos seus ouvidos sendo lançados por ela em um balde no chão. Ela derramava óleo morno na cavidade e girava as hastes de algodão, retirando a pasta amarela e malcheirosa. O balde transbordava, e quanto mais ela limpava, mais cera se produzia, num processo que parecia não ter fim.

Acordou com um sentimento de alegria e alívio, pois sua mãezinha, lá do céu onde agora habitava, tinha aparecido para ele em sonho para o salvar daquela situação angustiante e embaraçosa. Foi até o armário da cozinha decidido a pôr em prática o auxílio recebido enquanto se encontrava entre o mundo dormite e o mundo desperto. Aqueceu em uma chaleira uma quantidade de óleo que julgou suficiente para colocar nos dois ouvidos. Deitou-se de lado em sua cama e derramou o líquido quente e untuoso, que deslizou pela orelha para dentro da cabeça, preenchendo, afinal, todos os espaços, e consumando o estorvo de sua vida.



**Daniela Valverde** nasceu em Alagoinhas, na Bahia, em 06/02/1975. Atualmente mora em Brasília. É formada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem contos publicados em coletâneas e revistas virtuais.

incentivo à leitura



## Trauma de Infância

**CONTO**

"Era um fim de ano e uma garotinha estava encerrando o antigo pré-primário, pois iria ser transferida para um colégio e estudar na primeira série do Ensino Fundamental."

**GABRIELLI DIAS SOUZA**

**Conto****Prólogo**

**A**s crianças associam uma imagem ou algo de sua imaginação e relacionam a fobia, e depois de adultos sentem receio de aquilo que lhe assustavam quando crianças. Tem crianças que sentem medo de ficarem no escuro de seu quarto, até mesmo adultos que precisam acender uma luz para dormir. Algumas crianças têm medo de dormirem sozinhas e precisam da companhia de um mais velho, muitas dormem na cama com os pais, que muitos especialistas consideram isso errado e recomendam que durmam em seu próprio quarto.

Algumas figuras são assustadoras para algumas crianças, que na verdade seria para divertilas, como por exemplo: Palhaços, Coelhoinho da Páscoa, Papai Noel, Bonecos de Fantoques e alguns tipos de brinquedos. Há adultos que ficam com o receio de algo que sentia medo na infância.

Eu a autora desse texto, nunca tive medo de Palhaço, Papai Noel, Coelhoinho da Páscoa nem marionetes, pelo contrário eu adorava e achava divertido. Eu tinha receio de ursinhos de pelúcia musical que acendia as bochechas, eu ainda tenho um pouco desse trauma. Palhaços são sinistros, eles se escondem por trás da pintura facial.

Eu sou uma pessoa corajosa de certas coisas eu não tenho medo. Quando eu era criança eu tinha medo do escuro do quarto, da luz do rádio relógio (eu tinha que virá-lo para a parede) e de dormir sozinha, que eu ia para o meio da cama dos meus pais. Na adolescência eu já superei isso e hoje eu adoro dormir no meu quarto escuro.

**Trauma de Infância**

Era um fim de ano e uma garotinha estava encerrando o antigo pré-primário, pois iria ser transferida para um colégio e estudar na primeira série do Ensino Fundamental. Após sua última apresentação de final de ano na escolinha infantil, logo entrou no período de férias e chegaram seus primos. Toda entusiasmada ela foi recebê-los e os acompanhou até o quartinho dos fundos que ficava no andar de baixo da casa de sua avó. Enquanto isso a menina se encostou na janela do quarto e deparou com um chaveiro de um grilo que estava de óculos de sol, o grilo baixou os óculos e piscou para ela lhe causando uma má impressão a deixando com dor de estômago.

Mais tarde seu primo foi até o computador na casa da garota que ficava no mesmo quintal da avó e foi jogar um joguinho de um CD-ROM educativo que ela tinha. Nele continha a história do lobo guará que a garota já sabia de cor. Ela adorava sentar-se na escada da sala de sua avó e prender a atenção dos primos e dos adultos contando suas histórias de faz de conta, e ela contou todinha a história do lobo guará, as exatas palavras

ditas no CD. Ela fazia farrá com seu primo, ambos pareciam ter “fogo no rabo” quando estavam juntos, mas também caíam na porrada a maior parte das vezes. A menina entrou novamente no quarto, bateu o olho na janela, e o grilo pendurado lá a encarava, dessa vez ele estava sem os óculos e levantava as sobrancelhas para ela, que saiu traumatizada do quarto e contou aos avós que tinha um grilo no quarto a encarando.

Ela voltou ao quarto, aproximou-se da janela e tentou esconder o chaveiro e apareceu sua tia e disse:

— Deixa isso, é de fechar a janela.

Novamente, o grilo a encarou com um sorriso macabro e os olhos vermelhos soltando laser.

Certa manhã de sábado, a menina acordou cedo e seus pais continuavam a dormir, ela saiu no quintal por um momento. Seus avós e seu primo já tinham acordado, pois acordavam com o canto do galo (eles moravam na cidade grande e nem tinha galo, eles que tinham o costume da roça) ela entrou no quarto de baixo e o grilo piscou pra ela. Ela voltou para casa entediada, os pais dormiam até tarde no sábado, ela foi para cama no meio deles, adormeceu e acordou quase meio-dia e foi fazer um programa qualquer pro fim de semana.

Ela até começou a sentir medo de entrar no quarto e sempre dar de cara com aquele bicho sinistro que sempre a encarava e ficava com os olhos vermelhões como raios de fogo. Ela correu para sua casa e colou a cara no travesseiro. Ela levantou o rosto lentamente e ficou cara a cara com o grilo, que piscou para ela e levantou as sobrancelhas. A menina pegou o chaveiro e foi jogá-lo na lata de lixo com o rosto virado para não ter que olhar de novo. A garota pediu para sua mãe encontra um chaveiro legal para substituir aquele e se desfazer do grilo.

Ela entregou a sua tia outro chaveiro do Jake de Hora de Aventura, esse por vez afastaria qualquer maldição. Jogaram o grilo fora, ele foi levado pelo caminhão de lixo, amassado “putz grila!” pensou ele, agora sim ele tinha um grilo enorme.

Muitas pragas estavam por trás da garota para lhe colocar mal olhado. Um dia sua avó fez dois novos travesseiros a partir de lençóis velhos, com estampa de bichinhos. À noite, ela foi deitar com esse travesseiro, tinha um cachorro sinistro amarelo de focinho vermelho com o olhar torto de lado, cabeção enorme corpo pequenino e uma mancha vermelha enorme no olho direito, uma aberração, esse mil vezes mais assustador que o grilo. Ele encarava a menina e movimentava os olhos de um lado para outro. Ela gritou por sua mãe assustada, a mãe cobriu com uma fronha escura, mas a menina pensou que tinha apenas trocado, mas um gato azul saiu debaixo da fronha e piscou para ela com laser nos olhos e perguntou:

— Mãe você não tinha trocado de travesseiro?

— Não eu embrulhei.

— Mas eu vi o bicho!

— Quem mandou você ver?

Sua mãe pegou para si o travesseiro e de manhã enquanto ela a arrumava para ir à escola, a mãe atirou o travesseiro, que caiu em cima da cama da menina e os gatos estampados que encaravam a garota com um sorriso e olhar sinistro, sua mãe ficou com ele.

Uma noite, enquanto a mãe da garota penteava o cabelo da menina, a porta do guarda roupa estava aberta e a cabeça da menina travada de frente aquele cachorro que disparou um raio de fogo através da “oréula” (palavra definida por sua avó referente à pinta ou mancha em apenas um dos olhos do cachorro) na verdade é pinta, ou mancha, tem auréola que é o círculo dourado e brilhante sobre a cabeça do anjo e olheira que é concentração de vasos sanguíneos sob a pálpebra inferior que deixa a região ocular com tom escurecido. Praticamente não têm nada a ver.

Na escuridão da noite, apesar de dividir o quarto com os pais, sua cama ficava distante da deles e com a cabeceira próxima a porta, sempre ia deitar no meio dos pais, como toda criança faz. A mãe arrumou uma fronha para encapar o travesseiro e esconder os bichos, e a menina achava que era outro, que mãe lesada, não dava logo um fim naquelas pragas. Num momento ela abriu o guarda roupa e ficou de cara com aquele cachorro sinistro que com um raio de fogo disparado da pinta vermelha do olho direito e os olhos fixados nela, lhe deixou com mau olhado, por mais que seja um raio de calor, lhe causou calafrios, arrepio na espinha e falta de ar. Durante a noite sua mãe a chamou para fazer lição de casa, que a garota morria de preguiça, sentiu uma agonia ao escrever os números de cem a duzentos, ela achava que eram muitos números, infinitos, como se estivesse contando todos os números existentes, o oceano gota por gota. O cachorro apareceu na folha do caderno e fixou seu olhar ao dela, estava pressionando-a para fazer a lição, ela estava quase chorando. Sua mãe resolveu lhe dar uma trégua e deixou-a parar nos 170 e ir descansar. Enquanto a garota dormia, os bichos do travesseiro desprenderam-se do tecido, saíram pela porta do guarda-roupa, subiram na cama da menina e a puxaram pelos pés.

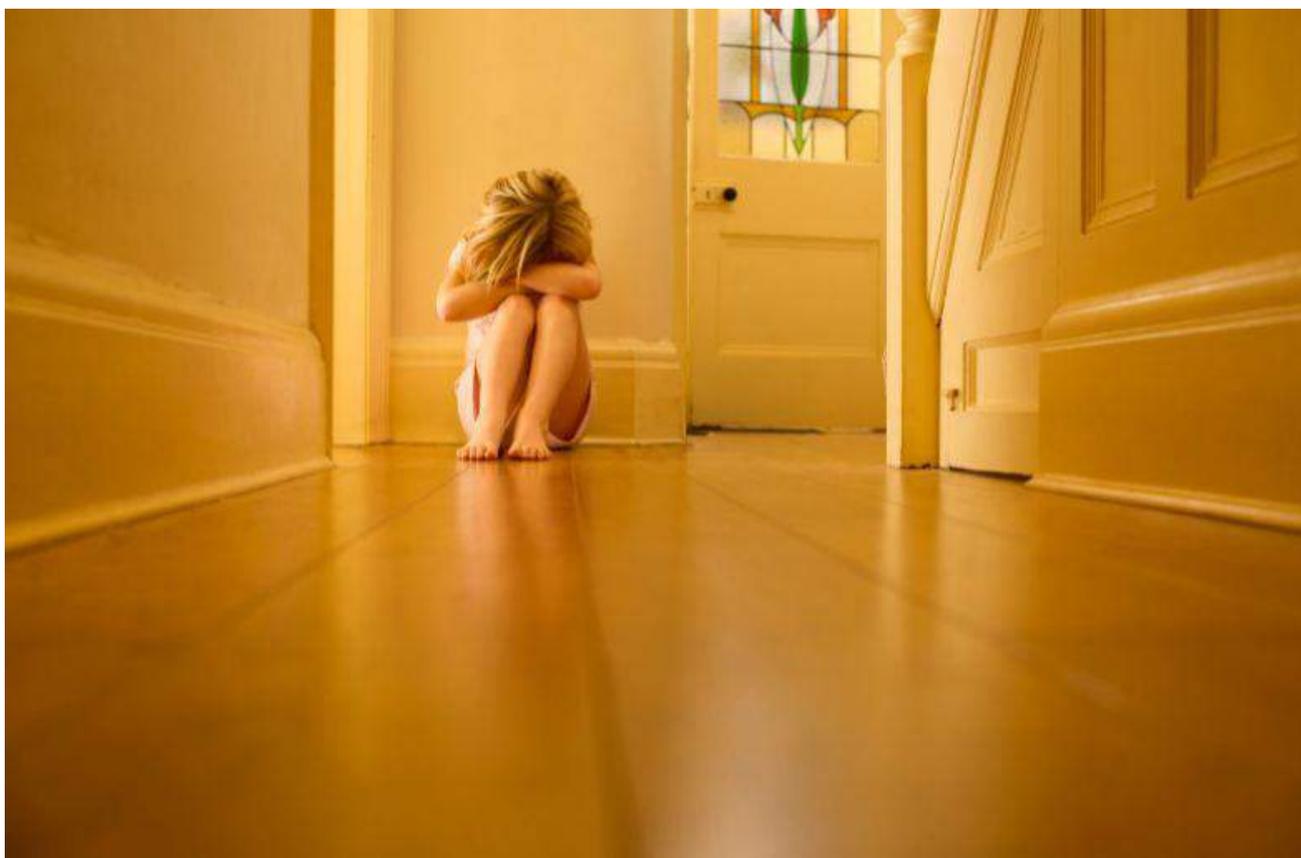
A avó da menina escondeu o travesseiro e resolveu guardar na casa dela. A menina foi bisbilhotar a gaveta do quarto de sua avó e sua tia ameaçou pegar o travesseiro para assustá-la e a menina saiu correndo. Ninguém deu um fim naqueles bichos sinistros, apenas deixou fora das vistas da garota, mas sempre temia ser perseguida por eles.

Onze anos se passaram e essa menina estava com dezoito anos, praticamente uma adulta, tinha coisas assustadoras a temer sobre a realidade do mundo à sua volta, tinha seus artistas e desenhos animados favoritos que a deixava relaxada, causando um efeito de droga. Onze anos depois, a garota passava o dia de Natal na casa de sua tia, churrasco, sobremesas, música sertaneja e assistir TV a cabo, pois a garota não tinha e quebrava o galho com a internet. A tia pegou um travesseiro para deitar no sofá, e era justo aquele amaldiçoado, sua tia tinha guardado para lhe jogar uma praga, lhe deixar mal olhado. Tá legal que uma vez a garota colocou um rato de brinquedo em cima da cama de sua tia

para fazer uma pegadinha. Ela decidiu mexer no travesseiro e procurar o cachorro, ela o achou, e ele lhe causou receio e os gatos ficavam com os olhos bem vermelhos como laser e até o cachorro soltou raio de fogo da “oréula”.

Muito tempo depois do Natal ela foi para um congresso à noite em sua faculdade, num lugar desconhecido, a garota saiu onze e meia da noite e pegou um ônibus deserto cuja luz piscava, ela ouvia ruídos estranhos e movimentos esquisitos. Ela pegou um ônibus que tinha o nome de um que ela costumava pegar, porém o destino era outro, não passou nem perto de sua casa, ela desceu numa viela deserta na favela e dos becos saíram os bichos da estampa do travesseiro e o cachorro de cabeça grande e corpo pequeno, que a deixou de quatro no chão, encaixou seu corpo ao dela e deu um “creu” nela a deixando toda estrangulada.

Filmes de terror, zumbis e certos jogos de vídeo game não são nem um pouco assustadores, assustadoras de verdade são as notícias de telejornais que exageram nos mostrando uma realidade trágica.



Meu nome é Gabrielli Dias Souza, sou formada em Letras, Tradutor-Intérprete pela FMU. Sou aspirante a escritora desde os 15 anos, então comecei a digitar as minhas histórias no *Word*. Eu escrevi este conto, “Trauma de infância” em 2013, quando eu estava no segundo semestre de Licenciatura, antes de mudar a minha habilitação para Tradução-Intérprete, este texto é baseado num episódio de quando eu tinha seis anos de idade.

incentivo à leitura

## *Um contratempo*

**CONTO**

"Surtava, impulsionado pelas adversidades, versado em ignorância, achava os livros uma falácia, um conto do vigário, uma historinha de escritor..."

**IDICAMPOS**

## Conto

---

**U**m contra tempo

Surtava, impulsionado pelas adversidades, versado em ignorância, achava os livros uma falácia, um conto do vigário, uma historinha de escritor... No seu entendimento: a história oficial era um amontoado de mentiras.

A sociedade, segundo o filósofo, era formada por um bando de idiotas, escravos das editoras. Os leitores viviam a serviço da mídia, do discurso imposto. A ciência havia afastado o ser humano da religião. A ditadura da sabedoria acabaria com a moral, com a família.

A mobilização, contra os livros, promovia uma campanha, junto àquela garotada da bolinha de papel, dos preguiçosos, a rapaziada que só lê display de celular, a geração etiqueta, os grupos neonazistas: o conjunto da ignorância da época.

O Mauricio abraçava a filosofia, teve o privilégio de receber o batismo, em meio às águas, nas mãos do pastor Evandro da Sacolinha. Eminentemente defensor da raça superior, do fundamentalismo religioso, do respeito aos membros do seu partido, da moral, dos bons costumes, etc.

Com o apoio dos conservadores, tendo a fração do movimento garantida, Mauricio passou a perna no pastor Evandro, tomando o poder no clube religioso. Agora, dava as cartas, as doações foram reajustadas em vinte por cento, colocou bilheteria na porta, cobrou ingresso na entrada do culto; mas também quem queimasse livros ganhava desconto.

O Templo da Salvação, antigo Lar da Sacolinha, servia de ponto de encontro, centro de convenções. Situado na esquina da rua da lama, nas proximidades de Nova Iguaçu, vizinho do inferninho. Os dois estabelecimentos disputavam a tapa os clientes...

Diante do sucesso do conluio, eles resolveram marcar um grande evento, com a participação de cantores, desfile de facções aliadas e a eleição do primeiro paladino da esperança.

Contataram uns vereadores, simpatizantes da causa que viabilizaram a confraternização, o palco do encontro, na praça Santos Dumont.

Aglomeraram, no recinto, os defensores do fim da escola pública, as organizações contra a ciência, os inimigos do SUS, os exterminadores de professores e o Templo da Salvação.

O concurso, promovido com o patrocínio da milícia local, elegeria o líder supremo do Exército da Ignorância, o paladino da esperança. O Exército da Ignorância seria formado a partir da escolha do líder.

O dia tão aguardado deu o ar da graça, com um sol generoso, tendo como fundo a imensidão do céu. O azul da tarde perdia o brilho para as bandeiras dos diferentes candidatos ao cargo de todo poderoso.

Contrataram um genuíno carrasco nazista, especializado em queima de livros, para conduzir o incêndio intelectual.

A programação iniciou com o acender da fogueira, alimentada por uma montanha de livros — na maioria teses de história — afirmando a intenção de eliminar qualquer memória da humanidade.

O fogo poderia ser mirado por satélite, dada à magnitude das labaredas, uma verdadeira insanidade. Alucinados, ao som de palavras de ordem, gritavam: abaixo a ciência! Viva a ignorância! Livros nunca mais! Com faixas, empunhavam a principal reivindicação: começar do zero!

Desenrolaram as oratórias, um qual o outro, repetiam em sinônimos as mesmas afirmações. O representante da Muzema defendia, calorosamente, a substituição da gramática, a censura a qualquer manifestação escrita, propunha a transmissão de valores a partir da oralidade.

A chegada de Maurício ao microfone, no eixo do palco, ensurdeceu a praça lotada, com o som dos aplausos.

Enquanto isso, o fogo ganhava corpo, as faíscas atingiam as árvores, os carros estacionados incendiavam, gerando uma reação em cadeia; entretanto a histeria tomava conta da área, ninguém se ateu a catástrofe.

Em instantes, a praça Santos Dumont explodiu, levando ao espaço parte significativa da loucura humana...

O noticiário, na sequência, produziu uma reportagem comedida; afinal, ali, a sociedade incinerava a última bravata do negacionismo.

**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

## O CACHORRO RUIVO DE OLHO GRANDE

### CONTO

"Um dia, um cachorro ruivo, com um olho grande e outro pequeno, apareceu na casa de João. Deitou-se próximo da escada que dava para a cozinha e ali ficou."

**IRACI JOSÉ MARIN**

**Conto**

Um dia, um cachorro ruivo, com um olho grande e outro pequeno, apareceu na casa de João. Deitou-se próximo da escada que dava para a cozinha e ali ficou. Mesmo sem simpatizar com ele, João adotou-o.

Às vezes, o cachorro rosnava. João olhava e não percebia o que provocava nele aquela reação raivosa

O cachorro passou a acompanhar João nas caminhadas noturnas. Passava a ser uma companhia silenciosa e sombria.

João percorria sempre os mesmos caminhos, sem sustos e medos. Passava por pequenos espaços de campo, onde bois e cavalos pastavam, e respirava com satisfação o ar campestre que, às vezes, vinha impregnado de outros odores. Gostava do silêncio da noite e da visão das estrelas no escuro das alturas. Não raro, sonhava com elas e sua noite se iluminava por detrás de seus olhos fechados.

Uma ou outra vez, acontecia de ver vultos no caminho. Rezava baixinho:

— Por todos os santos... pelas almas benditas e pelas almas penadas, livrai-me do mal...

Em geral, eram conhecidos que retornavam para suas casas e então se tranquilizava. Havia o cumprimento rápido. E João seguia o seu caminho, solitário e taciturno, com seu cachorro ruivo de olho grande.

Outros cachorros apareciam do nada e latiam quando ele passava. Latiam, pulavam ao seu redor e lambiam as pernas.

Numa oportunidade, um cachorro da redondeza achegou-se ao de João, cheirou suas partes e começou a ganir. Logo saiu correndo campo afora.

O homem ficou curioso e surpreso com aquilo. Chegou perto do seu cachorro e sentiu um cheiro azedo muito forte, parecido com ovo podre ou enxofre.

Aquele momento foi de espanto e preocupação. Não tinha percebido qualquer diferença do seu cachorro com relação aos outros, a não ser a cor do pelo e o olho grande. Estas características não lhe davam motivo pra qualquer preocupação. Mas aquele cheiro...

Os dias passavam e as caminhadas noturnas continuavam.

Numa noite, João ia tranquilo pelo caminho de terra, chutava algumas pedras, parava de vez em quando e olhava as estrelas, assobiava distraidamente. O cachorro caminhava atrás, pouco distante dele.

Quando estava próximo de um cinamomo, junto a uma curva da estrada, três indivíduos saíram detrás da árvore e o agarraram pelos braços, exigindo dinheiro. João levou tamanho susto que mal conseguia respirar.

— Não tenho dinheiro... estou só caminhando com o meu cachorro.

Um dos homens olhou para trás e viu o cachorro de João. Chamou a atenção dos outros e, num piscar de olhos, soltaram-no e saíram correndo a mil pela estrada. João ficou olhando a fuga, sem entender.

Ainda tremendo do susto que levara, olhou para trás. De repente, seu cachorro foi crescendo e o olho grande ficou enorme. Espumava uma baba verde pelos cantos da boca e a pele estava eriçada como um porco-espinho em defesa.

Instintivamente, começou a recuar, olhando firme para o olho grande do animal. Até que se pôs a correr desesperadamente, agitando os braços e gritando de pavor.

Chegou à casa de um vizinho, que o acolheu e ficou surpreso com a história. Decidiram armar-se de espingardas e lanternas e sair à procura do cachorro ruivo de olho grande. Andaram por muito tempo, pela estrada e pelos campos. Mas não o encontraram.

João retornou para sua casa, ainda um pouco amedrontado e, sobretudo, muito intrigado com aquele cachorro ruivo de olho grande, que apareceu e desapareceu de repente.

Naquela noite, dormiu pouco e não sonhou com estrelas.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e publica regularmente seus contos em diversas Revistas. Também publicou artigos e livros de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou recentemente o livro HISTÓRIAS DE ONTEM, para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com).

incentivo à leitura

## *Réquiem para Odin*

**CONTO**

"A noite estava fria e a febre recrudescera. O tempo cobrava sua dívida, era hora de pagar."

**NEY ALENCAR**

**Conto**

*“A noite dos tempos vem  
Levando embora os próprios deuses,  
Resta apenas a melancolia,  
Que traz o esquecimento!”*

Noite em Valhalla

1066.

O velho recostou-se no leito de palha duro e cobriu-se com o cobertor de peles. A noite estava fria e a febre recrudescera. O tempo cobrava sua dívida, era hora de pagar. Olhou para o velho machado de batalha jogado ao lado, a lâmina devorada pelos dentes ferruginosos do tempo.

O sono profundo, irmão da Morte, veio subindo pelas suas pernas, sentiu as pontas de seus dedos frios subindo pelo seu peito e fechando suas pálpebras, não sentiu medo, apenas adormeceu!

Abriu os olhos com a lufada de ar gelado. A cama havia sumido e o quarto também.

Uma grande planície branca se espalhava à sua frente, havia também uma árvore dourada de galhos frondosos e depois dela havia um palácio gigantesco! Piscou. O palácio continuou à sua frente.

As paredes douradas eram cobertas de escudos redondos, coloridos e cheios de desenhos e runas. Algo ali o lembrava de sua infância, das histórias que ouvira da velha da aldeia, sobre os velhos Deuses que viviam do outro lado do arco-íris e lutavam contra gigantes de gelo.

As palavras da volva vinham de muito longe e traziam-lhe lembranças que há muito tempo não recordava, esquecidas por causa da vida atribulada.

Um arrepio de reconhecimento encheu seu coração com um calor estranho, um maravilhamento!

Nunca esperara ver aquele lugar, não depois de ficar inválido, preso naquela maldita cama, jamais esperara poder olhar aqueles portões de carvalho, freixo e espinheiro.

Jamais esperara ver o Valhöll!

Aquele palácio maravilhoso para onde todos os grandes guerreiros iam quando morriam, conduzidos pela Valquírias em seus corcéis alados, para festejar e beber até a última convocação, até a chegada do inexorável Ragnarók!

O silêncio ecoou ao seu redor, levando embora suas lembranças.

Aproximou-se de uma das quinhentas e quarenta portas, estavam abertas todas, porém apenas o vento frio soprava lá dentro, seu canto melancólico, não havia canções, nem gritos, nem música.

Entrou hesitante, o salão titânico abriu-se à sua frente, vasto e imemorial, a abóbada que o cobria era como o próprio céu, cheio de luzes brilhantes que moviam-se como as estrelas do velho céu.

Suas colunas eram esculpidas com a forma de dragões e serpentes e lobos e gigantes, mostrando todos os inimigos dos velhos Deuses e todos os que haviam sido derrotados por eles.

Pela sua extensão as mesas largas e compridas estendiam-se, mas estavam vazias, não havia carne de javali em travessas douradas, nem chifres cheios de mulso ou hidromel, suas superfícies enegrecidas estavam cobertas por uma fina camada de neve.

Deixou suas mãos correrem sobre a superfície áspera delas, sentiu sua madeira seca passando por entre seus dedos, há muito tempo não eram lavadas pelos brindes de mulso nem pela gordura dos festins.

Lá no fundo do grande salão viu a silhueta escura do trono do Pai dos Deuses, erguendo-se como uma montanha solitária cercada de trevas.

Caminhou devagar na sua direção, cruzando o salão, seus passos ecoaram com um mau agouro, reverberando pelas paredes distantes, que eram como muralhas luzidias nos quatro horizontes distantes.

Aproximou-se devagar do grande trono, com um reverência cautelosa, mas ao chegar aos seus pés viu que estava vazio.

O poder que outrora havia governado ali agora já não estava mais sentado nele.

O velho Caolho já não estava ali!

Nem seus lobos nem seus corvos estavam ali! O lugar de sua lança estava vazio!

Podia ouvir o vento redemoinhando pelo salão, assobiando o silêncio como uma canção de uma nota só!

Um vazio melancólico retumbou em seu peito, havia feito toda aquela jornada para nada? Já não havia guerreiros ali, nem a alegria da batalha, nem o conforto do mulso e do hidromel e os festins haviam cessado.

Será que o Ragnarók já passara? Será que ele fora esquecido afinal? Como aquilo pudera acontecer? Porque fora deixado para trás?

Será que era porque já não faziam sacrifícios aos Deuses, nem os honravam?

Será que todos os Deuses haviam sido esquecidos?

Ajoelhou-se diante do trono e rezou ao velho Caolho!

Toda sua vida havia acreditado nele e rezara para ele, sacrificara para ele e em suas libações era sempre lembrado, mesmo quando sua esposa morrera ao dar à luz ao seu único filho ele rezara para o Caolho, mesmo quando seu filho fora para a guerra com o Rei Harald e não voltara ele rezara para o Caolho. Não se esquecera dele nenhum dia de sua vida.

Porque estava ali então se havia sido esquecido?

O velho homem caminhou novamente pelo salão vazio, e quando já ia sair ouviu o som do bater de asas, asas negras de corvos, que revoavam ao redor do trono, viu suas silhuetas negras pousarem nos braços de madeira negra e crocitarem versos estranhos com suas vozes grasnadas.

As sombras esguias dos lobos surgiram das sombras dos lados do trono e o uivo de seu chamado ecoou por todo o salão como um cântico solene.

A silhueta gigante do Caolho sentou-se no trono de madeira negra, seu único olho seguiu os passos do velho e o olhou diretamente na face.

Bateu com a ponta de sua lança mágica na pedra, faíscas correram pelo chão do salão despertando sombras sentadas nos bancos ao redor das mesas.

Como um estalar de dedos chamas se acenderam nos braseiros e odres de mulso e hidromel surgiram sobre as mesas, travessas de carnes surgiram e uma voz forte souu

começando uma canção que foi seguida por outras e outras até que o salão todo estava cheio de vozes.

O velho homem reconheceu a voz, procurou o rosto entre aqueles que agora erguiam-se ao redor das mesas levantando seus chifres em sua saudação e com o peito estourando de felicidade reconheceu enfim o rosto do filho, caído em batalha, agora com o chifre de hidromel levantado, saudando-o como irmão entre os Einherjar.

Trovões retumbaram pelo salão fazendo tremer as colunas e raios espocaram do martelo de pedra do Trovejador, sentado na ponta da mesa central, perto do trono e ali ele viu outros grandes heróis e guerreiros, alguns conhecidos e outros desconhecidos.

E soube que finalmente havia chegado em casa!

Mas ainda precisava saber... por quê? Ele não fora herói nem morrera com a glória de um guerreiro em batalha. Por que estava ali?

O Caolho levantou-se e olhando-o firmemente nos olhos com seu único olho mostrou-lhe a verdade.

Ele era o último viking! O último que acreditou com Fé nos velhos Deuses!

E a sua Fé o salvou!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 95 contos publicados em 27 e-books e em 34 antologias. Possui 02 Romances publicados.

incentivo à leitura



## **O CASO DA FUTURA RODOVIA (OU O ALUMBRAMENTO DE EDUARDO)**

**CONTO**

"Quando ouviu o estrondo da porta abrindo-se, Eduardo sabia que Walter pediria uma xícara de café com açúcar mascavo e duas colherinhas de leite em pó."

**PEDRO MARTINS**

**Conto**

Quando ouviu o estrondo da porta abrindo-se, Eduardo sabia que Walter pediria uma xícara de café com açúcar mascavo e duas colherinhas de leite em pó. O chefe o elogiou pela prestatividade ao vê-lo se levantar e ir em direção à garrafa térmica que guardava no escritório.

Eduardo não entendia por que ricos sempre cultivavam frescuras como aquelas. Não era um rapaz dado a peculiaridades: queria apenas passar as noites de sábado ouvindo iê-iê-iê, um tipo de música importado do exterior que parecia, a priori, uma mistura de blues com efeitos eletrônicos. Sorriu ao lembrar do último almoço de sábado, quando precisou corrigir o pai mais uma vez. Paulo, ou “Seu Paulão” para os íntimos, sempre se referia aos acordes de guitarras como “violões esquisitos e estridentes.”

— Preciso de você agora, Eduardo. Não posso te esperar voltar pra Terra.

— Desculpe, o que o senhor deseja? — Em sua mente, mandava aquele imbecil para o escambau. Obrigava os subordinados a esperarem eternidades quando precisava, mas queria todos sempre dispostos e solícitos. Enfim, a hipocrisia!

— Desejo que vá até a construção da Rodovia para mim esta noite. Recebemos alguns sacos de cimento e, no dia seguinte, eles ‘tavam rasgados e o pó todo esparramado pelo chão. Veja quem ou o que tá fazendo isso e me avise amanhã de manhã, pra tomarmos alguma providência.

*Para você tomar sozinho e sair dando ordens depois, melhor dizendo.* Os pensamentos de Eduardo ainda eram só dele.

— Mas seu Walter, e se for algum bicho ou criminoso?

— Oras, qual é a sua dificuldade em ver de longe e me falar depois? Se quiser alguma prova concreta pra mostrar, pode tirar uma foto pra eu ver.

*Ou seja, serei obrigado a tirar a porcaria de uma foto.*

Ao terminar de beber o próprio café, jogou o copo na pia e pegou o paletó que deixara no sofá. Não se atreveria a esquecer nenhuma peça do terno naquela sala. O mais rápido que pôde, ajeitou os óculos diante de um espelho.

— Mais uma coisa... Eduardo?

— Pois não? — Virou a cabeça quando recém-tocara a maçaneta.

— Não pense que, por ficar até tarde por aí com a minha autorização, você pode chegar a hora que quiser aqui, garoto. Te espero no galpão lá embaixo amanhã às sete.

Eduardo nunca chegou atrasado a nenhum dia de trabalho. Por mais cansado que estivesse das noitadas no dia anterior com os amigos, sempre trocava a calça tergal estampada e a camisa vermelha pelo terno tradicional exigido pela empresa. Jamais entregou qualquer relatório ou contrato fora do prazo ou com quaisquer erros. No entanto, Walter nunca parecia se dar conta disso.

— Sim, senhor. — Disse e saiu sem se despedir.

Enquanto dirigia e via os prédios de Manaus ficando para trás sob o pôr do sol, dando lugar à floresta tão conhecida, refletia sobre como suas ambições eram muito diferentes das alimentadas pelo patrão.

Walter fora rápido em abraçar o desejo dos militares de construir uma rodovia que ligasse as cidades de Manaus e Porto Velho. Eduardo desconfiava que o chefe ganhava algo com um possível esquema de notas fiscais falsas, mas não ousava investigar nada. Esperava encontrar um novo emprego no ano seguinte, após pedir demissão e voltar da viagem que faria com Frank e Jorge, dois amigos do curso de Engenharia Civil da Universidade do Amazonas. Viagem essa, claro, que seria paga com a ajuda do dinheiro que ganharia com o pedido de demissão que faria. Após receber os últimos cheques, mostraria o dedo do meio para Walter com um sorrisinho cínico que gostava de ensaiar de vez em quando.

Viajariam por alguns países da América do Sul numa perua comprada por Jorge, e não no charginho velho de Eduardo. Não se conformava em ter que usar o próprio automóvel para executar um serviço requisitado pelo chefe.

Estacionou próximo do depósito improvisado onde os sacos de cimento eram guardados. Algumas pás e enxadas estavam encostadas nas paredes. Mais adiante, os tratores usados para desmatar os primeiros quilômetros de terra se avolumavam em meio ao solo terroso. Pegou a lanterna e a câmera no porta-luvas antes de sair do carro. Tinha vontade de cortar a língua fora sempre que lembrava que, na primeira semana de trabalho, mostrou o aparelho a Walter e contou deslumbrado como o utilizava. O patrão era xucro demais para imaginar que máquinas como aquela já existiam, e agora pedia que ele a utilizasse sempre no trabalho. Mas Eduardo precisava se perdoar, pois na época era um estudante inocente e acreditava que o primeiro emprego seria numa empresa incrível de onde levaria boas histórias para contar no futuro. Outros tempos.

Os sapatos ficaram sujos de terra em poucos segundos. Quando chegasse em casa, teria que sair do carro descalço e lavá-los na torneira que ficava próxima do portão. Andou pelo terreno iluminando o seu entorno e nada vira de estranho. Ouvia piados de corujas vindos da mata e o som de folhas secas sendo remexidas, mas sabia que era desnecessário se preocupar. Era um ruído ao qual estava acostumado. Para aqueles que ouvem com atenção, a floresta nunca é silenciosa.

Lembrou-se de um episódio de quando era menino. Fora com o tio, que trabalhava à época como guia turístico, numa expedição se embrenhar na floresta pela primeira vez. Enquanto o irmão mais velho de seu pai falava sobre a flora e fauna para um grupo de turistas encantados pelo verde infinito, Eduardo sentou num tronco caído para comer uma pera. Ao sentir mãozinhas peludas em seu ombro, virou-se para ver o que era e, no afã do momento, caiu do assento improvisado. Os turistas o olhavam ali, encolhido e com o coração palpitante, com medo de um singelo sagui comendo a pera que o garoto derrubara, e riam. Levantou-se pronto para gritar palavrões com o intuito de se defender, mas o olhar do tio o impediu. Nunca mais o acompanhou desde então.

Hoje era ele que ria de si mesmo e tirava sarro de Frank quando ele demonstrava não ter jeito com as garotas. Os dois ririam juntos quando Eduardo contasse o que fora fazer ali no meio da noite.

Entrou no carro para ir embora. Virou a chave do carro e o automóvel não ligou. Forçou-o novamente, o motor produzia um fraco ruído, e nada do carro engatar. Tentou mais uma vez, pisou com força no acelerador, o carro parecia sofrer na tentativa de sair do lugar, mas era incapaz de se mover. Enquanto tentava, percebeu que uma luz verde

iluminava o carro e o som de um outro maquinário, mais potente e penetrante, dominava o ambiente. Ela piscava, alternando entre mantê-lo ora na escuridão, ora na claridade.

Mesmo com medo da estranha luz, Eduardo não tinha alternativa além de sair do carro com a lanterna para abrir o capô e verificá-lo. Ao olhar para o céu por instinto, viu uma máquina grande girando na imensidão da noite. O instrumento era semelhante a um chapéu metálico, com janelas de vidro ao redor de toda a sua circunferência, e muito maior do que o seu charger. Na verdade, seu tamanho era mais próximo de um ônibus, e emitia luzes em quatro direções distintas.

Seu espanto foi tanto que quase não notou os sacos de cimento rasgados e esparramados pelo chão. Mais adiante, olhos com a esclera amarela e pupila preta o encaravam de uma altura quase o dobro da sua própria. Eles pareceram se afastar, pois diminuíram de tamanho à medida que Eduardo os encarava, e o rapaz aproveitou o ensejo para correr de volta para o carro.

As luzes verdes tornaram-se mais fortes. Eduardo não fazia ideia de que objeto era aquele, talvez fosse algum tipo de experimento dos militares, mas achou melhor fotografá-lo para mostrá-lo a Walter.

Enquanto apertava os botões de sua máquina mirada para o alto, pensou por um instante que, se não fossem os óculos, nem isso veria. Os acontecimentos daquela noite seriam resumidos para ele num borrão azul-escuro e em diferentes tons verdes, pois o astigmatismo severo não o permitia ver muito além disso.

Notou, logo abaixo, uma criatura rasgando os sacos de cimento. Sua anatomia a princípio era humanoide, mas os pés eram semelhantes às patas de uma ave. Penas vermelhas e brancas cobriam quase o corpo todo, exceto o peitoral, tomado por uma pelagem amarela e manchas escuras, que combinavam com o rosto felino.

O bicho se ergueu ao vê-lo e Eduardo viu que, na ponta da álula das asas, havia pequenas garras com três dedinhos afiados. O rapaz pisoteou o chão andando de costas, numa tentativa de ensaiar uma corrida, mas tropeçou numa tábuia velha. Ao cair no chão, sentiu os óculos voarem para a frente. Sentou no solo e, andando de quatro, procurou-o Tateando a terra. Ao encontrá-lo e pô-lo novamente no rosto, percebeu algumas rachaduras nas superfícies de ambas as lentes.

A criatura ainda o encarava. A luz verde se intensificava enquanto o aparelho voador parecia se aproximar de Eduardo, e permitia, de certo modo, que ele enxergasse o bicho com mais nitidez. Percebeu que a criatura andava usando os dedinhos nas álulas para se apoiar no chão. O jovem engatinhou para trás e, no terceiro passo, a perna direita tropeçou na esquerda, paralisando-o sentado com as pernas de lado.

O bicho não parou. Eduardo, balbuciando pedidos de socorro, viu-se deitado de lado entre pedras e areia. Pouco antes de o ser alcançar seus pés, o rapaz jogou a lanterna para o lado por acidente.

A luz verde tornara-se insuportável, forçando Eduardo a apertar os olhos. Ao vê-lo ali, indefeso, a criatura se aproximou. Vários lampejos de ideias perpassaram a mente do rapaz. Os seus desejos de conhecer as praias da Venezuela ou mesmo Machu Pichu eram vazios e sem propósito perto de sua própria vida, da vontade que tinha de viver, e a vida dele tampouco importava para aquela criatura.

Suas asas pressionavam os antebraços de Eduardo de modo tal que ele não conseguia se mexer. A cabeça de onça estava muito próxima da sua. Seus olhos encararam os do rapaz e, por um instante, foram um só, homem e reflexo se encarando pelo espelho a ponto de não ser mais possível dizer quem é quem.

Sentia uma enxaqueca imensurável, era como se algo apertasse o seu cérebro e o comprimisse. Levou as mãos à cabeça e percebeu que tudo se tornara um borrão, como se os óculos não fossem mais capazes de fazê-lo enxergar.

Ao tirá-los, viu o seu entorno com limpidez.

A criatura retrocedera alguns passos. Olhou para a máquina alada, que se encontrava a poucos metros de distância, e grunhiu. Uma das luzes verdes voltou-se para ela e a tragou lentamente. Ela não parecia sentir medo, embora tampouco estivesse confortável. Olhava para os lados movimentando o pescoço com impaciência.

Ao se deter por alguns segundos na máquina, Eduardo viu, numa de suas janelas, o que parecia outra criatura humanoide, com grandes olhos vermelhos e pele escamosa. Outra luz verde, num tom mais escuro, focou-se no rapaz. Ele protegeu o rosto com o braço direito, mas ela não era tão forte quanto imaginara. As últimas lembranças que conseguira reter daquela noite foram do ser entrando na máquina por uma porta redonda localizada na parte inferior dela e do barulho do motor ficando mais fraco e distante. Desmaiou logo em seguida.

Duas semanas se passaram.

Todos os dias, ao despertar na cama, Eduardo era atormentado por uma turba de lembranças dos últimos acontecimentos. Recordava-se dos homens de Walter encontrando-o na mata, dele próprio tartamudeando o que ocorrera na noite anterior, dos funcionários curiosos e amedrontados, do chefe dizendo que ele “passou dos limites” e que estava demitido. Num gesto impensado, levantou o dedo do meio para ele, libertando um dos seus quereres mais reprimidos. Furioso, o agora ex-patrão ordenou que alguém o tirasse dali o quanto antes.

Quanto mais Eduardo repetia aquela história, mais insana ela parecia até para ele mesmo. Alguns repórteres rondaram sua casa implorando uma entrevista, e ele concedeu apenas uma, uma cessão que faria a um jornalista primo de Frank. Repetira a mesma versão algumas vezes para alguns familiares e, em seguida, exigiu que ninguém mais o questionasse.

O pai o amaldiçoou dizendo que o deserdiaria por ter sujado o nome da família. Nunca mais os Sacardim seriam vistos com os mesmos olhos em Manaus. Reclamou de ter se tornado chacota entre colegas engenheiros e que era incapaz de encarar Walter, a quem considerava um amigo de longa data, depois da vergonha a que fora exposto.

Contudo, havia algo que nem seu Paulo, nem Walter, nem qualquer cético absoluto, conseguiria explicar: daquele dia em diante, Eduardo enxergava sem óculos algum. O oftalmologista ficara estupefato ao examinar o jovem. Era como se ele tivesse adquirido outros olhos num transplante impossível de se fazer com a tecnologia de que dispunham até então.

Sentou na cama esfregando os olhos. Pedira ao pai para passar uns dias numa palafita de Francisco, outro de seus tios. Às vezes, acordava sem vontade sequer de cumprimentar qualquer um que estivesse ao seu redor.

Ouviu o som de um motor de carro se aproximando. Francisco chegara com uma saca de pães e uma garrafa de leite. Chamou Eduardo para comer com ele na cozinha.

— Você quer que eu toste o seu pão na panela, Edu? Sei que você adora comer ele assim. Eduardo esboçou um tímido sorriso antes de se sentar. A fruteira de vidro que enfeitava a mesa devia estar lá desde quando era menino.

— Pode ser, tio Chico. Obrigado.

Reconhecia todos os esforços do tio para acolhê-lo.

Francisco foi para o fogão preparar os pães. Enquanto observava o tio, pensou em como nem ele e nem as outras pessoas carregavam tão pesado fardo. Era como se Eduardo pertencesse a um outro grupo de humanos marcados por aquela experiência que inexistia nas mentes dos demais. Caso encontrasse alguém que também tivesse visto aquela criatura, se sentiria enfim parte da humanidade de novo, ainda que de outro nicho?

— Ouvi umas conversas no mercado quando comprei os pães. Lógico que não falei que era seu tio, mas achei bom assuntar, já que falavam... do que aconteceu com você. Parece que os militares decidiram parar as obras da rodovia por um tempo. Também disseram que as fotos que você tirou só contêm uns borrões e manchas amareladas.

Eduardo deu uma risada seca. Se adulteraram as fotos ou não, admitia para si mesmo que nunca saberia dizer. Mas a ausência de provas concretas nunca apagaria o que ele vivenciara.

O tio colocou uma bandeja com os pães em cima. Eduardo pegou um e abocanhou-o sem dizer uma palavra sequer. O silêncio era o seu maior companheiro nos últimos dias, e preenchia aquela residência com ele.

O tio falava encarando-o com ternura.

— Olha, Edu, não entendo muito bem o que você passou, e sei que não tá sendo fácil encarar tudo isso. Mas sabe... tem tanta coisa boa lá fora, entende? Você não queria viajar com os seus amigos no final do ano? Encontrei Frank e Jorge no portão da sua casa na última vez que fui lá, em Adrianópolis, e eles ‘tavam cheios de perguntas. A sua mãe, coitadinha, chora dia e noite, o padre não deve mais aguentar ver a cara dela na igreja rezando. E o seu pai, bem... sei que a relação de vocês não é das melhores, mas ele também tá preocupado com você. Do jeito dele, mas tá.

Eduardo meditou em cima das últimas palavras de Francisco. De fato, ele e o pai mantinham uma relação instável e cheia de vicissitudes. Mas esses conflitos tinham algum valor perto da experiência que ele tivera naquela noite? As criaturas que conhecera veriam aqueles conflitos como relevantes de alguma forma?

— Prometo que vou pensar muito nisso tudo, tio. Obrigado. — Palavras de agradecimento eram, muito provavelmente, as que mais dissera nos últimos dias.

Francisco beijou o sobrinho na testa antes de sair pela porta para cuidar da horta que cultivava no próprio terreno.

Eduardo então foi até a sacada da palafita e sentou numa cadeira para contemplar as águas do rio.

Pensou em como as águas corriam e fluíam juntas, cada porção dependendo uma da outra para seguir o seu curso. A natureza seguia o seu caminho e, para tal, era necessário que cada um de seus componentes fizesse a sua parte. No entanto, ele próprio não estava fazendo nada para contribuir com a continuidade do seu próprio viver, muito menos para a realidade daqueles que o cercavam e amavam.

Uma piraíba emergiu brevemente na superfície das águas. Eduardo a encarou. O mundo dos animais era semelhante e diferente ao dos humanos ao mesmo tempo. Era semelhante porque, assim como as pessoas, os animais lutavam pela própria sobrevivência e, para isso, sabiam a hora certa de se esconder e se preparar para agir depois. Peixes como aquele nadavam e se escondiam dos predadores nos vãos das pedras, assim como o tatu que, em meio à floresta, se ocultava em cavidades ao ver uma jaguatirica. Contudo, dentre as muitas diferenças entre eles e o dito *homo sapiens*, estava o impulso dos humanos em agir mesmo quando o predador ainda não havia baixado a guarda. Eduardo refletiu sobre como havia uma obsessão nos indivíduos em se manterem sempre numa suposta normalidade.

E foi por saber que jamais se encaixaria nesse normal encenado, percebeu que não podia fingir que fazia parte desse teatro onde apenas ele despertara da atuação.

Olhou para o quintal e viu que o tio estava distante o bastante para não conseguir impedi-lo. Foi até a cozinha e pegou um facão. Voltou à sacada e apreciou a beleza das águas pela última vez. Pouco antes de produzir um corte no pescoço da direita para a esquerda, pareceu-lhe que os olhos com escleras amarelas o sondavam no reflexo produzido pelo rio.

Abriu os braços para cair em meio às águas. Encontraria por fim os únicos capazes de silenciar as suas inquietações.



**Pedro Martins** é autor de “Outros fragmentos,” livro de contos de terror com criaturas do folclore brasileiro disponível em formato ebook na Amazon, além de ter contos publicados em outras antologias e revistas literárias. Formado em Letras pela UFPR, acredita no potencial da literatura para transformar a realidade e fazer com que o ser humano olhe para o outro com uma perspectiva mais altruísta e analítica.

Instagram e facebook do autor: @pedromartinsescreve

incentivo à leitura



## *Das Profundezas do Mar*

**CONTO**

"Na plataforma Kurita, a broca estava prestes a atingir o bolsão de petróleo."

**ROBERTO SCHIMA**

**Conto**

**N**a plataforma Kurita, a broca estava prestes a atingir o bolsão de petróleo. O operário Shima Seiji, assim como seus colegas, estava eufórico. Trabalhara duro durante muitas horas, em contrapartida a poucas horas de sono nos últimos dias. Tão perto de alcançar o sucesso, os chefes de todos os escalões estavam exigindo o máximo. Agora, quase podia sentir o cheiro do precioso combustível brotar das profundezas do mar e já sonhava não só com o bônus que receberia, mas os dias de folga em terra e a família que reveria.

— Viva! — gritou.

Seus amigos imitaram-no:

— VIVA!

Finalmente, o Japão poderia diminuir de maneira substancial a sua grave dependência da importação de combustíveis fósseis. A dependência de matéria-prima em geral e do petróleo em particular sempre fora o calcanhar de Aquiles da economia japonesa. A descoberta do depósito sedimentar havia dez anos a nordeste de Hokkaido fora mantido em segredo por longo tempo, até os engenheiros navais projetarem e um consórcio de empresas japonesas construírem sua plataforma em tempo recorde.

Um dos operadores da plataforma consultou seus instrumentos.

— Estamos chegando lá... Alcançamos! O petróleo está subindo!!!

— VIVAAAA!!! — repetiram Shima Seiji e seu pessoal.

Podiam sentir a força oriunda das profundezas da terra, a matéria negra e viscosa atravessar as camadas rochosas e, depois, percorrer os quilômetros de tubulação até a superfície.

Durante milhões de anos, toneladas de micro-organismos mortos depositaram-se no fundo dos mares, sendo cobertos, prensados e submetidos a altas temperaturas até transformarem-se numa pasta escura. Muitos outros milhões de anos se passariam até serem descobertos e, finalmente, tornarem a emergir para um mundo o qual não mais reconheceriam e não mais pertenciam.

Ninguém nunca imaginara que, durante essa hibernação de quase uma eternidade, algo mais profundo poderia acontecer.

Os homens da plataforma submarina Kurita foram os primeiros a descobrir.

Seiji só tinha pensamento para sua única filha, Midori. Ela queria tanto uma miniatura do *Gojira* e, agora, finalmente, poderia comprá-la para ela. A menina tinha um gosto peculiar. Sempre gostara de monstros, embora assustassem-na. Não podia culpá-la. O Japão tinha tradição em relação às histórias de monstros gigantes.

\*\*\*

Os jornais japoneses não tardaram a divulgar a notícia:

*"Plataforma de petróleo japonesa destruída: sabotagem russa?"*

A menção à Rússia devia-se à proximidade da plataforma às Ilhas Chishima, cuja soberania era reivindicada pelo império japonês desde o final da II Guerra Mundial.

Para Shima Fuji, esposa de Seiji, bem como a pequena Midori, tudo o que importava era saber do paradeiro do marido e todos os trabalhadores de Kurita.

Navios e aviões foram enviados ao local.

Logo, ficou claro que o ocorrido na plataforma nada tinha a ver com sabotagem.

Uma palavra foi repetida vezes sem conta para os receptores em terra:

*UMIBOZU!*

Os mais jovens, em geral, ignoravam o significado do termo, mais preocupados em serem uma caricatura do *american way of life* do que inteirar-se das tradições culturais de seu povo, mas não Midori. Ela conhecia muitas lendas de cor contadas pela *o baachan* Kiyoko. E Umibozu era uma delas, afinal, a menina amava os monstros. E Umibozu era um deles. Talvez o mais terrível.

E ela chorou no colo da mãe copiosamente. Seu pranto era de dor, de decepção, de raiva. Sentia-se traída.

— Umibozu mau. Umibozu matou papai. Eu odeio Umibozu!

Fuji, sem compreender as alarmantes notícias abraçou-se à filha. Para ela, tudo o que sabia era que seu marido jamais retornaria do mar.

\*\*\*

Umibozu, segundo o folclore japonês, era uma criatura gigantesca, por volta de trinta metros de comprimento. Corpo completamente negro, não possuía pescoço e sua cabeça era calva e brilhante. Alguns diziam ter ele dois olhos enormes e cintilantes como se existisse um fogo dentro deles. Outros falavam que não possuía olho algum. Alguns descreviam uma boca enorme, outros não relatavam boca alguma. Mas uma coisa havia em comum em todas as histórias: Umibozu era um destruidor de embarcações. Conseguia criar enormes redemoinhos que tragavam os navios para o fundo do mar. Contudo, um dia, um herói — o marinheiro Kuwana — aventurou-se sozinho pelo oceano bravo. Interpelado pelo monstro, este indagou-lhe se não estava amedrontado diante de sua ameaçadora presença. O marinheiro respondeu que não, não sentia medo algum. Então, a criatura deixou-o em paz e ele prosseguiu, navegando pelo mar. Umibozu alimentava-se do medo dos homens e, sem esse temor, ele enfraquecia e retornava ao fundo do oceano.

Suas histórias surgiram no século XVII e talvez não fosse por acaso, pois desde o século anterior navios de casco negro oriundos de Portugal — *keurofune* — estabeleceram uma cabeça-de-ponte para o comércio no sul do arquipélago nipônico. Considerando nefasta a influência do cristianismo sobre o povo japonês, o shogunato fechou os portos em 1639. No século XIX, quatro navios de guerra dos Estados Unidos obrigaram o Japão a reabri-los. As colunas negras que essas embarcações expeliam ressuscitaram o termo *keurofune*. Talvez Umibozu fosse uma metáfora dessas invasões ocidentais às suas águas, ameaçando destruir o cerne da cultura nipônica. Todavia, não obstante a inferioridade tecnológica, se o povo japonês agisse com bravura indômita, seria capaz de impor-se perante o inimigo, fazendo-o soçobrar como o vento divino fizera ao tempo dos mongóis.

\*\*\*

Não, esse Umibozu avistado por aviões e navios não era um mito.

Lentamente, a imensa massa pegajosa avançou em direção à costa japonesa. De vez em quando, conseguia projetar-se dezenas de metros acima do mar, envolvendo um avião que, prontamente, desaparecia em seu interior e, em seguida, era levado sob as águas. Do mesmo modo, navios naufragavam sem deixar traços, inundados por aquela gosma preta que, por razões desconhecidas, era dotada de vida.

Umibozu não dava oportunidade aos japoneses de reagirem. Assim que disparavam suas armas, a coisa desaparecia numa explosão de espuma. O oceano acalmava-se e o monstro ressurgia novamente, atacando ou rodopiando no fundo do mar, sob uma embarcação, até fazer surgir um redemoinho que, conforme a lenda, sugava o navio rapidamente para baixo.

Umibozu aproximava-se rapidamente de Kushiro, onde vivia Fuji e Midori.

O pânico espalhou-se sobre a cidade de cento e noventa mil habitantes. Fez lembrar seriados japoneses como *Urutoraman* e *Urutorasebun*, quando monstros enormes se aproximavam para acabar com Tóquio pela milésima vez e as pessoas corriam aterrorizadas pelas ruas. Entretanto, dessa vez, nenhum herói espacial gigantesco viria da galáxia M-78 para salvá-los.

O oceano agitou-se à aproximação do monstro negro. Vagalhões fizeram os barcos ancorados emborcarem.

Fuji e Midori não conseguiram fugir. Todas as saídas estavam congestionadas. Terror e caos dominavam as pessoas.

— Mãe — falou, então, a pequena Midori.

— O que foi?

— Vamos até o porto.

— O quê? Ficou maluca?

— Quero ver Umibozu cara a cara.

A mãe tentou rir através do pesar e do pavor. Não conseguiu.

— Se fizermos isso, filha, morreremos como o papai morreu.

— Vamos até o porto! — insistiu a menina.

— Por quê?

A criança, lágrimas nos olhos, falou:

— Vou dizer a Umibozu que eu não gosto mais dele. Que ele é feio. Que ele é mau.

— Não pode! Precisamos correr, salvar nossas vidas, Midori!

A menina pôs-se a chorar desesperadamente.

Fuji, sem saber o que fazer e sem ter onde ir, cedeu à vontade da filha. Loucura, talvez? Em verdade, a mulher, após saber do triste destino do marido, perdera a vontade de viver. Se Midori desejava confrontar o monstro, elas iriam confrontá-lo juntas.

\*\*\*

O porto encontrava-se deserto.

A tarde findara e as estrelas tomavam conta do céu.

Kushiro nunca parecera a Fuji tão silenciosa.

Somente as ondas batiam com violência no píer e nos costados dos barcos, virados ou não.

De repente, o mar elevou-se.

A coisa meio fundida à escuridão ergueu-se tão alta quando um edifício de dez andares: Umibozu.

O monstro urrou e era um som gorgolejante como um milhão de pessoas se afogando.

— Umibozu! — gritou Midori, desprendendo-se da mão de Fuji. — Umibozu!

Ela correu para mais perto do mar, não obstante os protestos da mãe para que voltasse.

Postou-se desafiadora diante do leviatã. Ela sabia que, se fosse corajosa o suficiente, Umibozu perderia as forças e retornaria para as profundezas do oceano, deixando sua cidade em paz para sempre. *O baachan* Kiyoko lhe contara. E ela nunca mentira para a neta.

— Umibozu, seu feio!

A montanha viscosa parou de se mover. Viu a menina na extremidade do píer e avançou.

— Não tenho medo de você! — mentiu Midori, torcendo para que o monstro não visse seus joelhos tremerem. — Seu feio!

Os olhos da criatura arregalaram-se como dois lagos de fogo.

O som engasgado ecoava por quilômetros ao redor.

— Vai embora! — mandou a menina.

Então, a coisa fez projetar pseudópodes de seu corpo e, quando deu a impressão de que iria atacar a criança, dois rastros de fogo cortaram o céu.

Eram mísseis. E eles atingiram em cheio a criatura que começou a queimar. As chamas envolveram-no completa e rapidamente.

Midori, assustada, caiu para trás.

Fuji correu para ela, agachando-se. Ficou observando hipnotizada a agonia do monstro. As chamas refletiam-se nos olhos da mulher e um ar de triunfo tomou conta de seu semblante.

— Morra! — gritou. — Morra seu maldito, pelo que fez a Seiji.

A menina fez eco às suas palavras.

— Mooorraaaa!!!

Umibozu contorceu-se todo.

As águas ao redor agitaram-se furiosamente.

Mãe e filha afastaram-se para não serem tragadas.

Outros projéteis foram disparados.

O monstro gemeu e afundou, provocando um pequeno *tsunami* que se alastrou terra adentro.

\*\*\*

Tudo havia terminado.

O povo retornou às suas casas.

Midori foi considerada uma heroína.

Mas ela não queria homenagens. Continuava muito triste. Apanhou todas as suas miniaturas de monstros e jogou fora. A única coleção que a interessava agora era preservar pequenos objetos que tinham pertencido ao seu pai.

A prefeitura local, em reconhecimento à bravura de mãe e filha, concedeu uma pensão vitalícia a Fuji. Ela guardou luto por toda a vida.

Um monumento em pedra foi erigido na praça principal contendo os nomes dos trabalhadores falecidos da plataforma Kurita.

Toda semana, Midori caminhava até lá e depositava uma flor.

Na base da pedra, estava escrito:

*"A coragem de uma menina prevaleceu sobre o monstro do mar."*

No devido tempo, Midori tornar-se-ia parte das lendas que, um dia, amara.

\*\*\*

### NOTA DO AUTOR:

O presente conto foi originalmente publicado na antologia "Kamishibai" (Dark Books, 2020), organizada pela escritora Rozz Messias. Confesso que antes da antologia ignorava a lenda de Umibozu como de resto de tantas outras. Escolhi esse monstro gigante influenciado pelos tempos de criança, quando me deleitava com os episódios de "Ultraman" (*Urutoraman*) e "Ultraseven" (*Urutorasebun*).

Versão digital de "Kamishibai": <https://www.amazon.com.br/dp/B08CW73KK>

**Roberto Schima** é paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantomas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de cento e quarenta antologias. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

incentivo à leitura

## *Amigos para sempre*

### **CONTO**

"O dia hoje amanheceu de mal humor. Zangado, revoltado, parecendo querer voltar a dormir.

Meio sonolento, cinzento... Não demorou muito deixar cair uma fina chuva, chorosa, teimosa e fria."

**ROSANE PEREIRA DA SILVA**

**Conto**

**O** dia hoje amanheceu de mal humor. Zangado, revoltado, parecendo querer voltar a dormir.

Meio sonolento, cinzento... Não demorou muito deixar cair uma fina chuva, chorosa, teimosa e fria.

Com muita preguiça, a imitar o dia, eu ali no quarto abrindo as cortinas e olhando pela janela. Lembrei-me que tinha que ir ao hospital levar meus exames para Dra. Manoela, era dia de consulta marcada. Levantei-me, peguei minhas roupas e fui para o banheiro tomar banho, vestir minhas roupas e me arrumar para a consulta.

Olhei o relógio da parede que marcavam 06h45minhs, pensei:

— Preciso terminar o café rápido. Daqui até o hospital são cerca de 20 km.

Terminei a arrumação correndo, entrei no carro na garagem, liguei a chave, enquanto o motor se aquecia, fui colocando uma música. Gostava de dirigir ouvindo música. Achei logo a música de Viana “tema da vida”. Dei a partida no carro sai da garagem e fui ouvindo estrada afora enquanto pensava na letra, ...” a vida é tão breve e há tanto por fazer/ por que então matar e morrer?”

Cheguei ao hospital, entrei e me sentei para esperar minha vez em ser atendida. Após alguns instantes entraram os socorristas carregando um homem na maca rumo ao centro cirúrgico. Ouvi os comentários de que havia sido baleado de uma bala perdida, enquanto a polícia perseguia uns bandidos. Reparei que logo em seguida entrou um cão que ficou choramingando à porta. Uma enfermeira tentou espantá-lo, mas ele teimou. Não se arredou.

— O cão é do homem baleado. O homem é morador da comunidade morro da Babilônia. — Disse uma das senhoras que acabara de chegar ali na sala do hospital.

A enfermeira e os demais trabalhadores daquele recinto ficaram sem jeito de forçar o animal a sair sob os olhares de todos que se faziam presentes ali. O cachorro sentou-se próximo a porta do centro cirúrgico e dali ninguém o tirava.

Chegou minha vez de ser atendida, entrei para sala de consulta.

— Bom dia, Dra.

— Bom dia. Como tem passado?

— Ainda com dores no peito e nas costas e um pouco de falta de ar. — Falei entregando os exames.

— Seus exames mostram isquemia cardíaca. Vou lhe passar um tratamento para melhorar o fluxo sanguíneo. Metoprolol 25mg e sinvastatina 40mg... Atividades físicas também irão

te ajudar. Vai ter que mudar sua rotina, pelo menos caminhar algumas horas por dia. Não tem problema com peso, mas vai ter que adequar a dieta...

Enquanto ia prescrevendo uma série de coisas. Peguei a receita. Despedi e sai da sala de consulta.

O cachorrinho continuava ali no mesmo lugar. Agora deitado sobre uma camisa azul. Camisa do homem baleado. Uma enfermeira havia colocado para ele sentir o cheiro do dono e se acalmar.

— Qual o estado do homem baleado? — Perguntei a atendente.

— Está com uma bala alojada entre o coração e os pulmões. Está inconsciente.

— Poderia me fazer o favor de deixar vê-lo?

— A senhora é parente da vítima?

— Não. Mas, se me permitir gostaria de ver. — Fui ajeitando a situação com delicadeza e suplicante até que ela cedeu.

O homem tinha passado pela sala de cirurgia, mas não pode ser operado para retirar a bala, estava aguardando o cirurgião especialista chegar para fazer o procedimento.

Assim que a porta se abriu para que eu fosse até o homem, o cachorrinho foi mais rápido. Entrou porta adentro, farejando, a procura do seu amigo. Antes mesmo que eu chegasse perto do homem, o cachorrinho já estava ao redor da cama. Não satisfeito de ficar olhando do chão, pulou em cima da cama.

Eu e a enfermeira não conseguimos contê-lo. Ele se enroscou em seu amigo com tamanha satisfação que parecia estar separado dele há anos. Uma cena comovente.

Ele lambeu, cheirou... E, como que por um milagre o homem acordou. Como se a força do amor puro e verdadeiro daquele companheiro, amigo inseparável tivesse resgatado o fio de vida que ainda pulsava naquele homem, ali, em seu leito a espera de um socorro.

Eu e a enfermeira nos entreolhamos e lágrimas rolaram. Quão linda é a cumplicidade, a ligação de fidelidade entre aquelas duas criaturas. Ligação esta que dificilmente encontramos entre os humanos.

Aquele gesto de amor profundo do animal a seu dono, capaz de curar as dores da alma e conseqüentemente a enfermidade física para seguirem juntos pela jornada da vida.

Fui embora para casa dentro do carro, a música de Marcos Viana tocando e eu pensando: “a vida é breve e há tanto por fazer” por que então não aprender o amor com os animais. Por que não colocar o amor em nossas vidas como: cura, ponte para unir e salvar vidas. Resgatar o que de belo e valioso há no homem? Por que não fazer do amor a força maior do universo, e juntos buscarmos as soluções para os problemas da vida, já que, a única coisa que a gente leva dessa vida é o amor que podemos doar, que podemos despertar, que podemos viver.

**Rosane Pereira da Silva** é graduada em língua portuguesa e literatura, pós graduação em produção textual e linguística. Professora estadual do ensino público. Mora em São Sebastião do Alto RJ interior do estado do Rio de Janeiro.

## Refugiada

### CONTO

"Mariana era uma menina que sempre se mostrava desinteressada na escola. Vivia isolada dos colegas. Às vezes chegava a casa com machucados, hematomas e mentia para mãe que havia caído."

**ROSANE PEREIRA DA SILVA**

## Conto

Mariana era uma menina que sempre se mostrava desinteressada na escola. Vivia isolada dos colegas. Às vezes chegava a casa com machucados, hematomas e mentia para mãe que havia caído. Vivia triste e chorava sem motivo aparente.

Dona Clementina brigava com a menina: — Mariana que besteira é essa de ficar dentro do quarto sem falar com ninguém? Menina, você está chorando por quê? O que foi que houve?

Mariana não falava nada. Saia dali e ia para rua queria ficar livre das interrogações da mãe.

Dona Clementina trabalha como enfermeira em São Cristóvão. Paga colégio particular para filha, mesmo com muito sacrifício. Ela é separada do marido e cria a filha sozinha. Seu marido Antônio, um policial aposentado, quase não visita à filha, mas ajuda nas despesas. Homem meio carrancudo e machista, sempre achou que filha deveria ficar com a mãe, e também, tem sua nova esposa que não gosta muito de receber Mariana.

Mariana, quando pequena ficava com a babá e o pai, mas assim que eles se separaram e seu pai foi morar em outro bairro, ela fica mesmo com a ajudante de dona Clementina, pois o trabalho de dona Clementina requer grande parte a dedicação do seu tempo. Dona Clementina, muitas vezes chega a se sentir culpada por não poder dar mais atenção à filha.

Raras vezes Mariana vai à casa do pai mesmo eles se dando muito bem.

Naquela tarde, Mariana foi até a praça para tomar um sorvete, queria arejar a cabeça. Vestiu-se e desceu a rua. Sempre com aquele seu jeito meio trancado, calada, misteriosa...

Chegou ao quiosque e pediu um sorvete. Sentou-se e foi tomar.

Depois de alguns minutos apareceu um grupinho que gostava de persegui-la na escola, começaram a zombar dela. Ela permanecia indiferente, mas não adiantava, perturbavam até chegarem à agressão física. Tomaram o sorvete dela, jogou ela ao chão, bateram e pior, ninguém fazia nada para defendê-la.

Mariana engoliu o choro e saiu dali toda machucada e suja e voltou para a casa. Chegando entrou para o quarto e chorou muito, ali sozinha.

Pensou: *Vou dar um basta nessa situação. Não aguento mais.*

A mãe chegou e ela nem saiu do quarto para jantar. Zaira, a ajudante de Dona Clementina já tinha preparado o jantar.

No dia seguinte, dona Clementina saiu cedo para o trabalho, como de costume, porém, Mariana não foi para a escola. Ela se levantou, disse que tinha que ir à casa do seu pai para resolver um assunto com ele. Zaira estranhou, mas Mariana não dava muita atenção ao que a mulher falava. Mariana pegou o ônibus e foi até a casa do seu pai. Lá, a menina

passou o dia, e, em dado momento, disfarçadamente entrou no quarto onde seu pai guardava suas armas, embora ficasse em lugar seguro, mas Mariana já tinha pesquisado tudo, até mesmo onde seu pai guardava as chaves que trancavam o armário das armas. Ela pegou um revólver e escondeu na mochila. À tardinha, voltou para casa tranquila. Chegando a casa escondeu a mochila. Havia conseguido um dinheiro com seu pai que usou para comprar explosivos.

No dia seguinte, juntou tudo colocou na mochila e partiu para escola.

Chegando lá, ela soltou os explosivos no corredor da escola. O barulho dispersou a atenção de todos. Ela entrou sutilmente na sala onde estudava, com a arma na mão e, atirou. Três disparos na classe. Os alunos entraram em pânico. A professora de História estava em sala apavorada, foi tentar detê-la, ela deu mais um disparo...

A professora morreu na hora. Mais dois disparos para ninguém se aproximar dela e saiu apontando a arma para todos ali presente.

Três dos seus colegas baleados morreram também na hora, ou seja, ela acertou, em cheio, os três tiros e fugiu. Desapareceu como fumaça.

A polícia chegou ao local, ambulância... Era tarde demais. Todos ficaram aterrorizados com o acontecido. A escola ficou fechada para averiguações. E, ninguém sabe o paradeiro de Mariana.



**Rosane Pereira da Silva** é graduada em língua portuguesa e literatura, pós graduação em produção textual e linguística. Professora estadual do ensino público. Mora em São Sebastião do Alto RJ interior do estado do Rio de Janeiro.

incentivo à leitura

## *Um dia a mais para viver*

**CONTO**

"Ramiro e Diana, um casal feliz que morava em vale do Rio Bonito. Cidade interiorana de poucos habitantes, porém bastante frequentada devido a sua natureza exuberante."

**ROSANE PEREIRA DA SILVA**

**Conto**

Ramiro e Diana, um casal feliz que morava em vale do Rio Bonito. Cidade interiorana de poucos habitantes, porém bastante frequentada devido a sua natureza exuberante fauna e na flora, das belas cachoeiras e rios onde muitos visitavam ou passavam férias, feriados e finais de semana, com isso o comércio era bastante promissor.

Ramiro, comerciante, dono de um estabelecimento de médio porte e, Diana trabalhava como professora no ensino público. Criaram seus dois filhos Jhonas e Talis com conforto, frequentando ótimas escolas. Talis, o mais novo, ainda cursava o ensino médio. Jhonas terminara a faculdade de medicina.

Era noite de formatura de Jhonas. A família orgulhosa do rapaz participava da festa de formatura do jovem. A cerimônia estava perfeita, sob as luzes das câmeras fotográficas exibiam sorrisos de vitória.

Um baile de gala, requinte certo para a ocasião. O baile ia durar a noite toda. Os melhores buffets, decoração lindíssima, cenário maravilhoso. Tudo organizado para ser uma festa inesquecível...

Os formandos dançavam e se divertiam...

Os pais de Jhonas foram para casa assim que terminara a cerimônia de formatura, por volta da 00:00hs. O rapaz, porém estendeu até as 03:00hs da matina. Ele abusara um pouco da bebida, mas mesmo assim, pegou o carro para voltar a sua casa. Havia se desentendido com sua namorada e resolveu ir embora sozinho.

Despediu-se de alguns amigos e saiu.

O dia amanheceu e Jhonas não apareceu nem ligou para informar seu paradeiro à família. As horas do dia foram passando e seu Ramiro começou a se preocupar com a falta de notícias do filho. Ligou para um dos amigos de Jhonas, foi aí que descobriu que ele tinha saído da festa desde as 03:00hs. Seu Ramiro e Diana começaram a fazer ligações para os amigos, polícia, hospitais... Até que chegou a triste notícia: um jovem de 24 anos havia sofrido um acidente na curva da estrada de vale Bonito. O carro capotara na curva e o rapaz estava morto. A felicidade virou pesadelo. Seu Ramiro e Diana estavam partidos, sem saber o que fazer para aguentar tamanha dor. Como era pavoroso velar seu próprio filho, todos os transtornos de espera de autópsia, cerimônia fúnebre. Era uma realidade enlouquecedora. Não existia remédio que aliviasse. Pediam para dormir, único momento que a dor se ausentara daqueles corações despedaçados, Talis, seu irmão mais novo, tentava ajudar os pais, embora também com o coração sangrando a perda do irmão.

Saíram de uma festa de formatura para uma cerimônia de velório bruscamente. Foi um susto, um acontecimento estarrecedor.

Um mês se passara. Seu Ramiro chorava todos os dias incessantemente:

— Meu Deus, como fazer para viver sem meu filho? Como suportar a saudade? Nunca mais irei vê-lo. — E o desespero batia. O estômago revirava, a visão escurecia e o coração rasgava, sentia uma espada atravessa-lhe o peito. Sua vida tinha acabado.

Daiana, porém sabia lidar mais calmamente com a dor e tentava consolar o marido.

Ela resolveu transformar sua dor em amor, doação. A única maneira de aliviar aquele coração sofrido.

Criou um projeto para abrigar crianças abandonadas e mães menores desabrigadas.

Mobilizou várias empresas doadoras e voluntariados, quando percebeu, tudo estava montado e abrigava mais de 48 crianças e jovens mães.

No início, seu marido se negara, mas com o tempo, começou a frequentar e ajudar no trabalho com os menores.

O amor transmitido por aqueles pequenos era bálsamo para ferida deixada pela perda do filho.

Daquela fenda nasceu uma luz radiante de amor. O destino traiçoeiro que lhe tirara a razão de viver, também trouxera a pureza em forma de esperança naquelas crianças que tinham tanto a ofertar. Aquele amor incondicional era um raio de luz para acordar e ter “ mais um dia para viver”.

Talis terminou o ensino médio e foi para faculdade, passou a tomar conta dos negócios do pai. Talis foi para faculdade de administração, terminou a faculdade e passou a gerir o negocio do pai.

Seu Ramiro e Diana dedicaram-se suas vidas a outras vidas que tanto necessitavam de amor e cuidados especiais. Eles ganharam muitos filhos e, a todos, nunca faltou acolhimento e amor.

Dois corações feridos doados a outros corações perdidos. Onde a vida mais lhe feriram usaram a ferida para curar outras vidas.

A cada amanhecer só mais um dia para viver... Viver para o amor ao próximo, à prática do bem. Viver a doação sem limite, sem esperar nada em troca, apenas a felicidade de ver aquelas crianças terem a oportunidade de crescerem em um lar e se tornarem cidadãos dignos, gente capazes de prosseguirem e construírem seus próprios caminhos.

**Rosane Pereira da Silva** é graduada em língua portuguesa e literatura, pós graduação em produção textual e linguística. Professora estadual do ensino público. Mora em São Sebastião do Alto RJ interior do estado do Rio de Janeiro.

incentivo à leitura

## Ana Francisca

**CONTO**

"Em férias há uma semana, Recife a cada dia me parecia mais adorável, uma das capitais brasileiras belíssima por seus rios, ilhéus e penínsulas. Andar junto ao porto, centro histórico da cidade antiga do século XVI tinha muitos encantos."

**MÍRIAM SANTIAGO**

**Conto**

*E quando a vi naquele salão meu coração palpitou tanto que precisei me amparar.  
Era uma jovem formosa, uma deusa com cabelos negros como o ébano, face branca como a neve.  
Era linda da cabeça aos pés!*

**E**m férias há uma semana, Recife a cada dia me parecia mais adorável, uma das capitais brasileiras belíssima por seus rios, ilhéus e penínsulas. Andar junto ao porto, centro histórico da cidade antiga do século XVI tinha muitos encantos. Mas não fui desfrutar daquela beleza sozinho, junto com um amigo permaneceríamos por dez dias. Antônio e eu tínhamos os mesmos gostos e quase o mesmo ideal de vida; amigos desde a infância, aos 25 anos ainda usávamos o antigo código secreto das batidas na parede, já que vizinhos, permanecíamos na casa de nossos pais, em uma vila particular do bairro Vila Moraes, rua próxima à Dom Vilarés (Três Tombos), em São Paulo.

Tudo corria bem até sermos convidados a um baile no tradicional clube social de Recife, um lugar amplo, aconchegante com orquestra impecável, boa comida e bebida. A impressão que tive ao entrar no clube foi que a cidade inteira estava lá, lindas moças bem vestidas com seus vestidos e saias meia-perna (midi) rodados cheios de charme, a última moda dos anos 50.

Antônio logo se encantou com uma morena maravilhosa que o acompanhou em todas as músicas, mas minha timidez ainda me deixava apenas observando. Fui para perto do palco e me posicionei em um canto para desfrutar os encantos do baile, até tomar coragem para convidar uma jovem a dançar. E dava gosto de ver meu amigo feliz e correspondido por seu par.

Acabara de acender um cigarro e na outra mão segurava o segundo copo com Ponche de Champagne quando o salão ficou um pouco mais escuro para uma série de músicas românticas e cada qual segurava a mão de seu par envolvidos à melodia.

Estava na metade do copo quando ela entrou no salão. Minha mão com o copo em suspensão acompanhou como em câmera lenta, os movimentos triunfais da chegada daquela deusa, vestida em atraente vestido vermelho com cintura marcada. Ao desviar de algumas mesas, um ventilador fez seus lindos cabelos negros como o ébano abaixo do pescoço se esvoaçarem para trás, deixando a pele branca como a neve do rosto destacar os belos e carnudos lábios vermelhos (como o sangue) em destaque. As sobrancelhas negras e altas realçavam os olhos amendoados... era linda da cabeça aos pés, a minha Branca de Neve! Meu coração palpitava tanto que precisei me amparar, sentando-me novamente, terminei o ponche. A bebida me deu coragem, levantei-me e fui rapidamente falar com a moça, antes que outro pretendente a tirasse para dançar, afinal, ela chamou a atenção do baile inteiro!

— Olá, disse à moça, parando bem à sua frente. Eu me chamo Pedro, qual seu nome?

— Eu sou Ana Francisca — disse ela, sorrindo e deixando brilhar os dentes brancos e perfeitos.

— Você me chamou a atenção entre todas as mulheres.

Ela sorriu novamente e não falou nada.

— Estou nesse baile com meu amigo Antônio, estamos desfrutando nossas férias do serviço, viemos de São Paulo. Você é da região?

— Nossa, vieram de tão longe. Sim, sou daqui.

— É verdade, eu nem precisava perguntar, seu sotaque regional já tinha dito, mas estou nervoso.

— Então vamos dançar para você se acalmar. — E Ana Francisca me puxou pelas mãos e me conduziu para a dança.

Quando eu segurei suas delicadas mãos, entrelacei meus dedos aos dela segurando em sua cintura de pilão. Ela sorriu novamente e encostou sua cabeça no meu peito e assim tão perto senti o perfume de seus cabelos, que me deixou ainda mais inebriado: sim, estava em estado de êxtase!

Ela também correspondeu e nem notamos que as músicas estavam mais agitadas, pois não nos largamos; continuamos abraçados e nos balançando lentamente até a outra rodada de músicas românticas. Então tomei coragem e com a mão trêmula puxei o rosto de Ana Francisca para cima, a apertei ainda mais em meus braços e quando nossos lábios estavam bem próximos, delicadamente beijei-lhe ardentemente.

Após o beijo, abracei Ana e fomos até a varanda do clube para conversarmos e nos beijarmos ainda mais.

— Que linda a vista daqui, disse a ela, veja, já está amanhecendo.

Ela se virou bruscamente ao ver os primeiros raios solares e me empurrou: preciso ir embora, nossa, já está tarde, estou atrasada.

— Calma, tudo bem, vou levar você até sua casa, não se preocupe. Está preocupada por causa do horário? Seus pais não gostam que você chegue tão tarde? Mas hoje é sábado, dia de baile, tentava tranquilizá-la. — E assim, saímos do clube tão ligeiros que quando dei por mim entrava com Ana em um táxi.

Ela falou o endereço ao motorista e pediu que fosse o mais rápido possível.

Assim que chegamos, a casa de Ana ficava numa rua estreita e pequena e apontando para uma casa toda branca, ela disse que a mãe não poderia vê-los juntos, pedindo que eu não a acompanhasse.

— Obrigada pela noite, fique aqui, volte para o hotel no táxi.

Ela nem me deixou beijá-la mais uma vez e num passo rápido, num piscar de olhos, ela desapareceu bem perto da casa.

Voltei ao hotel e estava reluzente, nunca havia me sentido assim tão feliz, a imagem da bela moça não saía de meus pensamentos.

— Antônio — sacudi meu amigo que roncava — conheci uma moça no baile, estou apaixonado. Vou escrever uma carta, um poema para ela.

— Oi, o que? — Pergunta Antônio, que mal conseguia abrir os olhos, vá dormir homem, depois você vai lá na casa dela, vai dormir... e o amigo caiu no sono novamente.

Mas meu coração estava acelerado, batia muito forte e ainda podia senti-la em meus braços, seu perfume, sua pele suave... e as lembranças fervilhando foram ficando mais intensas a cada palavra colocada no papel, os sentimentos, a paixão e ao terminar de escrever, ao colocar o ponto final, uma dor no peito o fez dobrar o papel com pressa e colocar o nome de Ana Francisca em um dos lados. Pedro foi largando a caneta

devagarinho em cima da mesa, assim como foi fechando os olhos e sem conseguir chegar à cama, foi abaixando sua cabeça ali mesmo.

Depois de dois dias, Antônio consegue encontrar a casa de Ana Francisca.

Ao falar da moça, a mãe ficou brava e tentou expulsá-lo, pois a filha falecera há dois anos. Antônio não acreditou e a mãe com os olhos marejados mostrou a foto da filha e deu-lhe o endereço do cemitério, ao encontrar a lápide, uma rosa vermelha estava sob a mesma.

Antes de falecer, Pedro disse que deu a flor quando saiam do clube as pressas, roubou de uma mesa.

Pedro nem soube que dançou e beijou uma defunta, como pode ser isso, alguém morto ir ao baile materializado, se divertir e partir.

Antônio em lágrimas, já que perdera o seu melhor amigo, um irmão, juntos desde que Pedro se mudara para a vila vindo a ser seu vizinho. Amizade pura e verdadeira, que talvez jamais encontre. Pedro era cardíaco, havia feito cirurgia por duas vezes e não podia ter fortes emoções, faleceu porque teve um infarto, a paixão instantânea pela jovem que mal conheceu o consumiu!

E o mais estranho é que ela nem mesmo estava mais neste mundo. Após chorar bastante, Antônio colocou em cima da lápide, ao lado da flor, a carta deixada por Pedro, que demonstrava todo o amor pela moça.

...

Ainda naquela mesma noite, com o cemitério fechado, andando entre os túmulos, Ana Francisca ao se deparar com sua própria cova, além da flor vê um papel, a carta de Pedro, a declaração de amor e desaparece.

Após a visita ao cemitério, Antônio partiu de Recife com a família do amigo, que veio de São Paulo para transferir o corpo.

Pelo tempo em decomposição, não pode ter velório e Pedro foi enterrado no jazigo da família, em São Paulo.

Quando todos deixaram o cemitério, Antônio ainda ficou mais um pouco e entre as lágrimas que escorriam por seu rosto, agora sem ninguém pode perceber um papel caído ao chão. Ao pegar, era a carta.

Pedro entendeu que o amigo não tivera um final feliz neste mundo, mas para aqueles que creem na continuação de outras vidas, Pedro e Ana Francisca estariam, naquele exato momento, juntos em outra dimensão!

A verdade, se é certa ou não, se existe vida além da morte ou se existe outras vidas ou outros mundos, esta compreensão não sabemos, mas o que é real e temos que agarrar é o amor, e como diz a Bíblia: cresci e multiplicai-vos. Sim, multiplicar o AMOR, pois é este sentimento que o mundo realmente precisa!

Abaixo o ódio, a guerra, multiplique sempre o AMOR!

**A história é uma adaptação do conto “A moça que dançava mesmo estando morta”, trecho do livro *Estranhos Mistérios d’O Recife Assombrado*, de Roberto Beltrão.**



**Miriam Santiago:** jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [mirianssantos@gmail.com](mailto:mirianssantos@gmail.com)

incentivo à leitura

## A ANCIÃ

**CONTO**

"Todos os dias ela caminhava por ali sem ser percebida, invisível aos olhos de todos, porém os seus olhos já haviam visto séculos."

**ANDRÉ V. S. LIMA**

## Conto

Avenida Serzedêlo Corrêa, bairro Batista Campos, Belém-do-Pará. Estabelecida em 1908 com o auxílio do engenheiro Augusto Mendes, durante os últimos anos de governo do intendente Augusto Montenegro, esta avenida já presenciou inúmeros episódios há muito esquecidos e outros que até hoje recordamos deste hausto breve como um suspiro que didaticamente tomamos por história e, realmente como um simples suspiro, a história desenrolou-se até os dias atuais após muitas mudanças físicas, políticas e sociais na capital do estado do Pará.

Atualmente, uma grande variedade de pessoas transita por esta avenida, a antiga Rua São Vicente de Fora, a qual hoje em dia é conhecida apenas por “Serzedêlo” (ou “Sezerdêlo” como muitos a chamam, ainda que erroneamente) alheias às décadas e mais décadas de acontecimentos que ali fizeram seu palco. Pessoas diligentemente deslocando-se aos seus locais de trabalho, pais levando de maneira cuidadosa seus filhos à escola e as demais figuras presentes neste cenário como fruteiros, vendedores de “filmes piratas”, motoristas ou simplesmente vagabundos que por ali passeiam... Todos estes personagens caminhando por uma página da história que, assim como todas as outras páginas/ruas da capital paraense, já narrou contos de felicidade, de tristeza de suspense e até mesmo de horror.

Em certas ocasiões a história precisa se fazer presente, não apenas na arquitetura, literatura ou até mesmo na política... Não... Algumas vezes, apesar de que eu suponha que nunca saberemos o motivo, a história forçosamente sente a necessidade de manifestar-se viva em alguns de seus personagens, por exemplo, uma pessoa que conhece os importantes fatos históricos ocorridos na capital paraense, uma pessoa que **viveu** estes fatos, uma pessoa que inacreditavelmente estava às vésperas de completar seu ducentésimo vigésimo sétimo ano de existência, uma pessoa que neste exato momento caminha entre a multidão apressada da cidade.

...

Todos os dias ela caminhava por ali sem ser percebida, invisível aos olhos de todos, porém os seus olhos já haviam visto séculos. A passos lentos ela caminhava, não tinha pressa, pois segundo o que repetia para si mesma todos os dias ao levantar-se da cama e também ao se deitar, tempo era a última coisa que lhe sobrara em sua miserável vida. “Ora, merda” pensava ela, mesmo se tivesse alguma pressa de chegar ao supermercado a qual se dirigia, seu reumatismo, artrite e osteoporose não a permitiriam ter sucesso na empreitada.

Atravessou a Avenida Conselheiro Furtado em direção ao Cemitério da Soledade detendo-se antes de chegar do outro lado da rua, pois um motoboy desrespeitara o sinal vermelho do semáforo e lhe cortara a frente, fazendo uma curva à direita e seguindo o seu caminho na contramão.

– Cuidado vovó! Presta atenção! – Ele gritou, veloz, já a vários metros adiante.

– É TU QUE TÁ ERRADO SEU MERDA! NÃO VIU O SINAL VERMELHO? MERDA! – Ela gritava, consciente de que o rapaz já não podia lhe

escutar, o que aumentou seu mal humor. “Gente nova” ela pensou, “não presta pra nada”... Era exatamente o que a juventude de hoje em dia era a seu ver, uma completa e indiscutível merda. Seu olhar automaticamente dirigiu-se à direção por onde o motociclista tinha acabado de ir e deteve-se do outro lado da rua. Ali, ao lado da Necrópole Israelita, encontrava-se uma escola particular onde podia ouvir os gritos das crianças do outro lado do muro e disse em voz alta:

– Olha só! O mesmo barulho de sempre! A única coisa que mudou foi o nome da escola, de John F. Kennedy pra... pra... – Tentou ler o nome da escola, porém a visão já (há muito) lhe falhava. –... Pra isso aí! – Disse, por fim.

Despertou-se do seu devaneio com o som de buzinas de carro à sua direita e se deu conta de que ainda continuava no meio da rua. Olhou para o semáforo que já se tornara verde, olhou para o motorista da van Escolar à sua direita, que continuava a buzinar, amarrou a cara e saiu da frente, subindo com certa dificuldade no meio-fio. Já na esquina do cemitério, viu o vendedor que se encontrava na calçada, perto de uma parada de ônibus. Ali ele fazia o seu ponto todos os dias, onde vendia peças de madeira feitas por ele mesmo tais como bancos, cadeiras e “cabideiros”. Seguindo seu rumo em direção a quem vai para a Praça da República, ela fez a anotação mental de que na volta iria lá comprar um “cabideiro” novo, porém sabia com toda a certeza de que durante a volta para casa ela se esqueceria de sua “anotação”.

– Ora... Eu me lembro de tudo que aconteceu nessa cidade, lembro tanto da inauguração desse “cemitério de judeu” aí do outro lado em 1842, quanto do dia que fecharam em 1915... Lembro até daquele tal de Augusto Montenegro, pra lá e pra cá, de nariz empinado naquele casarão da São Jerônimo e não consigo mais lembrar nem das compras que tenho que fazer se não levar uma lista... – Resmungava para si mesma quando parou, apoiando-se com uma mão nos portões do velho Cemitério da Soledade e, com a outra retirando uma pedra de dentro do sapato.

Seus sapatos eram simples, de couro preto e sem adornos de qualquer tipo e ela os usava sem meias causando o surgimento de calos e feridas nos tornozelos, fatos estes comprovados pelos band-aids (com vivas estampas de desenhos animados dos quais não conhecia) que podiam ser vistos saltando da parte de trás dos sapatos causando um grande contraste com a pele extremamente branca e pálida de suas pernas nas quais destacava um considerável número de varizes azuis, vermelhas e roxas. Usava também uma bermuda simples de nylon estampada com flores vermelhas sobre um fundo preto até os joelhos e uma velha camisa branca de mangas curtas onde se liam os dizeres: Círio 2003 logo acima do cartaz oficial do mesmo onde a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré encontra-se acima de um fundo cor-de-rosa devido a uma fotografia de um chão coberto de flores de jameiro ao pé de sua árvore de origem.

Ela carregava apenas uma bolsa de mão simples, preta com fechos dourados, e uma pequena sombrinha automática, também preta, cujo botão que a acionava ela mal tinha forças para apertar, mas continuava a carregá-la para onde quer que fosse mesmo assim “pro caso de chover”, como ela sempre repetia para si mesma. A pele de seu rosto e braços era branca, flácida e bastante pálida, com melanoses por praticamente toda a sua extensão, e de seus olhos pendiam grandes bolsas oculares e seus longos cabelos brancos eram presos em um coque bastante apertado na nuca.

Seguiu caminho, ainda olhando para o outro lado da rua, mantendo os olhos fixos no Cemitério Israelita há alguns metros atrás.

Ela não vivia naquelas proximidades desde que nascera, só viera morar nas cercanias durante a época de seu primeiro casamento há muito, muito tempo atrás. Depois da morte de seu primeiro marido, vítima de uma moléstia há muito esquecida, ela mudou-se para a Fazenda Pinheiro que fora comprada da Ordem dos Frades Carmelitas Calçados juntamente com a Fazenda Livramento pelo amigo de sua família, o Tenente-Coronel João Antônio Corrêa Bulhões, as quais futuramente resultariam no distrito de Icoaraci. Após a morte de Bulhões, suas terras foram vendidas para o Presidente da Província do Grão-Pará General Francisco José D'Andréa, época que coincidiu com seu segundo casamento quando retornou à capital do Pará. Naquela época apesar de seus 47 anos já vividos, nenhum de seus parentes se surpreendeu quando a viúva foi proposta em casamento por tão jovem intendente, pois a mesma ainda não começara a apresentar os característicos sinais da idade, a qual para o período em questão já se considerava de certo modo avançada, despertando-se assim, a inveja das “amigas” e demais damas da sociedade.

Sua aparência costumava ser bastante diferente naqueles idos do século XIX. Cabelos negros, cacheados e longos cascadeavam-se esmeradamente sobre os seus ombros e costas. Seus vestidos e chapéus eram confeccionados pelos melhores artesãos dos quais sua família – Mais especificamente, o dinheiro da mesma – poderia dispor e, mesmo com a presença das mangas bufantes, das inúmeras anáguas (substituídas nas décadas seguintes pelas crinolinas de aço) e as golas “Van Dick”, seu corpo esbelto e perfeitamente ereto atraía os mais variados olhares. Sua pele alva aparentava não ter imperfeições, e seu rosto era a beleza e candura feitas carne manifestando-se perfeitamente naquela mulher de surpreendente beleza. Dentre tantos atributos notáveis, suas aptidões artísticas também se sobressaíam de forma assombrosa em relação aos demais integrantes das esferas sociais da época; suas habilidades no piano, no canto e na pintura não encontraram rivais nem mesmo naquela viagem ao Rio de Janeiro quando era moça.

“Uma moça nova e burra” pensava ela ao caminhar. Em passos curtos e trôpegos ela não podia evitar imaginar como se desenrolaria a situação que ocorreria se pudesse voltar àquele tempo e informar à sua versão mais nova tudo aquilo que lhe aguardava, quanto tempo viveria, quantos acontecimentos testemunharia... Mas decerto sua “versão mais jovem” a tomaria por uma velha louca e senil e não lhe daria ouvidos voltando-se assim para suas atividades costumeiras de uma boa dama do século XIX. Nas décadas seguintes nem mesmo um dia se passaria sem que ela não pensasse a respeito disto, com os olhos marejados de saudade e raiva contida.

– E aí minha tia? Tudo bem com a senhora? Quais as novas? – Perguntou animado o vendedor de DVD's piratas e LP's antigos enquanto montava sua barraquinha na calçada do cemitério, à sombra do “corredor” de mangueiras que arborizava o local. Ela parou e olhou para o jovem vendedor sorridente, que se chamava Roberto.

–Vai querer levar alguma coisa hoje dona Vitória?

– Ora moleque, e quando foi que eu já comprei algo de ti? – Perguntou aborrecida, porém parando e rindo-se por dentro ante ao fato do rapaz continuar

chamando-a de “Dona Vitória” após ter entendido o seu nome equivocadamente durante a ocasião em que se conheceram há tantos meses atrás.

– Olha só aqui, olha! – Disse Roberto, animado, não lhe dando ouvidos. – tem só LP da época senhora, tem Donna Summer, tem Bob Dylan, tem o...

– Eu nem gosto disso menino, e quem disse que isso é da minha época?

– Bom se a senhora quiser os brasileiros, tem uns “cedêzinhos” aqui do Jerry Adriani, tem do Paulo Sérgio, do Márcio Greyck, do Fernando Mendes e...

– Tá, tá, tá bom, me dá logo qualquer coisa que tu tem aí, pelo menos tu cala a boca! Me dá esse aqui! – Disse ela pegando um CD qualquer e abrindo a pequena bolsa. – Quanto é isso?

– Só dois “realzinhos” patroa, mas pra senhora eu deixo por um e noventa e nove na promoção! – disse o vendedor entre risos. A pequena anciã resmungou um insulto inaudível e empurrou-lhe duas moedas. Guardou o CD na bolsa e fez menção de ir embora, ainda murmurando toda a sorte de adjetivos pejorativos ao rapaz. Já havia dado cinco passos quando Roberto a chamou novamente:

– Ei Dona Vitória! Já ia até esquecendo de lhe falar! A senhora nem sabe!

– FALA LOGO ENTÃO, QUE EU TOU COM PRESSA, RAPAZ! – gritou a idosa, agora bastante irritada. Roberto ficou bastante desconcertado, mas, otimista, abriu novamente seu largo sorriso e prosseguiu:

– É que o meu sobrinho João Henrique ganhou uma bolsa aí nessa escola da frente! Vai começar hoje a aula dele! Primeiro da família a estudar em escola chique assim, olha só! Só orgulho desse menino, hahaha!! A senhora lembra dele? Ele tava aqui naquele dia que...

– Sim e o que eu tenho a ver com isso, moleque? – retrucou “Dona Vitória” interrompendo Roberto rudemente. O sorriso do pobre rapaz desaparecera e em seguida seu tom de voz havia perdido completamente a animação de outrora.

– Nada não Dona Vitória... Deixa... – Respondeu ele, sentando-se em seu banquinho e virando-lhe as costas. Imediatamente pôs-se a fingir que organizava seus CD's sobre a mesa da barraca para que “Dona Vitória” não visse seus olhos à beira das lágrimas.

## O VENDEDOR

Roberto era conhecido e querido por todos das redondezas. Era um rapaz de aproximadamente 26 anos de idade, de pele morena bronzeada pelo sol e que gostava de fazer amizades com todos os passantes. Sua personalidade bastante extrovertida e seu rosto sempre sorridente geralmente surpreendiam os demais pelo fato de não serem condizentes com sua aparência intimidadora.

O rapaz era grande e robusto como um muro de concreto. Seus bíceps poderiam facilmente rasgar as mangas de sua camisa Hollister falsificada e sua altura rendera-lhe o apelido “Gigante”. Ele usava a cabeça raspada como um resquício de seu antigo sonho de servir no exército, (sonho que lhe fora roubado por uma hérnia de disco que o impedia de realizar muitos exercícios físicos) mas o que mais chamava atenção em sua aparência era a grande cicatriz localizada na parte superior da testa, se iniciando acima da

sobrancelha esquerda estendendo-se até a parte de trás da orelha de mesmo lado assemelhando-se a um grande ponto de interrogação.

Muitas pessoas equivocadas espalhavam o boato de que esta cicatriz havia sido conseguida em uma briga de bar qualquer, mas não faziam ideia de que na verdade Roberto a adquirira quando caiu do topo de sua casa ao consertar o telhado cheio de goteiras. O mesmo ocorria com relação à sua pessoa, ao seu caráter. Muitos acreditavam que o rapaz tratava-se de uma pessoa bruta e feroz quando na verdade, era exatamente o oposto. Roberto não era dado à violência e, como sua própria esposa dizia, ele era um “macho frouxo”, pois chorava com facilidade e por qualquer motivo, característica esta que ele fazia questão de esconder das outras pessoas. Ainda se lembrava daquela ocasião ocorrida no ano anterior quando o taxista da esquina, o “Bolacha” como era chamado por todos, falecera tragicamente quando perdeu o controle de seu táxi e colidiu contra um poste. Roberto chorou durante uma semana pela tragédia... Era um rapaz sensível, admirador de tranquilidade e “Flash Backs” da década de 80.

Ao olhar por cima do ombro, percebeu que “Dona Vitória” já ia ao longe, atravessando a esquina da Serzedêlo Corrêa com a Braz de Aguiar. Ele a acompanhou com o olhar durante algum tempo e sentiu pena da pobre velhinha. Eles haviam se conhecido há alguns meses atrás e ele havia percebido de imediato que se tratava de uma senhora sem ninguém, sozinha no mundo.

Gostaria de poder ajudá-la, oferecer amizade e companhia, porém a velha senhora esquivava-se perante todas as suas investidas e isso o magoava um pouco, pois ela lhe fazia lembrar-se de sua falecida avó que tinha um temperamento semelhante. Ligou sua pequena caixa de som, um daqueles aparelhos com entrada USB em formato de “Camaro amarelo” que se podem encontrar em qualquer camelô e inseriu o Pendrive com seus “Flash Backs” favoritos (Isto sempre o ajudava a relaxar e se distrair dos problemas que mais lhe preocupavam). “Mas tudo bem”, pensou ele ali na calçada do Cemitério da Soledade enquanto Laura Branigan cantava “Self Control”. – Algum dia vou falar direitinho com ela, e daí ela vai pedir desculpa por toda essa grosseria!

## A ANCIÃ

– Nada não Dona Vitória... Deixa... – Respondeu-lhe o garoto. Quando virou de costas para colocar seus discos em ordem, a idosa ainda permaneceu alguns instantes o observando. Sentiu que talvez não houvesse a necessidade de ter agido tão duramente com o rapaz. Quis dizer-lhe algo, alguma palavra benevolente, mas pensou melhor e deu meia volta. Continuou seu caminho afinal, como ela repetia para si mesma, não tinha tempo para perder com “molecotes” ignorantes. Já vivera tempo demais para se permitir ter esse tipo de paciência. Ela sabia muito bem o tipo de sentimento que se passava na cabeça daquele jovem: Pena, piedade. O sentimento incômodo de ver algo repulsivo e lhe dar qualquer ajuda miserável apenas para poder dormir em paz com sua mente mesquinha, como estender uma moeda de dez centavos para um pedinte maltrapilho na calçada ou qualquer coisa que o valha.

Não, ela dizia, não permitiria a humilhação de ser tratada daquela forma. Durante os dois séculos de sua existência muito havia lhe sido tirado. Família, amigos, beleza, riquezas, mas o seu orgulho havia de permanecer intacto afinal, era a única coisa que lhe

restara. Mas ali, quando o jovem vendedor lhe virou as costas, ela não pôde evitar o sentimento de que ele lhe fazia recordar de alguém há muito já falecido, assim como todos os seus familiares. Todos mortos há muito tempo. Seus maridos, os doze filhos e os incontáveis netos cujos nomes ela não recordava mais. Sim, talvez ele a fizesse lembrar-se de algum de seus netos.

Caminhava a passos lentos, perdida em pensamentos. Atormentada por lembranças de uma época morta da qual ela era a última testemunha viva. Todas as pessoas que conhecera durante a juventude já haviam partido. Este ciclo foi iniciado com seu primeiro marido que morrera bastante jovem, deixando-lhe cinco filhos. Seu segundo marido foi um jovem intendente, um político da época, filho único de uma abastada família que havia vindo do Rio de Janeiro se estabelecer na Província do Grão-Pará. Com ele tivera sete filhos, o que causou muito estranhamento e até mesmo aversão por parte de parentes e amigos pois quando nasceu o pequeno Joaquim, seu último filho, ela já possuía cinquenta e cinco anos, um acontecimento raro de se ver e ainda conservava a aparência de uma mulher na flor da idade e, devido a isto, não demorou até que os rumores sobre seus métodos para conservar a juventude surgissem.

Mulheres batiam-lhe à porta oferecendo serviços e presentes em troca do seu “segredo”. Durante as conversas, suas amigas puxavam assuntos sobre cosméticos franceses e emplastos milagrosos intencionalmente, sob o pretexto de perguntar para a amiga sobre como conservava a sua juventude. Porém, ao receberem como resposta a afirmação de que não havia segredo e de que a mesma nada fazia em relação à sua perpétua aparência jovial, muitas viravam-lhe rudemente as costas e abandonavam o recinto à passos fortes, visivelmente contrariadas. Outras apenas mascaravam seu ódio com falsos sorrisos, mas pelas suas costas as pessoas dos mais diversos círculos sociais já conversavam a seu respeito entre cochichos nervosos, e nestes diálogos já era possível ouvir, não raramente, a palavra “feiticeira”.

Quando tais acontecimentos chegaram-lhe aos ouvidos, decidiu então se afastar da sociedade. Seu marido a princípio não apoiou a decisão e tentou, sem sucesso, dissuadi-la a mudar de ideia. Foram noites e mais noites de discussões em voz baixa e à luz de velas enquanto os filhos dormiam. Seu marido não concordava com as ideias propostas, afinal não queria separar-se da mulher, mas por fim acabou cedendo. O plano era simples: primeiro ela se esconderia em alguma das inúmeras propriedades que sua família possuía e seu marido espalharia a notícia de que ela havia viajado para a casa de familiares distantes a fim de recuperar-se de uma moléstia. Em seguida, após passado algum tempo, seu marido avisaria a todos de que acabara de ficar viúvo e de que sua esposa fora sepultada ao lado do túmulo da mãe, tendo este sido o seu último pedido. Desta forma foi erguido o seu primeiro túmulo falso, e ao mesmo tempo, o último com seu nome verdadeiro.

Anos passaram-se e ela continuou mantendo contato com seu marido por meio de cartas e, algumas vezes, chegara perto o suficiente para avistar ao longe seus filhos com suas respectivas esposas e crianças. Passado algum tempo, quando as cartas pararam de chegar, ela compreendeu que seu marido havia partido, e por Deus, como ela o invejou por isso debulhando-se em lágrimas.

Ela visitou seu túmulo algumas vezes, rindo-se um pouco ante o fato de que a última vontade de seu marido foi de ser enterrado ao lado da tumba falsa de sua esposa. E lá ele permaneceu por séculos e até os dias presentes ela ainda se perguntava se a alma do marido tivera seu merecido descanso. Ela gostaria de pensar que sim, mas às vezes durante a noite, ela realmente podia ouvi-lo chamando-a do lado de fora do quarto pedindo que viesse lhe fazer companhia, pois sua espera já havia sido longa demais.

“A minha espera também tá sendo muito longa” pensou enquanto dobrava a esquina da Av. Serzedêlo em direção à Avenida Nazaré e foi repetindo esta frase que ela entrou no primeiro supermercado à direita. Comprou tirinhas de frango empanadas e salada pronta. Não tinha mais disposição e nem ânimo para cozinhar. Viver era um fardo muito pesado e ela já havia o carregado por mais tempo que qualquer um, então só o que lhe restava era sentar e esperar uma morte que ela sabia que não viria.

Durante os últimos séculos houve pessoas que, assim como seu segundo marido, tomaram conhecimento de sua real situação, porém todos se foram sem antes descobrirem a causa que levaria uma pessoa a permanecer em vida durante tanto tempo contrariando a vontade divina e o ciclo natural da vida pois, segundo ela dizia, jamais revelaria o motivo de sua desgraça.

Saindo do supermercado ela lembrou-se de coisas que aprendera em sua longa vida. Durante os anos 70 conhecera um Pai-de-Santo chamado Pai Francisco. Um sábio “preto velho” do bairro da Pedreira que lhe explicou sobre as pessoas antigas, ou seja, pessoas que viviam muito além da idade de um ser humano comum. Muitos eram os motivos que levavam uma pessoa a ser tornar um antigo, e o mais comum eram as que cumpriam penitência à faltas cometidas em vida e só eram abençoadas com o milagre da morte após expiarem seus pecados. Também havia as que por cobiça, procuravam fazer acordos com entidades malignas em troca de longevidade. Pai Francisco lhe contara que o último antigo do qual se tivera notícia fora um caboclo que ao mergulhar perto das ilhas C’roa Grande e C’roinha no arquipélago do Marajó, desapareceu por três dias. Quando foi encontrado, ele vagava pelas proximidades de Salvaterra ardendo em febre e dizia que havia sido encantado pelas “pessoas do fundo”. Após a recuperação, tornou-se um grande Pajé Sacaca (Um poderosíssimo pajé com a habilidade de falar com seres encantados) e viveu aproximadamente cento e vinte e cinco anos.

Infelizmente, assim como todas as pessoas que conheceu, Pai Francisco se foi deixando apenas lembranças e algum aprendizado. “Tudo na vida tem seu preço” ele dizia, e ela costumava remoer essas palavras dolorosamente. “Minha vida teve um preço muito alto”, ela repetia para si mesma.

– Vida, experiência, séculos, aprendizado, nada disso vale merda nenhuma. Nada disso vale o preço que eu paguei – Ela falava consigo mesma durante o seu trajeto de volta. Mesmo que os aprendizados não tenham sido poucos não valeram a pena. Experiências sobrenaturais, encantarias e demais mistérios amazônicos dos quais testemunhara, todos aqueles conhecimentos exigiram seu preço. Alcançando novamente a esquina das avenidas Serzedêlo e Braz de Aguiar, olhou amargamente para a esquerda recordando:

– Não dá pra viver mais de duzentos anos sem aprender algumas coisas. Eu lembro que o cemitério daí defronte vinha até aqui. Daí depois pegaram essa parte e

construíram tudo por cima...Prédio, casa, asfalto... Por isso que tem tanta visagem na casa desse povo e eles nem percebem! Se tivessem aprendido tanta coisa que nem eu aprendi nessa vida, ninguém mais dormia em paz! Fui mexer com isso agora tenho que ficar escutando aquele homem me chamando pro túmulo à noite... Aprendi muita coisa... Vi muita coisa! Ganhei uma vida e perdi a minha! – Falava em voz alta, enquanto os transeuntes que passavam a fitavam, curiosos. Talvez já estivesse até “caducando” afinal. Ela sempre levava isso em consideração, com grande desgosto.

Para ganhar a vida, teve de perder a mesma. Seus filhos e familiares haviam há muito partido. Na última vez que vira seu filho caçula, Joaquim, ele já aparentava ser mais velho que a própria mãe. Ela o havia avistado caminhando na rua com a ajuda de uma jovem moça que deveria ser sua neta.

O seu próprio filho já era um avô quando ela decidiu afastar-se para evitar a dor de testemunhar a morte de mais um filho, porém acompanhou de longe a continuação de sua linhagem. Nos dias atuais, os últimos descendentes de seu filho eram moradores do bairro de Nazaré onde possuíam uma ótica. Ela mesma chegara a adquirir um de seus produtos. Não que realmente necessitasse, porém o fez sob o pretexto de olhá-los de perto, quase aos prantos. O rapaz, Guilherme, durante todo o processo esteve completamente alheio ao fato de que estava vendendo um par de óculos à pessoa que enxergara toda a vida da linhagem de sua família, pois aquela senhora curiosamente emocionada, de voz embargada e mãos trêmulas era sua própria ancestral.

Ela se lembrava de muitos, porém ninguém mais se recordava de sua pessoa. Sua vida e o seu ser perderam-se no momento em que saíra de casa. Não possuía amigos e nem felicidade, apenas o tormento eterno que a perseguia incansavelmente esgotando todas as suas forças. Não dormia mais, pois sofria de terrível insônia, e nas raras vezes em que conseguia, nem ao menos recordava-se de ter dormido, de maneira que a noite decorria-se em um piscar de olhos e seu cansaço ao levantar era o mesmo que ela levava para cama ao deitar-se na noite anterior. E seu falecido marido sempre a chamava, ansiando pela sua morte, porém não mais do que ela mesma ansiava.

– Não devia ter voltado pra cá, só traz lembrança ruim – Dizia para si mesma, arrependendo-se do fato de ter cedido à nostalgia da juventude e voltado a residir naquelas imediações quando a rua foi pavimentada pela primeira vez. Foi com estes pensamentos em mente que avistou ao longe o camelô Roberto conversando alegremente com um garotinho de uniforme escolar que ela reconheceu como o sobrinho do mesmo. Foi com a mente atormentada que ela sentiu inveja do rapaz por sua felicidade. E foi possuída pelo sentimento de irremediável solidão que ao atravessar distraidamente a rua da Avenida Gentil Bittencourt, foi atropelada por um motoboy que excedera o limite de velocidade. O mesmo que avançara o sinal vermelho naquela mesma manhã.

...

Ano de 1962 na capital paraense. Operários que trabalhavam na construção de um edifício na Avenida Presidente Vargas e alguns moradores das redondezas, estarecidos, observavam quando a vítima da queda de um andaime levantou-se do chão xingando os

operários e indo embora, como se nada houvesse acontecido, dispensando as sugestões de ir ao hospital ou chamar uma ambulância.

Meados da década de 1930. Arredores do Mercado Ver-o-Peso. Pescadores da madrugada comentavam, entre um gole de cachaça e outro, o fato ocorrido no dia anterior quando uma briga de bar local resultou em uma vítima de bala perdida. Uma idosa que, após alguns segundos, inconsciente no chão, subitamente despertara e levantara-se, para o espanto dos comerciantes e pescadores que estavam presentes, os quais abandonaram a cena derrubando caixotes e barracas de venda.

...

## O VENDEDOR

A manhã estava bastante agradável na opinião de Roberto. Havia montado sua barraca há pouco mais de meia hora e já havia vendido vários CD's e DVD's. Poucos minutos depois, um colecionador comprara-lhe cinco LP's antigos, incluindo clássicos do Earth, Wind & Fire e um bastante raro do Ronnie Von e foi muito feliz que Roberto sentou-se em sua cadeira para repousar um pouco. Suas costas lhe causavam muito desconforto, mas naquele momento nada poderia lhe estragar o bom humor. Suas vendas estavam ótimas e logo o seu sobrinho sairia da escola para visitá-lo na barraca.

Apoiou os pés em um tijolo no chão e recostou-se na cadeira enxugando o suor da testa com um lenço. A vida de vendedor não era fácil, mas ele não podia reclamar de nada. Era feliz ali, tinha amigos e era querido por todos, então, sua única preocupação eram as dívidas no final do mês, mas talvez a sua situação melhorasse, pois um amigo o havia indicado ao cargo de vigilante noturno de uma empresa próxima à sua casa no bairro da Cremação. Roberto sonhava há tempos com um emprego de carteira assinada, mas as oportunidades eram poucas e mais raras ainda para alguém com as costas na situação em que se apresentavam as suas.

A chance de emprego que lhe aparecera como que caída do céu era excelente, a respeito disto não havia dúvidas, porém Roberto ainda se sentia indeciso. Gostava muito de trabalhar ali, de conversar com as pessoas e de observar o seu “ir e vir”. Ali se deleitava ouvindo os sons da cidade, pássaros, pessoas, veículos... Repousava sob a sombra das mangueiras e sentia-se parte da cidade. Divertindo-se com este pensamento, resolveu colocar pra tocar o seu PenDrive de músicas regionais e ali, ao som de “Olhando Belém” de Nilson Chaves, Roberto se sentiu muito feliz. “Aqui eu sou parte da cidade” disse ele.

Estava perdido em pensamentos quando ouviu:

– Tio! Ei, tio! Beleza? – Era o seu sobrinho João Henrique que atravessa a rua e vinha ao seu encontro.

– Faaala moleque!! Tranquilo? – Exclamou Roberto, levantando-se de sua cadeira.  
– Tá saindo cedo? Então vai ficar aqui comigo me ajudando até dar a hora da gente ir embora!

– É, hoje a gente saiu mais cedo da aula por que ... – E iniciaram uma longa conversa amigável. Eles sempre haviam mantido uma excelente relação familiar e eram grandes amigos. João Henrique era filho de sua irmã mais velha e quando nasceu,

Roberto possuía apenas 14 anos de idade, então ele via o sobrinho como um irmão caçula.

– E aí? Ainda tá jogando Pokémon?

– “Tô” sim, eu e o meu amigo Pedro lá da rua de casa, a gente tá jogando todo dia!

– Poxa, bacana! Ei olha! Lá vem a Dona Vitória voltando lá longe, quando ela passar diz “oi” pra ela!

– Quem é Dona Vitória? – Perguntou o garoto olhando em volta.

– É aquela ali ó! – Disse o tio apontando em direção à Farmácia “Big Bem” da esquina. – Ela é uma senhora muito solitária, muito sozinha, que mora aqui perto. Não tem parente, não tem ninguém. Bora ser legal quando ela passar, beleza?

– Beleza! – E assim aguardaram que ela passasse.

– Ei tio! Porque tem escrito “Liverpool” aqui? – Perguntou o menino, apontando para a inscrição localizada na base das barras da grade do cemitério.

– Não sei não. Acho que essas grades vieram de lá. Só sei que sempre que eu olho, eu me lembro de trazer uns CD’s dos Beatles aqui pra vender! Ha! Ha!... – Mas suas risadas foram abafadas por um som altíssimo de freios, borracha arrastando no asfalto e um impacto violento. Olhando rapidamente para a sua direita, eles viram na esquina, caídos, uma motocicleta, e duas pessoas no chão, uma delas, uma mulher bastante idosa.

– DONA VITÓRIA!!!! – Roberto gritou, correndo para o corpo inerte da anciã.

### A ANCIÃ

Encontrava-se perdida no limbo. Flutuava em uma silenciosa e apaziguadora escuridão. Seu corpo e sua mente estavam leves como jamais estiveram há décadas. Não havia dor. Não havia tempo. De repente, luzes começaram a tomar forma no vácuo, trazendo de volta sua consciência e seu desespero.

Estava agora na fronteira, uma linha tênue entre sua juventude e os tempos atuais, entre sua vida real e sua ruína. Via-se sangrando, caída no asfalto da Belém moderna e ao mesmo tempo podia ver a si mesma no jardim de sua poderosa família, cuja existência já havia sido esquecida séculos atrás. As imagens alternavam-se, intercalavam-se e se punham justapostas tantas vezes que causariam vertigens nas mentes mais acuradas, porém ela as compreendia e separava-as com facilidade afinal, se tratavam de sua própria vida.

Contemplava a sua juventude fútil e narcisista, e também os resultados que foram acarretados por sua natureza egoísta. Sua obsessão pela própria beleza, seu desprezo para com seus semelhantes e sua vontade extrema de viver eternamente tiveram seu preço. Observava agora aquela fatídica noite na qual seus anseios egocêntricos infelizmente foram escutados. Em meio àquele emaranhado de luzes, cores e imagens de experiências vividas, viu a noite em que, de sua janela, com a palma da mão cortada para fazer verter o seu vívido e vermelho sangue, observando a luz do luar, gritou aos ventos o quanto queria que seus vis desejos fossem realizados e sentiu uma aura maligna apoderar-se de sua pessoa, agarrando-lhe as costas ao mesmo tempo em que o grito da Rasga-Mortalha fez-se escutar à distância.

Ela imediatamente percebera o que havia ocorrido mesmo que não imaginasse a proporção que as consequências de seus atos tomariam. Teve medo. Tentou inúmeras

vezes livrar-se daquela situação e todas as suas tentativas e orações foram infrutíferas. Nunca mais dormira em paz.

Perdera sua vida, amigos, familiares e amor. Agora seus únicos companheiros eram a solidão e o desespero e assim passaram-se os anos, décadas, séculos. O seu arrependimento não permitiu que transmitisse para outras pessoas a sua vergonha de sua desgraça, pois pensou que não conseguiria morrer em paz carregando a culpa. Desta forma, sempre que a morte aproximava-se com seu sinistro véu, ela a repelia para poupar a vida de outras pessoas do fardo de sua maldição e assim sua vida foi prolongada.

Porém agora não suportaria mais, sua vida já se prolongara muito além do que deveria e seu desespero já atingira patamares muito elevados, muito mais do que ela seria capaz de suportar. Não queria mais viver, não aguentava mais a solidão. Precisava passar sua maldição adiante, e pra isso, precisava permitir-se abrir os olhos mais uma vez.

Lentamente tomou consciência da dor que sentia na perna e no braço, possivelmente quebrados, do asfalto e dos sons da cidade ao seu redor. Quando abriu os olhos viu o motoboy caído ao seu lado. Seu corpo estava de bruços, sua cabeça estava virada em um ângulo estranho e sangue escorria de dentro do capacete, ele estava morto. O cadáver, de olhos abertos a fitava como que zombando de sua pessoa por ter tido a sorte de morrer. “Merda” ela pensou, “eu ia passar pra ti, seu merda”, então olhou em volta.

Um aglomerado de pessoas reunira-se ao seu redor, e entre pessoas gritando exclamações do tipo “Se afasta, se afasta, deixa ela respirar!” e “Ela tá viva, graças a Deus!” ela reconheceu Roberto lutando para abrir espaço entre a pequena multidão que se formava.

– Dona Vitória, Dona Vitória! Meu Deus, a senhora tá bem? Olha fica tranquila, a ambulância já tá vindo! Eu vou ajudar a senhora, a senhora vai ficar bem! – Dizia o rapaz rapidamente, já aos prantos. Ela observou-o. O vendedor, na esperança de ajudar a socorrê-la, estirara-se ao asfalto para prestar ajuda e acabara “ralando” as palmas das mãos ao chão. Ela segurou uma das mãos do rapaz entre as suas, também machucadas. Sangue com sangue.

– Menino, menino, escuta, tu queres? – Ela perguntou, apenas.

– O que foi, Dona Vitória? – Ele questionou, sem entender.

– Tu queres? Só me responde “sim”, ou “não”.

– Quero o quê? Ir com a senhora na ambulância? Ajudar a senhora? Quero sim!

– Tu queres? – Insistiu já se arrependendo de ter feito a pergunta.

– Quero sim! – Respondeu, finalmente, o rapaz.

– Desculpa, meu filho! Me desculpa por isso, por favor! – Disse ela, agora começando a chorar também.

– Desculpar por que, Dona Vitória? Dona Vitória? – O rapaz tocou seu rosto, mas já era tarde demais e os olhos dela fitavam o vazio. Finalmente obtivera seu descanso eterno, finalmente abandonara o mundo que tanto lhe causara sofrimento, porém, não fora embora em paz, pois sabia que o mundo faria sofrer da mesma forma outra pessoa, uma pessoa boa.

– Tio, Tio! Ela morreu tio? – Perguntou João Henrique, chorando também.

– Morreu sim, João. – Disse Roberto, enxugando as lágrimas. Neste momento, senti um arrepio muito forte lhe percorrer o corpo, como se algo ruim o agarrasse pelas costas. Logo em seguida sua coluna “estalou” e sua hérnia de disco, pela primeira vez em muito tempo, parou de doer. E depois daquele dia, nunca mais doeria novamente.

– Tá tudo bem Tio? O que foi? – O garoto questionou ao ver seu tio tremendo.

– Não... É que eu senti tipo... É que eu... Minha costa... Não... Nada não Joãozinho. Bora, bora que eu vou desmontar a barraca e te levar pra casa. – Disse Roberto estendendo-lhe a mão.

E assim eles foram embora, no momento em que a primeira ambulância chegou.

...

Após aquele dia, muito se falou a respeito do triste acidente que levava a vida de duas pessoas, um jovem motoboy com uma família para criar e uma idosa solitária que não tivera ninguém para ouvir o sermão de seu funeral. Muitas histórias foram contadas sobre o ocorrido, porém, apesar de todos os crescimentos e avanços tecnológicos sofridos pela capital Paraense ao decorrer dos anos, o misticismo amazônico está tão intrinsecamente arraigado em nossa cultura que estas não foram as únicas histórias contadas a partir daquele dia.

Dias depois, boatos começaram a se espalhar rapidamente a respeito de um possível lobisomem no bairro da Cremação onde várias pessoas que saíram de casa após a meia-noite, nas sextas-feiras de lua cheia, afirmavam terem sido atacadas por um imenso animal que logo depois se escondia em terrenos baldios ao avistar ajuda se aproximando em auxílio de suas vítimas apavoradas. A história de lobisomem percorreu o bairro todo e inclusive alguns dos moradores mais céticos da Cremação admitiram terem avistado algo semelhante a um grande porco ou algum outro animal do tipo rondando os terrenos abandonados da vizinhança durante a noite.

Ao passo em que as pessoas da Cremação contavam tais histórias, as pessoas do bairro Batista Campos, mais precisamente, os moradores do Edifício Uirapuru, comentavam aliviados que finalmente conseguiam dormir sossegados, pois nunca mais haviam escutado os gritos de Rasga-Mortalha ou, segundo os moradores mais antigos e supersticiosos, da Matinta Perera, que há anos atormentavam os moradores das redondezas durante as noites de sexta-feira e, curiosamente, pareciam vir de um dos apartamentos do mesmo Edifício, onde costumava morar uma solitária anciã, que há pouco tempo falecera em um terrível acidente.



**André V. S. Lima** é mestre em Letras pela UNIFESSPA. Apaixonado pelas figurações do Horror e do Fantástico desde a infância, André busca em seus próprios pesadelos e vivências bizarras a inspiração para seus contos. Este professor almeja horrorizar seus leitores assim como seus próprios contos o aterrorizam. E-mail: andrevslima@gmail.com



*Ademir Pascale*  
*Escritor e Editor*

PATROCINE A

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS  
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

entre em contato:

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
01.05.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura